
MEG CABOT
A MEDIADORA
A terra das sombras
autora da série
O Diário da Princesa
galera

Capítulo 1

Disseram que lá havia palmeiras.

Eu não acreditei, mas foi o que me disseram. Disseram que já do avião eu poderia vê-las.

Eu sei perfeitamente que o sul da Califórnia há palmeiras. Não custa lembrar que não sou uma pateta completa. Eu assistia Barrados no baile e tudo. Mas era para o norte da Califórnia. Pois se a minha mãe tinha dito para eu não dar os meus suéteres...

- Não, senhora - disse ela.- Você precisa deles. Das suas capas também. Lá pode fazer frio . Talvez não como em Nova York, mas bem friozinho.

Por isso é que eu estava usando minha jaqueta de couro preto no avião. Provavelmente poderia tê -la mandado com o resto da minha mudança, mas acho que eu me sentia melhor com ela no corpo.

De modo que lá estava eu naquele avião, com uma jaqueta de motoqueira, vendo as palmeiras pela janela ao aterrissar. E pensei: genial.

Jaqueta de couro e palmeiras. Não podia estar acertando mais, exatamente como achava que ia mesmo...

...Para não dizer o contrário.

Minha mãe não gosta muito da minha jaqueta de couro, mas eu juro que não a vesti para deixá-la furiosa, ou algo assim. Não fiquei aborrecida com o fato de ela ter decidido se casar com um sujeito que vive a 4.800

quilômetros de distância, me obrigando a sair do colégio no meio do segundo ano; a abandonar a melhor - no fundo, a única- amiga que tive desde o jardim de infância; a deixar a cidade onde vivi todos os meus 16

anos.

Não mesmo. Não fiquei nada aborrecida.

Pois o fato é que eu realmente gosto do Andy, meu novo padrasto.

Ele é bom para a minha mãe. Ele a deixa feliz. E é superbonzinho comigo.

Essa história de mudar para a Califórnia é que me deixou meio fora de esquadro.

E acho até que ainda nem falei dos três filhos de Andy.

Estavam todos lá para me recebe r quando desci do avião. Minha mãe, Andy e os três filhos dele. Soneca, Dunga e Mestre. É como eu os chamo. São os meus novos meios -irmãos.

- Suze!

Mesmo se eu não tivesse ouvido minha mãe berrando meu nome quando passei pelo portão, não tinha como deixar de vê-los - minha nova família. Andy fazia os dois menores segurarem aquele enorme cartaz dizendo “Seja bem-vinda Suzannah!”. Todos os passageiros que saíam do avião passavam por ali e ficavam dizendo ”Olha só que gracinha!” e sorrindo para mim com aquele olhar enjoativo.

É isso aí. Não podia mesmo estar acertando mais. Estou acertando horrores.

- Tudo bem - fui dizendo, enquanto me aproximava depressinha da minha nova família.

- Agora podem abaixar isso aí.

Mas a minha mãe estava preocupada demais em me a braçar para prestar atenção. Ficava me dizendo: “Minha Suzinha!” Eu odeio quando alguém que não seja minha mãe me chama de Suzinha, de modo que fui logo tratando de fulminar os garotos com um olhar bem malvado, para que não alimentassem qualquer esperança. Eles ficavam só rindo para mim por cima daquele cartaz imbecil, Dunga por ser boboca demais, Mestre porque... bem, ele até que podia estar contente mesmo por me ver. O

Mestre tem dessas esquisitices. Soneca, o mais velho, ficava lá parado, com ar de... de sono, ora.

- Como foi a viagem, guria?

Andy tirou a mochila do meu ombro e botou no dele. Visivelmente, estranhou o

peso:

- Uau! O que é que você está trazendo aqui? Não sabia que é considerado crime contrabandear hidrantes de Nova York para outros estado s?

Eu sorri para ele. Andy é aquele tipo de pateta grandalhão, mas é um pateta legal. Não podia ter a menor idéia do que é crime no estado de Nova York, pois só esteve lá umas cinco vezes. E por sinal foi suficiente para convencer minha mãe a se casar com ele.

- Não é um hidrante – eu disse. – É um paquímetro. E ainda tenho mais quatro malas.

- Quatro? – Andy fingiu que estava espantado. – Você por acaso pensa que está fazendo uma mudança?

Não sei se já disse que o Andy se acha o maior comediante? Só que nã o é.

Ele é carpinteiro.

- Suze – disse Mestre, todo entusiasmado. – Você reparou que na aterrissagem a cauda do avião sacudiu um pouco? Foi uma corrente de ar ascendente. Acontece quando uma massa de ar que se move em grande velocidade vai de encontro a u ma contracorrente de vento com velocidade igual ou maior.

Mestre, o filho menor do Andy, tem 12 anos, mas parece que tem uns 40.

Na festa de casamento, ficou quase o tempo todo me falando de mutilação de cabeças de gado importadas, e que a tal da Área 51 n ão passa de uma grande farsa do governo americano, que não quer que a gente saiba que

“não estamos sós” neste universo...

- Puxa, Suzinha – minha mãe repetia. – Estou tão feliz por você ter vindo.

Você vai adorar a casa. No início não parecia que era a nos sa casa, mas agora que você está aqui... E espere só até ver o seu quarto. Andy deixou -o uma gracinha...

Antes de se casarem, Andy e minha mãe passaram semanas procurando uma

casa que tivesse pelo menos um quarto para cada filho.

Finalmente se decidiram por aquela enorme casa na colina de Carmel, que só puderam comprar porque estava em um estado lamentável, e a firma de construção para a qual o Andy costuma trabalhar a reformou por um preço supercamarada. Há dias minha mãe vinha falando sobre o meu quarto, que ela jura ser o mais bonito da casa.

- Que vista! – dizia ela a toda hora. – A sacada do seu quarto dá pra ver o mar! Puxa, Suze, você vai adorar.

Eu sabia mesmo que ia adorar. Exatamente como adoraria trocar o bagel de Nova York por brotos de alfafa, o metrô pelas pranchas de surfe e tudo o mais.

Não sei bem como nem por que, mas Dunga conseguiu abrir aquela boca e perguntou com aquela voz abobalhada:

- Gostou do cartaz?

Nem consigo acreditar que ele tem a mesma idade que eu. Mas não dava mesmo para esperar outra coisa: ele está na equipe de luta livre. A única coisa em que consegue pensar, pelo que pude perceber quando tive que ficar sentada a seu lado na festa de casamento (fiquei sentada entre ele e o Mestre, dá para sentir como a coisa fluiu), é em chaves-de-pescoço e shakes de proteína para ganhar massa muscular.

- É mesmo, grande cartaz – respondi, arrancando-o das suas manoplas e virando-o de cabeça para baixo para ninguém mais ler os dizeres.

– Podemos ir agora? Quero pegar minhas malas antes qu e alguém tenha a mesma idéia.

- Claro, claro – disse minha mamãe, dando -me um último abraço.

– Puxa, estou tão contente de te ver! Você está tão bem...

Foi então que ela disse, embora estivesse na cara que não queria dizer, mas disse mesmo assim, baixinho , para ninguém mais ouvir:

- Pensei que já tivesse falado com você sobre a jaqueta, Suze. Eu achei que você

tinha jogado esses jeans fora.

Eu estava usando meus jeans mais velhos, os que são furados nos joelhos.

Combinação dos jeans e botas com minha jaque ta preta de motoqueira e minha mochila das forças armadas me faziam parecer uma adolescente rebelde fugindo de casa num filme de TV.

Mas, puxa, para atravessar o país num avião durante oito horas, a gente tem mais é que se sentir confortável.

Foi o que eu disse, e minha mãe revirou os olhinhos e deixou pra lá. É o lado bom da minha mãe. Ela não fica insistindo, como outras mães.

Soneca, Dunga e Mestre não tem nem idéia de como são sortudos.

- Tudo bem – concordou ela. – Vamos pegar sua bagagem.

E levantando novamente a voz, chamou:

- Vamos Jake. Vamos pegar as coisas da Suze.

Ela precisou chamar Soneca pelo nome, pois ele parecia que já estava dormindo em pé. Uma vez perguntei à minha mãe se o Jake, que já está adiantado no colegial, sofre de narcolepsia ou é viciado em alguma droga, e ela estranhou que eu estivesse dizendo aquilo. É que o cara fica lá o tempo todo piscando sem falar com ninguém.

Espera aí, não é verdade. Uma vez ele realmente me disse uma coisa.

Perguntou se eu fazia parte de alguma gangue. Foi no casamento, quando me pegou do lado de fora fumando um cigarro, com minha jaqueta de couro por cima do meu vestido de dama de honra.

Vê se me esquece, tá bem? Foi o primeiro e único cigarro que eu jamais fumei. O estresse era muito grande. Eu estava preocupada como o casamento da minha mãe, ela ia se mudar para a Califórnia e podia me esquecer. Juro que nunca mais fumei nenhum cigarro.

E não me interpretem mal quando eu falo do Jake. Com seu metro e oitenta e tal,

a mesma cabeleira loura rebelde e os mesmos olhos azuis e brilhantes do pai, ele é o que a minha melhor amiga, Gina, chamaria de um pedaço.

Apenas, não é exatamente a mente mais brilhante do mundo, se é que vocês me entendem.

O Mestre continuava falando da velocidade do vento. Estava explic ando qual a velocidade necessária para que o avião possa romper a força gravitacional da Terra. É conhecida como velocidade de decolagem. Decidi então que poderia ser útil ter o Mestre por perto para os deveres de casa, mesmo eu sendo três períodos mais ad iantada que ele.

Enquanto o Mestre falava, eu ia olhando em volta. Era a primeira vez que eu ia à Califórnia, e vou dizer uma coisa: embora ainda estivéssemos no aeroporto – e não era qualquer um, mas o Aeroporto internacional de San José – já dava para sentir que não estávamos mais em Nova York. Quer dizer, para começar, era tudo limpo. Nada de sujeira, nem de bagunça, nem pichações. O saguão era todo em tons pastéis, e qualquer um sabe que a sujeira aparece mais em cores claras. Por que você acha que os n ova-iorquinos se vestem de preto o tempo todo? Nada a ver com estar na onda.

Não mesmo. É só para não precisar botar as roupas pra lavar toda vez que saímos com elas.

Mas este problema não precisa existir na ensolarada Califórnia. Pelo que eu podia perceber, a onda eram os tons pastéis. Passou por nós uma mulher vestindo calça colante de ginástica cor -de-rosa e top branco. E só.

Se aquilo era vestido a caráter na Califórnia, dava para ver que eu ia passar pelo maior choque cultural.

E sabe o que mais eu ach ei estranho? Ninguém estava brigando. Havia filas de passageiros aqui e ali, mas eles não estavam levantando a voz com os balconistas. Em Nova York, todo cliente está sempre brigando com os atendentes, não importa onde: no aeroporto, na Bloomingdales, na carrocinha de cachorro-quente, em qualquer lugar.

Aqui não. Estava todo mundo perfeitamente calmo.

E acho que eu sabia por quê. Simplesmente não me parecia que houvesse

qualquer motivo para se irritar. Lá fora, o sol se derramava nas palmeiras que eu havia visto no céu. No estacionamento havia gaivotas ciscando –

nada de pombos, gaivotas mesmo, grandes gaivotas brancas e cinzentas. E

quando fomos apanhar minha bagagem, ninguém se preocupou se os adesivos nelas combinavam com os meus canhotos. Nada disso. Tod o mundo só ficava dizendo “Até logo! Tenham um bom dia!”.

Completamente irreal.

Antes de eu viajar, a Gina (ela era minha melhor amiga no Brooklyn; bem, na verdade, a minha única amiga) tinha me dito que eu ia ver que ter três meios-irmãos tinha lá suas vantagens. E ela sabia do que estava falando, pois tinha quatro – não meios-irmãos, mas irmãos de verdade. Seja como for, não acreditei nela, assim como não havia acreditado nas pessoas que falavam de palmeiras. Mas quando o Soneca pegou duas malas minhas e o Dunga pegou as outras duas e eu não precisei carregar absolutamente nada, pois o Andy já estava com a minha mochila de mão, finalmente eu entendi do que ela estava falando: os irmãos podem ter sua utilidade. Podem carregar o que é pesado mesmo, como se n ão fosse nada.

Afinal, eu tinha feito minhas malas, e sabia o que havia nelas. Não estavam nada leves. Mas soneca e Dunga iam andando assim tipo, sem problema, vamos nessa.

De posse da minha bagagem, fomos para o estacionamento. Quando as portas automáticas se abriram, todo mundo – inclusive minha mãe – levou as mãos ao bolso para botar os óculos escuros. Aparentemente estavam todos sabendo alguma coisa que eu não sabia. Mas bastou chegar à calçada para entender o que era.

Aqui faz sol!

E não é só que faz sol – é uma luminosidade incrível, tão forte e colorida que os olhos doem. Eu também tinha os meus óculos escuros; estavam em algum lugar, mas como estava fazendo uns cinco graus caindo chuva de granizo quando eu saí de Nova York, nem me passou pela cabeça deixá-los na mão. Quando minha mãe me disse que nós íamos nos mudar – ela e Andy decidiram que era mais fácil ela se mudar, pois tinha só uma filha e trabalhava como repórter de TV, do que ele, que tinha três filhos e um negócio próprio - , ela me explicou que eu ia

adorar o norte da Califórnia.

- É lá que foram feitos todos aqueles filmes da Goldie Hawn e do Chevy Chase! – disse ela

Eu gosto da Goldie Hawn e do Chevy Chase, mas não sabia que eles tinham feito algum filme juntos.

- Lá é que se passam as histórias de todos aqueles romances do Steinceck que você leu na escola – explicou. – Você lembra, o pônei vermelho...

Não fiquei tão impressionada assim. Do pônei vermelho, só me lembrava que não havia meninas na história, embora houvesse um bocado de colin as.

E agora ali no estacionamento, passando os olhos pelas colinas ao redor do Aeroporto Internacional de San José, eu podia ver que havia mesmo muitas colinas, e que a relva nelas estava ressecada e amarelada.

Mas, espalhadas pelas colinas, havia umas árv ores diferentes de todas que eu já tinha visto. Eram achatadas no alto, como se um punho gigantesco tivesse vindo do céu e dado um murro. Mais tarde eu ficaria sabendo que eram ciprestes.

E pelo estacionamento todo, que evidentemente tinha um sistema de irrigação, havia arbustos enormes com flores vermelhas gigantescas, quase sempre ao redor das palmeiras incrivelmente altas e grossas. Depois, olhando melhor as flores, eu descobria que eram hibiscos. E os estranhos besouros que ficavam pairando em volta, co m um zumbido, não eram besouros coisa nenhuma, mas beija -flores.

-Claro – disse minha mãe quando eu observei isto. – Eles estão em toda parte. Lá em casa nós temos bebedouros para eles. Se quiser você pode pendurar um na sua janela também.

Beija-flores bebendo agüinha na nossa janela? Lá no Brooklyn os únicos pássaros que vinham até minha janela eram pombos. E minha mãe não chegava exatamente a me estimular a alimentá -los.

Meu momento de alegria com os beija -flores foi interrompido quando o Dunga de repente anunciou que ia dirigir, e se encaminhou para o assento do motorista do enorme utilitário de que no aproximávamos.

- Eu vou dirigir – disse Andy com firmeza.

- Puxa, pai – fez o Dunga. – Como é que eu vou conseguir minha carteira se você nunca me deixa praticar?

-Você pode praticar no Rambler – respondeu o Andy, abrindo a mala do Land Rover e começando a acomodar minha bagagem. – Você também Suze.

Fiquei espantada.

- Eu também o quê?

- Você pode praticar direção no Rambler, mas só tendo ao lado alguém que tenha carteira de motorista – respondeu ele, sacudindo o dedo indicador na minha direção.

Eu pisquei pra a ele.

- Não sei dirigir – disse.

Dunga soltou uma gargalhada que parecia um relincho.

- Você não sabe dirigir? – e com o cotovelo ele cutucou o Soneca , que estava recostado na lateral do carro, com o rosto voltado para o Sol. – Olha aí, Jake, ela não sabe dirigir!

- Não é tão incomum assim que um nova -iorquino não tenha carteira de motorista, Brad – disse Mestre. – Você não sabe que Nova York tem tráfego mais pesado de todo o país, com uma população de mais de 13

milhões de pessoas num período de 6.400 quilômetros que vai de Connecticut, passando por Long Island? E que sua ampla malha de metrô, ferrovias e ônibus atende a um bilhão e setecentos milhões d e usuários anualmente?

Todo mundo ficou olhando para o Mestre. Até que minha mãe conseguiu dizer, modestamente:

- Eu nunca ando de carro na cidade.

Andy fechou a porta traseira do Land Rover.

- Não se preocupe, Suze – disse ele. – Vamos te matricular sem demora numa auto-escola. - - Num piscar de olhos você vai se equiparar ao Brad.

Eu olhei para Dunga. Jamais teria imaginado que alguém pudesse dizer que eu ainda precisava me equiparar ao Brad em alguma coisa.

Mas dava para ver que muitas surpresas ainda me esperavam. As palmeiras tinham sido apenas o começo. No trajeto para casa, que ficava a uma hora do aeroporto – e uma hora que não se passava nada rápido, espremida que eu estava entre o Dunga e o Soneca, com Mestre empoleirado em cima da minha bagagem lá atrás e sem parar de discorrer sobre as maravilhas do departamento de trânsito da cidade de Nova York, - eu comecei a me dar conta de que as coisas seriam diferentes do que eu imaginara, e com certeza diferentes de tudo a que eu estava acostumada.

E não apenas porque eu passaria a viver do outro lado do continente. Não só porque, para qualquer lado que eu olhasse, via coisas que nunca havia visto em Nova York: quiosques de beira de estrada vendendo alcachofras e romãs a um dólar a dúzia; quilômetros e quil ômetros de vinhedos se enroscando infundávelmente em caramanchões; plantações de limão e abacate; toda uma vegetação de um verde deslumbrante que eu nem era capaz de identificar. E por cima de tudo aquilo, um céu tão azul, tão vasto, que o enorme balão de gás que ia passando lá adiante parecia incrivelmente minúsculo – como um botão no fundo de uma piscina olímpica.

E além do mais havia o mar, que aparecia tão de repente diante dos nossos olhos que de início eu não reconheci, achando que era apenas mais uma plantação. Até que eu notei que aquela plantação estava brilhando, refletindo o sol e me enviando pequenas mensagens de SOS em código Morse. A luz era tão resplandecente que ficava difícil olhar sem óculos escuros. Mas lá estava ele, o Oceano Pacífico... enorme, quase tão vasto quanto uma coisa viva e pulsante se projetando contra uma tira de praia em forma de vírgula.

Como eu era de Nova York, só muito raramente tinha visto o mar, pelo menos com praia. Fiquei mesmo de boca aberta quando o vi, era mais fo rte do que eu. E quando meu queixo caiu todo mundo parou de falar – exceto Soneca, claro, que estava dormindo.

- Que foi? – perguntou minha mãe, espantada. – Que aconteceu?

- Nada – respondi. Eu estava sem graça. Claro que todos ali estavam acostumados a ver o mar. Iam pensar que eu era uma aberração, ficando tão impressionada com aquilo.

– Nada não, é só o mar.

- Ah, sim – disse minha mãe. – É mesmo, não é lindo?

Aí foi a vez do Dunga:

-Ondas muito maneiras. Vou à praia antes do jantar.

-Só depois de terminar aquele trabalho – cortou o pai.

-Poxa, paiêee!...

Foi a deixa para minha mãe começar a fazer uma longa e detalhada descrição do colégio para o qual eu ia, o mesmo que era freqüentado por Soneca, Dunga e Mestre. O colégio, batizado com o nome de Junipe ro Serra, um espanhol que chegou no século XVIII e obrigou os indígenas americanos que já viviam na região a trocar sua religião pelo cristianismo, era na realidade um gigantesca missão construída com tijolos crus, que todo ano atraía vinte mil turistas ou coisa parecida.

Na realidade eu não estava ouvindo o que minha mãe dizia. Meu interesse pela escola sempre foi mais ou menos igual a zero. O único motivo pelo qual eu não pudera mudar -me para cá antes do Natal é que não havia vaga para mim no Colégio da Missão; tive então de esperar o semestre seguinte para aparecer alguma coisa. Mas não me importei –

acabei morando com minha avó, além de ser uma excelente advogada criminal, é uma cozinheira de mão cheia.

Eu ainda estava me recuperando da impressão causad a pelo mar, que havia desaparecido por trás das colinas. Eu ficava esticando o pescoço, na esperança de dar mais uma olhadela, e de repente me ocorreu... E eu disse:

- Espera aí. Quando esse colégio foi construído?

- No século XVIII – respondeu Mestre. – As missões, implantadas pelos

franciscanos de acordo com as normas da Igreja Católica e do governo espanhol, foram criadas não só para cristianizar os indígenas americanos mas também para torná-los comerciantes bem preparados no contexto da sociedade espanhola. Inicialmente, a missão servia como...

- Século XVIII? – insisti, inclinando-me para a frente. Eu estava espremida entre o Soneca (cuja cabeça já estava repousando no meu ombro, de tal modo que eu era capaz de dizer, só respirar, que ele usava xampu Fi nesse) e Dunga. A Gina não tinha me dito nada sobre o espaço que os garotos são capazes de ocupar, e que não é pouca coisa não, quando eles passam do metro e oitenta de altura e podem pesar algo em torno de 90 quilos.

– Século XVIII?

Minha mãe deve ter percebido o pânico na minha voz, pois virou -se no assento da frente e disse, com sua voz suave:

- Suze, nós já conversamos sobre isto. Eu te expliquei que no colégio Robert Louis Stevenson a lista de espera é de um ano e você me disse que não queria ir para um colégio só de menina, de modo que o Sagrado Coração fica descartado e o Andy ficou sabendo de histórias terríveis de drogas e violência nos colégios públicos aqui da região...

- Mas, século XVIII? – insisti, já sentindo meu coração bater forte, como se estivesse correndo. – Isto quer dizer que ele tem trezentos anos!

- Não estou entendendo – disse o Andy.

Já estávamos atravessando a cidadezinha de Carmel -sobre-o-Mar, cheia de chalés pitorescos – alguns deles com telhados de palha – e pequenos restaurantes e galerias de arte cheios de charme. Andy tinha de dirigir com cuidado, pois as ruas estavam cheias de carros com placas de outros estados e não havia sinais luminosos, algo de que os moradores por algum motivo se orgulhavam

- O que há de tão errado com o século XVIII? – ele quis saber.

Minha respondeu, sem a menor inflexão na voz – aquela voz que eu chamo de voz de más notícias, a que ela usa na televisão para noticiar desastres de avião e assassinatos de crianças:

- Suze nunca gostou muito de prédios ant igos.

- Ah – fez Andy. – Então é provável que ela não goste da casa.

Eu me agarrei no encosto de cabeça do assento dele.

-Por quê? – perguntei numa voz seca. – Por que não vou gostar da casa?

É claro que eu percebi o motivo assim que chegamos. A casa era e norme e inacreditavelmente bonita, com direito a torrinhas de estilo vitoriano e uma plataforma-mirante no telhado. Minha mãe mandara pintá -la de azul, branco e creme, e ela era cercada de grandes pinheiros frondosos e arbustos floridos por toda parte. Com três andares, toda construída em madeira e não a terrível combinação de vidro e aço ou a terracota de que eram feitas as casas ao redor, pode-se dizer que era a casa mais charmosa e de bom gosto da vizinhança.

Mas eu não queria pisar lá dentro.

Quando concordei em me mudar para a Califórnia com minha mãe, eu sabia que teria de enfrentar muitas mudanças. As alcachofras à beira da estrada, as plantações de limão, o mar... nada disso tinha importância. No fundo, a maior mudança seria ter de compartilhar minh a mãe com outras pessoas. Desde que o meu pai morrera há dez anos, éramos só nós duas. E

eu tenho orgulho de reconhecer que gostava das coisas desse jeito. Na realidade, se não fosse pelo fato de que o Andy tão evidentemente fazia a minha mãe feliz, eu teria fincado pá e dito não à mudança.

Mas era impossível simplesmente olhar para os dois – Andy e minha mãe –

e não ver logo de cara que babavam completamente um pelo outro. E que tipo de filha eu seria se dissesse “nem pensar”? De modo que eu aceitei o Andy, aceitei seus três filhos e aceitei o fato de que teria de deixar para trás tudo que eu tinha e amava – minha melhor amiga, minha avó, os bagels, o bairro do SoHo – para dar à minha mãe a felicidade que ela merecia.

Mas eu ainda não tinha parado para pens ar realmente no fato de que, pela primeira vez na minha vida, ia morar numa casa.

E não uma casa qualquer, e sim, como ia dizendo o Andy cheio de orgulho

enquanto tirava minha bagagem do carro e entregava aos filhos, um casarão que havia funcionado como es talagem no século XIX. Construído em 1849, ele aparentemente tinha uma péssima reputação na época. No salão principal havia ocorrido tiroteios por causa de jogos de cartas e mulheres. Ainda era possível ver os buracos das balas. Um deles, inclusive, havia sido emoldurado pelo Andy. Ele confessava que era um pouco mórbido, mas argumentavam que não deixava de ser interessante. E

apostava que estávamos morando na única casa da colina de Carmel que tinha um buraco de bala feito no século XIX.

- Hummm, eu disse. E aposto que era verdade.

Enquanto subíamos os muitos degraus até a varanda da frente, minha mãe ficava olhando para mim. Eu sabia que ela estava apreensiva com o que eu ia pensar. E eu estava mesmo meio danada com ela por não ter me avisado. Mas acho que posso entender por que ela não disse nada. Se ela tivesse me dito que tinha comprado uma casa com mais de cem anos, eu não teria mudado para lá. Teria ficado com a vovó até chegar a hora de entrar na faculdade.

Pois o fato é que a minha mãe tem toda raz ão: eu não gosto de construções antigas.

Embora desse para ver que em matéria de prédios antigos, aquele era realmente especial... De pé na varanda, a gente podia ver toda Carmel lá embaixo, a cidadezinha, o vale, a praia, o mar. Era uma vista sensacional, e muita gente estaria disposta a pagar milhões para tê -la – e na verdade pagava mesmo, a julgar pelo luxo das casas em volta; uma vista para ninguém botar defeito.

Ainda assim, quando minha mãe me chamou para ver meu quarto, eu tremi um pouco nas bases.

A casa era tão bonita por dentro, quanta por fora, toda alegre com seus amarelos e azul e seus alaranjados brilhantes. Eu logo reconheci as coisas da minha mãe, o que me fez sentir um pouco melhor. Lá estavam os livros da minha mãe, nas prateleiras embutida s na saleta. Suas plantas, por cujo transporte ela pagara tão caro, por não conseguir se separar delas, estavam em toda parte, em tripés de madeira, penduradas em frente às janelas, encarrapitadas no alto do corrimão da escada.

Mas também havia coisas que eu não estava reconhecendo: um belo de um computador branco na escrivaninha que minha mãe costumava usar para assinar cheques e pagar as contas; uma televisão de tela grande absurdamente enfiada numa lareira de saleta, com fios ligando -a a uma espécie de videogame; pranchas de surfe encostadas na parede ao lado da porta que dava para a garagem; um enorme cachorro babão, que parecia convencido de que eu trazia comida nos bolsos, onde não parava de enfiar seu enorme focinho úmido.

Todas essas coisa pareciam estranhamente masculinas, objetos estranhos no tipo de vida que eu e minha mãe tínhamos cultivado. Ia ser necessário algum tempo para eu me acostumar a elas.

Meu quarto ficava no primeiro andar, bem em cima do telhado da varanda.

Durante todo o percurso do aeroporto minha mãe ficara falando agitada sobre o assento que o Andy tinha instalado na janela de três fazes projetada para fora, do tipo conhecido como bay window. A janela dava para a mesma vista que a varanda, aquela paisagem impressionante que abarca va toda a península. Era mesmo uma gracinha da parte deles me darem um quarto tão bom, o quarto com a melhor vista da casa.

E quando eu vi a trabalheira que eles tiveram, para que eu me sentisse em casa naquele quarto (ou pelo menos para que alguma garota excessivamente feminina e fantasmagórica se sentisse em casa... não, eu...

Eu nunca tinha sido do tipo penteadeira -com-tampo-de-vidro-e-telefone-cor-de-rosa), quando vi que o Andy mandara botar papel de parede creme com miosótis por cima dos intrincados la mbris brancos ao longo das paredes; que as paredes do meu banheiro particular eram recobertas pelo mesmo papel; e que eles tinham comprado uma cama nova para mim –

uma cama com armação de quatro colunas e dossel de rendas, do tipo que minha mãe sempre quisera me dar e dessa vez não pudera resistir, eu me sentia culpada pela maneira como me havia comportado no carro.

Realmente me senti. Caminhando pelo quarto, eu dizia a mim mesma: tudo bem, não é tão ruim assim. Por enquanto você está na boa. Talvez tudo dê certo, talvez ninguém tenha sido infeliz nesta casa, talvez aquelas pessoas todas que levaram tiros merecessem mesmo...

Até que me virei para a janela e vi que alguém já estava aboletado no assento que o Andy fizera para mim com tanto carinho.

Era uma pessoa que não era minha parenta, nem de Soneca, Dunga ou Mestre.

Voltei-me para o Andy, para ver se ele tinha notado a presença do intruso. Mas ele não tinha, embora a pessoa estivesse bem ali, bem diante do seu rosto.

Minha mãe também não a havia visto. Ela só estava vendo o meu rosto.

Desconfio que a minha expressão não devia ser das mais agradáveis, pois a expressão da minha mãe mudou completamente, e ela disse, num suspiro:

- Ah, Suze, outra vez?!...

Capítulo 2

Vou ter de explicar. É que eu não sou exat amente como qualquer garota de 16 anos.

Quer dizer, acho que eu pareço bastante normal. Não uso drogas, nem bebo, nem fumo – tudo bem, só daquela vez em que o Soneca me pegou.

Não tenho nenhum piercing, só furos nas orelhas, e só um em cada lóbulo.

Não tenho nenhuma tatuagem. Nunca pintei o cabelo. À parte minhas botas e minha jaqueta de couro, não exagero no preto. Nem uso esmalte escuro nas unhas. No final das contas, sou uma adolescente americana perfeitamente normal e comum.

Só que eu falo com os mortos .

Talvez não devesse dizer assim. Talvez devesse dizer que os mortos é que falam comigo. Quer dizer, eu não ando por aí procurando esse tipo de conversa. Na realidade, tento evitar essa coisa toda o mais que posso.

Mas o negócio é que às vezes eles não me largam.

Estou me referindo aos fantasmas.

Não acho que eu seja maluca. Pelo menos não mais maluca que qualquer outra

adolescente de 16 anos. Suponho que posso parecer maluca para certas pessoas. A maioria do pessoal no bairro onde eu morava certamente achava isto. Que eu era biruta. Mais de uma vez puseram os conselheiros da escola para cuidar de mim. Às vezes chego a pensar que talvez até fosse mais fácil simplesmente deixar que me trancafiassem.

Mas mesmo no nono andar de Bellevue - que é onde eles trancafiam os loucos em Nova York - eu provavelmente ainda não estaria a salvo dos fantasmas. Eles me achariam.

Eles sempre me acham.

Ainda me lembro do primeiro. Lembro -me dele com a mesma clareza das minhas outras lembranças daquela época, o que significa que não me lembro muito bem, pois tinha apenas cerca de dois anos. Acho que me lembro tão bem quanto me lembro de ter livrado um camundongo das garras do nosso gato, mantendo -o protegido em meus braços até que minha mãe, horrorizada, o arrancasse das minhas mã os.

Puxa vida, eu só tinha 2 anos, tá? Na época, ainda não sabia que a gente devia ter medo de ratos. Nem de fantasmas, por sinal. Por isso é que, quatorze anos depois, nenhum dos dois me assusta. Talvez me espantem, às vezes. E certamente me chateiam um b ocado. Mas me dar medo?

Nunca.

A aparição, exatamente como o camundongo, era pequeno, cinzenta e desprotegida. Até hoje não sei quem era. Mas eu falei com ela, algum tatibitate de bebê q ela não entendeu. Os fantasmas não entendem crianças de dois anos, como aliás ninguém entende. Ela só ficou me olhando tristemente do alto da escada do nosso prédio. Acho que eu estava com pena dela, assim como tivera pena do camundongo, e queria ajudá -la. Só não sabia como. De modo que fiz o que qualquer criança de dois an os faria. Corri para a minha mãe.

Foi então que aprendi minha primeira lição a respeito dos fantasmas: só eu sou capaz de vê-los.

Quer dizer, é claro que outras pessoas também podem vê -los. Caso contrário, não teríamos casas mal -assombradas, histórias de fantasmas, seriados de mistério e tudo o mais. Mas existe uma diferença. A maioria das pessoas que

vêem fantasmas, só vêem um. Já eu vejo todos os fantasmas.

Todos mesmo. Qualquer um. Qualquer pessoa que tenha morrido e por algum motivo ainda esteja por aí, em vez de ir para onde deveria ir, eu sou capaz de ver.

E posso lhe garantir que isto significa um bocado de fantasmas.

No mesmo dia em que eu vi meu primeiro fantasma também descobri que a maioria das pessoas - até mesmo minha mãe - não consegue vê-los. E aliás ninguém que eu tenha conhecido consegue. Ou pelo menos ninguém confessa.

O que me faz lembrar da segunda coisa que aprendi sobre os fantasmas naquele mesmo dia, há quatorze anos: no fim das contas, é sempre melhor não dizer que você viu um fantasma . Ou, no meu caso, qualquer fantasma.

Não estou dizendo que minha mãe entendeu que eu estava apontando para um fantasma ao mesmo tempo que balbuciava umas coisas incompreensíveis naquela tarde quando tinha 2 anos. Duvido que ela soubesse. Provavelmente pen sou que eu estava querendo dizer alguma coisa sobre o camundongo que ela havia tirado de mim naquela manhã.

Mas ela parecia descontraída lá no alto da escada e concordou com a cabeça dizendo:

-Rã-rã... Escuta, Suze. O que vai querer para o almoço? Queijo q uente?

Atum?

Eu não esperava exatamente uma reação semelhante à que ela teve no caso do camundongo. Minha mãe, que na época também estava cuidando do bebê de uma vizinha, soltara um berro daquelas ao ver o camundongo nos meus braços e berrara mais alto ain da quando eu anuncie orgulhosamente que agora também tinha o meu bebê - e hoje eu me dou conta de que ela podia não ter entendido, já que não sacou a história do fantasma.

Mas eu esperava pelo menos que ela percebesse aquela coisa que eu estava flutuando no alto da escada. Diariamente estavam me dando explicações sobre praticamente tudo que eu encontrava pela frente, dos hidrantes às instalações elétricas. Por que não sobre aquela coisa no alto da escada?

Mas quando eu estava comendo o meu queijo qunte, um pouco depois, entendi que minha mãe não havia explicado nada sobre aquela coisa cinzenta porque eu não a tinha visto. Para ela, a coisa não estava lá.

Com dois anos de idade, isto não me pareceu absurdo. Na época, pareceu simplesmente mais uma coisa q torn ava as crianças diferentes dos adultos.

As crianças tinham de comer legumes até o fim. Os adultos não precisavam. As crianças podiam andar no carrossel no parque. Os adultos, não. As crianças podiam ver as coisas cinzentas. Os adultos não conseguiam.

E embora eu estivesse apenas dois anos, entendi que aquela coisinha cinzenta no alto da escada não deveria ser comentada. Não deveria ser comentada com ninguém. Nunca.

E eu nunca comentei. Nunca falei com ninguém sobre o meu primeiro fantasma, nem nunca comente i com ninguém sobre as centenas de fantasmas que viria a encontrar nos anos seguintes. E no fim das contas, comentar o quê? Eu os via. Eles falavam comigo. Na maioria das vezes, eu não entendia o que eles estavam dizendo, o que queriam, e geralmente eles iam embora. Ponto final.

Provavelmente a coisa teria continuado assim indefinitivamente se meu pai não tivesse morrido de repente.

Isso mesmo. Simples assim. Lá estava ele um belo dia na cozinha, cozinhando e contando piadas como sempre fazia, e no dia segu inte tinha partido.

E durante toda a semana que se seguiu à sua morte - que eu passei na varanda em frente ao nosso prédio, esperando meu pai voltar para casa - as pessoas ficavam me dizendo a toda hora que ele nunca voltaria.

Claro que eu não acreditava. e por que havia de acreditar? Meu pai não ia voltar? Eles tinham ficado malucos. Tudo bem, ele podia ter morrido. Esta parte eu tinha pego. Mas certamente ia voltar. Quem ia me ajudar com o dever de matemática? Quem ia acordar cedo comigo nos sábados para fazer waffles e ver desenhos animados? Quem ia me ensinar a dirigir quando eu tivesse 16 anos, como ele havia prometido? Meu pai podia ter morrido, mas com toda certeza eu voltaria a vê -lo. Todo dia eu estava vendo uma quantidade de pessoas mortas. Por que não haveria de ver o meu pai?

E no fim eu estava certa. Puxa vida, meu pai tinha morrido. Quanto a isto não havia a menor dúvida. Ele morreu de um enfarte fulminante. Minha mãe mandou cremar seu corpo, e guardou suas cinzas numa antiga caneca de cerveja alemã - aquela com alça. Meu pai adorava a cerveja. Ela botou a caneca numa prateleira bem alta, onde o gato não pudesse derrubá -la, e às vezes, quando achava que eu não estava por perto, eu a surpreendia conversando com ela.

Isto me deixava muito triste. Q uer dizer, ela não tinha culpa. Se estivesse na situação dela, sem saber o que eu sabia, provavelmente eu também conversaria com a caneca.

Mas, como você vê, era aí que todas aquelas pessoas do meu quarteirão se enganavam. Meu pai estava morto, é verdade. Mas eu realmente voltei a vê-lo.

Na realidade, é provável que o veja mais hoje em dia do que quando ele estava vivo. Quando estava vivo, ele tinha de ir ao trabalho quase todo dia.

Agora que está morto, já não tem muito o que fazer. De modo que o vejo um bocado. Às vezes até demais, no fundo. O passatempo favorito dele é aparecer de repente quando eu menos espero. É meio chato.

Foi meu próprio pai que finalmente me explicou tudo. De modo q num certo sentido é bom que ele tenha morrido, pois de outra forma e u nunca ficaria sabendo.

Na verdade, não é bem verdade. Certa vez, uma cartomante de tarô disse algo a respeito. Foi numa festa na escola. Eu só fui porque a Gina não queria ir sozinha. Para mim ia ser uma chatice, mas acabei indo porque é para essas coisas q servem as melhores amigas. A mulher - Zara, médium vidente - leu as cartas da Gina, dizendo exatamente o que ela queria ouvir: você terá muito sucesso, será neurocirurgiã, vai se casar com 30 anos, terá três filhos, blablablá. Quando ela acabou, eu me levantei para ir embora, mas Gina insistiu em que Madame Zara também lesse cartas para mim.

Você pode imaginar o q aconteceu. Madame Zara leu as cartas uma vez, ficou confusa, embaralhou-as e leu de novo. Depois olhou para mim:

- Você fala com os mortos - disse ela.

Gina ficou agitada:

-Meu Deus do céu! Meu Deus! É mesmo? Suze, você ouviu isso? Você é capaz de falar com os mortos! Você também é médium!

-Médium não - atalhou Madame Zara - Mediadora.

Gina ficou com ar de absoluto espanto.

-O quê? Que diabo é isso?

Mas eu sabia. Não sabia que nome davam, mas sabia o que era. Meu pai não tinha explicado as coisas exatamente daquela maneira quando falou comigo, mas de qualquer modo eu peguei a raiz da questão: simplesmente eu sou o contato para praticamente todo mundo q estica as canelas deixando as coisas... digamos, incompletas. E aí, quando posso, eu ajeito as coisas.

É a única maneira que eu consigo explicar a coisa. Não sei por que fui ter tanta sorte - quer dizer, nas outras coisas eu sou tão normal. Bom, quase... Simplesmente e infelizmente tenho essa capacidade de me comunicar com os mortos.

Mas não qualquer um morto. Só os que estão infelizes.

Você já entendeu então que nos últimos 16 anos a minha vida tem sido mesmo um mar de rosas.

Imagine só, ser assombrada - literalmente assombrada - pelos mortos, a cada minuto de cada dia da sua vida. Não é nada agradável. Você vai ali na lanchonete tomar um refrigerante... opa, falecido na esquina. Alguém o baleou. E se você puder levar os tiras ao sujeito que faz aqu ilo, ele pode finalmente descansar em paz.

E tudo que você queria era um refrigerante.

Ou você vai à biblioteca... e pá, lá vem o fantasma de uma dona de livraria querendo que você vá dizer ao sobrinho dela que está furiosa com a maneira como ele passou a tratar os gatos depois que ela bateu as botas.

E esses são só os caras que sabem por que ainda estão rondando por aí. A metade deles não tem a menor idéia de por que ainda não foram para o tipo de vida que os esperava depois que morreram.

O que não deixa de ser um saco, claro, pois eu sou a boboca que tem de ajudá-los a tomar rumo.

Eu sou a mediadora.

Pode crer que não é o destino que eu desejaria a ninguém.

Não se pode dizer que nesse campo da mediação as recompensas sejam generosas. Ninguém nunca se deu a o trabalho de me oferecer um salário ou coisa parecida. Nem sequer um pagamento por hora. Só aquele calorzinho gostoso, de vez em quando, quando você faz alguma coisa boa para alguém. Como por exemplo, dizer a uma garota que não conseguiu se despedir do avô antes de ele morrer que ele realmente a ama, e a perdoa por aquela vez em que ela jogou fora sua coleção de selos. Esse tipo de coisa realmente pode acalentar o coração.

A maioria das vezes, no entanto, são mesmo calafrios o tempo todo.

Além do estresse - estar sendo o tempo todo atormentada por gente que só você consegue ver -, o fato é que muitos fantasmas são estúpidos à beça.

Isso mesmo. São chatos de dor. Esses são em geral os que realmente querem ficar mesmo rondando aqui neste mundo em vez de segui rem para o outro. Provavelmente eles sabem que por seu comportamento na vida mais recente não podem esperar muito boa coisa na que está por vir. De modo que ficam por aí atazanando as pessoas, batendo portas, fazendo barulho com os objetos, provocando frio , gemendo. Você sabe do que eu estou falando. A velha história de fantasmas...

Mas é que às vezes eles são bem brutos. É quando tentam machucar as pessoas. De propósito. É aí que em geral eu fico danada. É quando me dá vontade de dar um pontapé no traseiro de um fantasma.

E era isso que minha mãe estava falando quando disse aquela frase - "Ah, Suze, outra vez?!..." Quando eu chuto os fundilhos de um fantasma, as coisas tendem a ficar um pouco... complicadas.

Não que eu tivesse a menor intenção de bagunçar m eu novo quarto. Por isto é que dei as costas para o fantasma sentado perto da minha janela e disse:

- Deixa pra lá, mãe. Está tudo bem. O quarto é maravilhoso. Obrigada mesmo.

Deu para ver que ela não estava acreditando em mim. Não é nada fácil enganar minha mãe. Eu sei que ela está desconfiando que há alguma coisa comigo. Simplesmente ela não consegue imaginar o quê. O que provavelmente é bom, pois do contrário todas as certezas dela ficariam abaladas demais. Sabe como é, ela é repórter de televisão. Só ac redita no que vê. E fantasmas ela não consegue ver.

- Que bom, que bom que você gostou - disse ela. - Eu estava meio preocupada. Isto é, sabendo como você não gosta... bem, de lugares antigos.

Lugares antigos são os piores para mim porque quanto mais velha for uma construção, mais chances haverá de que alguém tenha morrido nela e de que ele ou ela ainda estejam rondando por ali, em busca de justiça ou ...

querendo transmitir alguma mensagem final a alguém. Para você ficar sabendo, isto resultou em alguns la nces dos mais interessantes, na época em que minha mãe e eu estávamos procurando apartamento na cidade. A gente entrava naqueles apartamentos que pareciam perfeitamente OK, e eu começava a dizer "Não, não, de jeito nenhum" sem uma razão aparentemente que eu pudesse explicar. É mesmo um espanto que minha mãe não tenha me despachado depressinha para um internato.

- Na boa, mamãe - disse eu. - Muito bom. Adorei.

Ouvindo ido, Andy começou a zanzar agitado pelo quarto, mostrando -me que as luzes podiam ser acesas e apagadas com palmas (ai, meu deus...) e vária outras gracinhas que ele havia providenciado. Eu ia atrás dele, mostrando que estava encantada, mas tomando o cuidado de não olhar na direção do fantasma. Era mesmo comovente ver como o Andy queria me ver feliz. E como ele parecia querer tanto, eu estava decidida a ser mesmo feliz. Ou pelo menos tão feliz quanto é possível para uma pessoa como eu.

Depois de um certo tempo, Andy já não tinha mais o que me mostrar e saiu para começar a preparar o churrasco, poi s em homenagem à minha chegada teríamos um jantar especial. Soneca e Dunga foram "pegar uma onda" enquanto não chegava a hora e Mestre, balbuciando misteriosamente alguma coisa sobre uma "experiência" em que estava trabalhando, meteu -

se em alguma outra parte da casa, deixando-me sozinha com minha mãe...

quer dizer, mais ou menos.

- Está tudo bem mesmo, Suze? - quis saber ela. - Eu sei que é uma mudança muito grande. Sei que é pedir muito de você...

Eu tirei minha jaqueta de couro. Não sei se já disse, mas e stava quente à beça para o mês de janeiro. Uns 25 graus. Eu quase havia torrado no carro.

- Está tudo bem, mãe - respondi. - Mesmo.

- Estou querendo dizer que pedir que você se separasse da vovó, da Gina, de Nova York... Foi egoísmo meu, eu sei. Sei que as coisas não têm sido...

como dizer, fáceis para você. Especialmente desde que papai morreu.

Minha mãe gostava de pensar que o motivo pelo qual eu não sou a adolescente tradicional do jeito que ela era quando tinha a minha idade -

ela era chefe de torcida, rainha de beleza, tinha montes de namorados e coisas do tipo - é por eu ter perdido meu pai tão cedo. Ela culpa a morte dele por tudo, desde o fato de eu não ter amigos - como exceção da Gina -

até minhas eventuais demonstrações de comportamento bizarro.

E acho mesmo que muitas coisas que fiz no passado podiam parecer bem bizarras para alguém que não soubesse por que eu estava agindo daquela maneira, ou que não pudesse ver para quem eu estava fazendo aquilo.

Muitas vezes fui apanhada em lugares onde não dev eria estar. Algumas vezes cheguei a ser levada para casa pela polícia, acusada de invasão de propriedade, vandalismo ou arrombamento.

E embora nunca tenha sido condenada por nada, já passei muitas horas no consultório da terapeuta da minha mãe, ouvindo que esta minha tendência para falar comigo mesma é perfeitamente normal, mas que provavelmente o mesmo não se pode dizer da minha inclinação para conversar com pessoas que não estão presentes.

O mesmo quanto à minha aversão a qualquer edifício que não tenha s ido construído nos cinco últimos anos.

O mesmo quanto ao número de horas que costumo passar em cemitérios, igrejas, templos, mesquitas, casas ou apartamentos (trancados de outras pessoas e na escola depois do horário.

Acho que os garotos do Andy devem ter ouvido falar alguma coisa sobre isto, daí aquela pergunta sobre andar em gangues. Mas, como disse, nunca tive de cumprir nenhuma pena por nada.

E as duas semanas de suspensão na oitava série nem chegaram a ser notadas em minha caderneta.

De modo que não era de estranhar que minha mãe estivesse ali sentada na minha cama, falando de "começar de novo" e coisas assim. Não deixava de ser estranho que ela o estivesse fazendo enquanto aquele fantasma estava sentado ali a alguns passos apenas, nos observando. Mas não importa. Parecia que ela tinha necessidade de falar sobre como as coisas iam ser muito melhores para mim lá na Califórnia.

E se era isto que ela queria, eu ia fazer tudo que tivesse ao meu alcance para satisfazê-la. Já tinha resolvido não fazer nada que pudesse acabar me levando para a cadeia, o que já era um bom começo.

- Bom - fez minha mãe, já meio sem fôlego depois de todo aquele discurso para dizer que eu não ia fazer amigos se não fosse simpática. - Então, se você não quer ajuda para desfazer as ma las, acho que vou ver como é que o Andy está se saindo com o jantar.

Além de ser capaz de construir praticamente qualquer coisa, o Andy era um excelente cozinheiro, o que minha mãe certamente não era nem longe.

Eu respondi:

- Isso aí, mãe. Faça isso. Vou s ó me ajeitar um pouco aqui e daqui a pouco desço.

Minha mãe concordou e se levantou - mas não ia me deixar escapulir assim tão facilmente. No momento em que ia passar pela porta, voltou -se e disse, com os

olhos azuis cheios de lágrimas:

- Eu só quero que você seja feliz, Suzinha. É a única coisa que eu sempre quis. Você acha que vai ser feliz aqui?

Eu dei um abraço nela. Quando estou com minhas botinas, tenho a mesma altura que ela.

- Claro, mãe - respondi. - É claro que vou ser feliz aqui. Já estou me sentindo em casa.

- É mesmo? - fez minha mãe, fungando. - Jura?

- Juro.

E eu não estava mentindo, pois se no meu quarto no Brooklyn também havia fantasmas o tempo todo...

Ela saiu e fechou a porta. Esperei até que não estivesse mais ouvindo os passos dela na escada e então me voltei.

-OK - fui dizendo para aquela presença no assento da janela - Quem diabos é você?

Capítulo 3

Se eu dissesse que o cara ficou surpreso de ser interpelado daquela maneira, estaria muito longe de dar idéia da reação dele. Ele não fi cou apenas surpreso. Chegou até a olhar ao redor para ver se era com ele mesmo que eu estava falando.

Mas é claro que a única coisa que havia atrás dele era a janela e, além dela, aquela vista inacreditável da Baía de Carmel. De modo que acabou se voltando para mim e deve ter visto que meu olhar estava grudado no seu rosto, pois suspirou "Nombre de Dios" de um jeito que provavelmente faria desmaiar a Gina, que tem um fraco por latinos.

- Não adianta invocar seus espíritos superiores - comuniquei-lhe, arrastando a cadeira com bordados cor -de-rosa para minha nova penteadeira e sentando-me nela, de frente para o encosto. - Se ainda não notou, Ele não está prestando muita

atenção em você. Caso contrário, não o teria deixado por aqui apodrecendo todos estes anos. .. - e então dei uma olhada mais firme nas suas roupas, que pareciam muito com algo saído do velho oeste. - Quantos anos mesmo?... Uns cento e cinqüenta anos? Já passou mesmo este tempo tudo desde que você bateu as botas?

Ele me olhou fixamente com seus ol hos negros e úmidos. E perguntou, com uma voz rouca por falta de uso:

- Que quer dizer... bateu as botas?

Eu não pude deixar de revirar os olhos de impaciência. E traduzi:

- Esticou as canelas. Dobrou o Cabo da Boa Esperança. Foi desta pra melhor.

Quando vi por sua expressão de perplexidade que ele continuava sem entender, finalmente eu disse, algo inesperado:

- Morreu.

- Ah - fez ele. - Morri.

Mas em vez de responder a minha pergunta, ele balançou a cabeça.

- Não estou entendendo - disse, com ar de espanto . - Não entendo como você consegue me ver. Durante todos esses anos, ninguém nunca...

- Claro - fui cortando, pois como você já deve estar sabendo estou cansada de ouvir este tipo de coisa. - Olha só, os tempos mudaram um bocado, sabia? Então, qual é a sua?

Ele piscou com aqueles enormes olhos negros. Suas pestanas eram mais longas que as minhas. Não é sempre que eu dou de cara com um fantasma que também é uma graça, mas aquele cara... caramba, ele devia ter sido alguma coisa quando vivo, pois ali estava el e morto e eu já estava querendo adivinhar como eram as coisas por baixo da camisa branca que usava, bem aberta, mostrando um bocado o peito, e até um pouco do abdômen. Será que fantasma também faz abdominal? Era o tipo da coisa que eu nunca tivera oportuni dade - ou vontade - de explorar até então.

Não que eu fosse me deixar perturbar por esse tipo de coisa àquela altura dos acontecimentos. Afinal de contas, sou uma profissional.

- A minha? repetiu ele.

Até sua voz parecia liquefeita, com um inglês monótono e sem acentuação como eu achava que era o meu, com aquele jeito de amortecer os "t" que a gente tem no Brooklyn. Era evidente que ele tinha alguma coisa de hispânico, como deixavam claro aquele "Nombre de Dios" que havia soltado e a cor da sua pele, mas co m certeza era tão americano quando podia ser alguém que tivesse nascido antes de a Califórnia tornar -se um estado.

É disse eu para limpar a garganta. Ele se voltara um pouco e apoiara uma botina na almofada azul claro do assento da janela, e então eu pude ter certeza de que os fantasmas realmente podem fazer abdominais. Seus músculos abdominais eram muito definidos, e cobertos com uma leve penugem de sedosos pêlos negros.

Eu engoli em seco. Bota seco nisso.

- Sim, a sua - disse então. - Qual é o problema? Por que ainda está aqui?

Ele olhou para mim, sem expressão no olhar, mas interessado. Eu fui mais clara:

- Por que você ainda não foi para o outro lado?

Ele balançou a cabeça. Não sei se já disse que seu cabelo era curto e escuro e parecia bem crespo, dando a impressão de que se você tocasse nele seria muito áspero mesmo.

- Não sei o que você está querendo dizer.

Eu estava ficando com calor, mas já tinha tirado a jaqueta de couro, de modo que não sabia o que fazer. Não podia tirar mais nada com ele ali me olhando. O fato de eu ter percebido isto é que deve ter contribuído para que de repente eu não me sentisse nada boazinha.

- Como assim não sabe o que eu estou querendo dizer? - rebati, afastando uma mecha de cabelos dos olhos. - Você está morto. Não tem mais que ficar aqui. Deveria estar em algum outro lugar fazendo alguma coisa que as pessoas devem

fazer depois que morrem. Cantando entre os anjinhos, ardendo no inferno, reencarnando, subindo para algum outro plano da consciência, ou o que seja. Você não devi a... estar simplesmente andando por aí.

Ele ficou olhando para mim pensativo, equilibrando o cotovelo no joelho levantado, com o braço meio vacilante.

- E se por acaso eu gostar exatamente de andar por aí? - quis saber.

Eu não tinha muita certeza, mas est ava com a impressão de que ele estava zombando de mim. E eu não gosto nada que zombem de mim. Não gosto mesmo. No Brooklyn, o pessoal costumava fazer isso toda hora - pelo menos até eu descobrir que um punho bem fechado no nariz é capaz de calar uma boca.

Eu ainda não estava em condições de dar um murro naquele cara -

ainda não. Mas faltava pouco. Simplesmente, eu tinha viajado um quaquilão de quilômetros, num percurso que parecia ter tomado dias e dias, para viver com um bando de garotos bobocas; ainda nem tinha desfeito as malas; praticamente já tinha feito a minha mãe chorar; e de repente dou com um fantasma no meu quarto... Alguém poderia me acusar de estar sendo... digamos, injusta com ele?

- Olhe aqui - fui dizendo, levantando de um salto e passando a perna por cima do encosto da cadeira. - Você pode ficar andando por aí o quanto quiser, amigo. Vai fundo. Não estou dando a mínima. Mas aqui, não.

- Jesse - disse ele, sem se mexer.

- O quê?

- Você me chamou de amigo. Achei que gostaria de ficar sabendo qu e eu tenho um nome. Eu me chamo Jesse.

Eu fiz que sim com a cabeça.

- Certo. Faz sentido. Muito bem então, Jesse. Você não pode ficar aqui, Jesse.

-E você?

Jesse estava sorrindo para mim. Ele tinha um belo rosto. Uma cara boa. O

tipo de rosto que meu colégio antigo bastaria para ser eleito na hora o rei do baile. O tipo de rosto que Gina recortava das revistas para colar na parede do quarto.

Não que ele fosse bonitinho. Não era mesmo. O que ele parecia mesmo era perigoso. E não era pouco, não.

- E eu o quê? - retruquei, sabendo que estava sendo rude, mas não dando a mínima.

- Como se chama?

Eu olhei bem fixo para ele.

- Olha aqui. Vai dizendo logo o que você quer e cai fora. Estou com calor e quero trocar de roupa. Não tenho tempo para...

Ele me interrompeu com perfeita amabilidade, como se não estivesse ouvindo:

- Aquela mulher, sua mãe, chamou -a de Suzinha - disse ele, com os olhos negros brilhando para mim. - É apelido de Susan?

- Suzannah - eu disse, corrigindo-o automaticamente. - Como naquela canção, "Não chore por mim".

Ele sorriu:

- Eu conheço.

- Isso aí. Provavelmente estava entre as 40 mais tocadas no ano em que você nasceu, certo?

Ele continuou sorrindo.

- Quer dizer então que este agora é seu quarto, Suzannah?

- Isso mesmo - respondi. - Isso aí, este agora é o meu quarto. De modo que você vai ter que se mandar.

- Eu vou ter que me mandar? - fez ele, levantando uma sobrancelha. - Esta aqui é minha casa há um século e meio. Por que eu teria de sair?

- Porque sim - e eu já estava ficando realmente muit o danada, em grande parte porque estava com tanto calor, e queria abrir a janela, mas a janela estava atrás dele, e eu não queria me aproximar tanto assim. - Este quarto é meu. Não vou dividi-lo com um caubói morto.

Dessa vez ele entendeu direitinho. Levou o pé de volta ao piso, batendo com força, e se endireitou. Imediatamente eu lamentei ter dito o que disse.

Ele era alto, bem mais alto que eu, e olhe que com minhas botas eu tenho um metro e setenta e cinco.

- Não sou nenhum caubói - informou ele, zangado. E acrescentou alguma coisa baixinho em espanhol, mas como eu sempre optara por Francês na escola, não tinha a menor idéia do que ele estava dizendo. Ao mesmo tempo, o espelho antigo pendurado sobre minha nova penteadeira começou a balançar perigosamente no gancho que o prendia à parede. E eu sabia que aquilo não se devia a nenhum terremoto californiano, mas à agitação do fantasma que estava na minha frente, cujos poderes, obviamente, eram tipo telecinético, aquele negócio de mover coisas com a mente.

É este o problema com os fantasmas: eles são tão suscetíveis! Ficam alterados ao menor dos motivos.

- Uaaau! - fiz eu, esticando os braços para cima, com as palmas das mãos voltadas para fora. - Menos! Calma aí, rapaz!

- Todos na minha família - enfureceu-se Jesse, com o dedo em riste no meu rosto - trabalham feito escravos para conseguirem alguma coisa neste país, mas nunca, nunca houve nela nenhum vaqueiro...

- Ei! - interrompi, e foi aí que cometi o meu maior erro; muito irritada com aquele dedo na minha car a, eu o agarrei com toda força, torcendo sua mão e puxando -o para mim para ter certeza de que ele ia me ouvir dizer bem baixinho: - Pare com o espelho agorinha. E tira este dedo do meu nariz. Se fizer de novo, será um dedo quebrado.

Empurrei sua mão para o lado e constatei com satisfação que o espelho parara de balançar. Mas foi então que olhei para o seu rosto.

Fantasmas não têm sangue. E como poderiam ter? Pois se não estão vivos... Mas

posso jurar que naquele momento o rosto de Jesse ficou completamente sem cor, como se cada gota de sangue que por acaso lá estivesse tivesse se evaporado de uma hora para a outra.

Como não estão vivos nem têm sangue correndo nas veias, é claro que os fantasmas também não são feitos de matéria. DE modo que não fazia o menor sentido que eu tivesse conseguido agarrar o seu dedo. Minha mão devia ter atravessado ele, certo?

Errado. É assim que acontece com a maioria das pessoas. Mas não com pessoas como eu. Com os mediadores não é assim. Nós vemos fantasmas, falamos com fantasmas e, se necessário, podemos perfeitamente dar um pontapé no traseiro de um fantasma.

Mas eu não gosto de sair por aí dizendo isto para todo mundo. Sempre tento o máximo possível não tocar neles - e aliás, não tocar em ninguém.

Quando falham todas as tentati vas de mediação e eu preciso recorrer a uma certa dose de coerção física com um espírito recalcitrante, geralmente prefiro que ele ou ela não fique sabendo antes da hora que eu sou capaz disto. Os ataques inesperados são a melhor coisa quando estamos trata ndo com integrantes do outro mundo, que, como todo mundo sabe, sempre jogam sujo.

Olhando para o próprio dedo como se eu tivesse feito um buraco nele, Jesse parecia completamente incapaz de dizer o que quer que fosse.

Provavelmente era a primeira vez em qu e ele era tocado por alguém em um século e meio. O tipo de coisa que pode deixar um sujeito de cabeça zonza.

Sobretudo um sujeito morto.

Aproveitando que ele estava muito atarantado, eu disse, com a voz mais firme e séria do mundo:

- Agora ouça bem, Jesse. Este quarto é meu, entendido? Você não pode ficar aqui. Ou você me deixa ajudá -lo a ir para onde deve estar ou vai ter de achar outra casa para assombrar. Sinto muito, mas é assim.

Jesse tirou os olhos do dedo, ainda com uma expressão de quem não está absolutamente acreditando.

- Mas quem é você? - perguntou, suavemente. - Que tipo de... garota é você?

Ele hesitou tanto tempo antes de conseguir dizer a palavra garota que pareceu claro que não estava certo de que fosse a palavra adequada no meu caso. Isto me deixou meio intrigada. Afinal, eu posso não ter sido a garota mais popular da escola, mas ninguém nunca negou que eu fosse mesmo uma garota. Caminhoneiros buzinam para mim vez ou outra e não é porque querem que eu saia da frente. Peões de obra às vezes d izem coisas bem pesadas quando eu passo, especialmente se estou usando minha minissaia de couro. Eu não sou feiosa, nem de jeito nenhum masculinizada. É claro que eu tinha acabado de ameaçar quebrar o dedo dele, mas vamos e venhamos, isto não queria dizer que eu não fosse uma garota!

- Pois vou dizer-lhe que tipo de garota eu não sou - fui dizendo, danada da vida. - O que eu não sou é o tipo de garota disposta a compartilhar o quarto com um membro do sexo oposto. Deu para entender? De modo que ou você se arranca ou eu vou botá-lo daqui para fora. Você decide. Vou lhe dar algum tempo para pensar. Mas quando voltar aqui, Jesse, não quero vê -

lo mais.

Dei as costas e saí.

Não tinha outra saída. Geralmente eu não perco discussão com fantasmas, mas tinha a impressão de que estava perdendo aquele, e feio. Eu não devia ter sido tão ríspida com ele, nem deveria ter sido rude. Não sei o que me deu, realmente não sei. É que...

Acho que simplesmente eu não esperava encontrar o fantasma de um cara tão gracinha no meu quar to, só isso.

Meu Deus do céu, pensei enquanto descia as escadas, que vou fazer se ele não for embora? Não vou poder nem trocar de roupa no meu próprio quarto!

Dá um tempo pra ele, começou a dizer uma voz na minha cabeça. Uma voz sobre a qual eu tomaria o maior cuidado de não dizer nada à terapeuta da minha mãe.

Dá um tempo pra ele. Ele vai entender. Eles sempre entendem.

Bom, quase sempre.

Capítulo 4

Jantar na casa dos Ackerman era igualzinho a jantar em qualquer outra casa de família grande que eu conhe cia: todo mundo falava ao mesmo tempo - menos, claro, Soneca, que só falava quando alguém lhe perguntava alguma coisa - e ninguém queria tirar a mesa no fim. Programei meu cérebro para telefonar no dia seguinte para a Gina e dizer que ela estava errada. Eu não conseguia ver qual era a vantagem de ter irmãos: eles comiam com a boca aberta e acabavam com todos os croquetes antes que eu conseguisse chegar perto de um único.

Depois do jantar, resolvi que seria melhor não voltar para o quarto e deixar bastante tempo para o Jesse decidir se ia cair fora com ou sem os dentes.

Não sou muito fã de violência, mas infelizmente é um dos ossos do ofício no meu caso. Às vezes a única maneira de fazer alguém ouvir é com os punhos. Reconheço que não é uma técnica recomendad a pelos manuais usados pela maioria dos terapeutas para fazer seus diagnósticos.

Mas eu nunca disse mesmo que era uma terapeuta...

Meu plano só tinha um problema: era noite de sábado. Como todo o estresse da mudança, eu tinha esquecido que dia era. Numa no ite de sábado comum em Nova York, eu provavelmente teria saído com a Gina, tomado o metrô para Greenwich Village para ir ao cinema ou simplesmente ficado ali pela Joe's Pizza vendo gente passar. Posso ser uma garota de cidade grande, mas isto não quer dize r que a minha vida lá fosse cheia de glamour. Eu nunca fui convidada para sair com um garoto, fora aquele dia na quinta série em que o Daniel Bogue me chamou para patinar no gelo com ele enquanto tocava uma música só para casais no ringue do Rockefeller Center.

E aí eu morri de vergonha ao cair de cara no gelo.

Mas a minha mãe não podia esperar a hora em que eu adentraria a ida social de Carmel. Mal havia enchido o lava -louças, e ela começou:

- Brad, o que você vai fazer hoje à noite? Tem alguma festa ou co isa assim? Quem sabe você levava a Suze e a apresentava às pessoas?

Dunga, que estava preparando um shake de proteínas - aparentemente, as duas dúzias de camarões gigantes e o bife cavalar que ele comera no jantar não eram suficientes - respondeu:

- É mesmo, quem sabe, se o Jake não fosse trabalhar hoje à noite...

Ouvindo seu nome, Soneca se sacudiu, enfiou a cara no relógio, soltou uma praga, pegou a jaqueta e foi saindo.

Mestre olhou para o relógio e fez um "tsc, tsc":

- Atrasado de novo. Se não tomar cui dado, vai ser posto na rua.

Mas o Soneca tinha um emprego? Era novidade para mim, e eu perguntei:

- Onde ele trabalha?

- Na Peninsula Pizza.

Mestre estava fazendo alguma experiência esdrúxula com o cachorro e a bicicleta ergométrica da minha mãe. O cachorr o, que era gigantesco - um cruzamento de São Bernardo e urso, acho eu - estava pacientemente sentado no chão enquanto Mestre prendia eletrodos em pequenas clareiras que havia aberto em sua pele, raspando o pêlo. O mais estranho de tudo é que ninguém parecia estar ligado, muito menos o cachorro.

- O Sone... quer dizer, o Jake está trabalhando em uma pizzaria?

Da cozinha, areando uma forma de bolo na pia, o Andy explicou:

- Ele faz as entregas. Volta para casa com um monte de gorjetas.

- Ele está economizando para comprar um Camaro - informou Dunga, como um grosso bigode branco de shake.

- Ah... - disse eu.

- Se quiserem que eu os deixe em algum lugar, terei o maior prazer -

ofereceu-se Andy, generosamente. - E então Brad? Vai mostrar à Suze como andam as coisas no shopping?

- Negativo - respondeu Dunga, limpando a boca com a manga do pulôver. -

O pessoal ainda não voltou do feriado em Tahoe. Talvez na semana que vem.

Eu quase desmaiei de alívio. A palavra shopping invariavelmente me enchia de horror, horror que não tinha nada a ver com os "desmortos". Em Nova York não existem shoppings como os daqui, mas Gina adorava pegar o trem para ir a Nova Jersey. Geralmente depois de uma hora eu ficava como os sentidos completamente transtornados e tinha de me sentar para tomar um chazinho de ervas até me acalmar.

E eu tenho de reconhecer que também não estava propriamente encantada com a idéia de alguém me "deixar" em algum lugar. Minha nossa, que havia de errado com aquele lugar? Dava para entender perfeitamente por que não seria uma grande idéia implantar o metrô, considerando -se as falhas geológicas que provocam terremotos, mas por que não tinham criado um sistema decente de transporte urbano em ônibus?

- Eu sei - disse Dunga, largando seu copo vazio. - Vou pôr uns jogos de Coolboarder para você, Suze.

Eu fiquei olhando para ele:

- Você o quê?

- Vou jogar Coolboarder com você - repetiu Dunga, logo perguntando, diante da minha expressão, que continuava igualmente espantada: - Nunca ouviu falar de Coolboarder? Ah, fala sér io...

Levantou-me então até a televisão. E logo ficou claro que Coolboarder era um videogame. Cada jogador tinha umas pranchas de deslizar na neve, e ficavam todos correndo uns atrás dos outros em montanhas nevadas, usando uma alavanca para controlar a vel ocidade das pranchas e fazer os movimentos mais incríveis.

Ganhei oito vezes do Dunga, até que finalmente ele disse:

- Chega disto, vamos ver um filme.

Percebendo que devia ter cometido um erro - provavelmente devia ter deixado o

pobre garoto vencer pelo m enos uma vez -, eu tentei melhorar a situação oferecendo-me para fazer a pipoca, e fui para a cozinha.

Só então é que me veio aquela onda de cansaço. A defasagem entre Nova York e a Califórnia é de três horas, e embora ainda fossem 9 horas da noite, eu já me sentia como se fosse meia -noite. Andy e mamãe já se haviam retirado para o grande quarto principal, mas deixaram a porta bem aberta, provavelmente para ninguém pensar que estivessem fazendo algo errado. Andy estava lendo um romance de espionagem e mamãe estava vendo um filme de televisão.

Eu tinha certeza de que aquilo era pura encenação para a criançada; na maioria das outras noites de sábado aposto que eles teriam saído com os amigos de Andy ou os novos colegas de mamãe na estação de TV de Monterey onde tinha sido encontrada. Era evidente que eles estavam tentando criar uma situação doméstica em que nos sentíssemos seguros.

Mereciam palmadas por estarem dando o melhor de si.

Enquanto esperava que as pipocas estourassem, eu ficava me perguntando o que meu pai diria de tudo aquilo. Ele não tinha ficado propriamente entusiasmado com a idéia de mamãe voltar a se casar, muito embora Andy seja um cara sensacional, como eu já disse. E ficaria ainda menos entusiasmado com minha transferência para a Califórnia.

- Como é que eu vou me materializar para você quando estiver morando a quase 5 mil quilômetros de distância? - perguntara ele quando eu lhe contei.

- A questão, pai, é que você não tem que ficar aparecendo para mim -

respondi. - Você está morto, lembra? Tem de fazer o que as pessoas mortas fazem, em vez de ficar espionando a mim e a mamãe.

Ele pareceu ficar meio magoado.

- Não estou espionando - disse. - Estou apenas dando uma olhada. Para saber se você está feliz, essas coisas...

- Estou sim - garanti. - Estou muito feliz, e mamãe também.

Claro que eu estava mentindo. Não sobre a mamãe, mas sobre mim. Eu tinha

ficado com os nervos em frangalhos ante a perspectiva de me mudar.

Mesmo agora ainda não estava realmente certa de que a coisa ia funcionar.

Aquela situação com o Jesse.... Quer dizer: onde é que estava o meu pai, no fim das contas? Por que não estava lá em cima dando um pontapé nos fundilhos daquele cara? Afinal de contas, Jesse era um garoto, e estava no meu quarto, e os pais supostamente detestam ess e tipo de coisa...

Mas é este o problema com os fantasmas. Eles nunca aparecem quando você realmente precisa deles. Nem mesmo quando um deles é seu pai.

Acho que eu devo ter saído um pouco de órbita, pois quando vi, o microondas estava apitando. Tirei a pi poca e abri o pacote. Já estava jogando toda a pipoca numa grande gamela de madeira quando minha mãe entrou na cozinha e acendeu a luz do alto.

- Oi, querida - disse ela, e depois olhou para mim. - Tudo bem com você, Suzinha?

- Claro, mãe - respondi, levando um bocado de pipoca à boca. - O Dunga...

quer dizer, Brad e eu vamos ver um filme.

- Tem certeza? - insistiu ela, me olhando com curiosidade. - Tem certeza que está tudo bem?

- Sim, estou bem. Só um pouco cansada.

Ela pareceu aliviada.

- Tudo bem então. Eu achava mesmo que você ia sentir o cansaço da viagem. Mas... bem, é que você parecia tão estranha quando entrou pela primeira vez no seu quarto. Sei que a cama de dossel foi um pouco exagero, mas não consegui resistir.

Fiquei só mastigando. Já estava to talmente acostumada a esse tipo de coisa.

- A cama é perfeita, mãe - disse então. - O quarto também é um barato.

- Estou tão contente - disse ela, afastando uma mecha de cabelo dos meus olhos.
- Fico tão contente que você tenha gostado, Suze.

Minha mãe parecia tão aliviada que de certa forma eu tive pena dela. Ela é uma mulher legal e não merecia uma filha mediadora. Eu sei que ela sempre se sentiu meio decepcionada comigo. Quando eu fiz 14 anos, ela me deu uma linha telefônica própria, achando que tantos g arotos iam passar a me telefonar que suas amigas nunca iam conseguir falar com ela.

Dá para imaginar como ficou decepcionada vendo que só a Gina telefonava para a minha linha particular, e ainda assim em geral para me contar os encontros que ela tinha. Com o já disse, os garotos do meu bairro nunca se interessaram muito em me convidar para sair.

Pobre mamãe. Ela sempre quis ter uma filha adolescente legal e normal.

Em vez disso, foi arranjar a mim.

- Amorzinho - disse ela -, não quer se trocar? Você está com essas roupas desde seis horas da manhã, não está?

Ela fez esta pergunta no exato momento em que Mestre ia entrando para pegar mais cola para seus eletrodos - embora eu não tivesse mesmo para responder algo do tipo "bom, para dizer a verdade, mamãe, gostar ia mesmo de me trocar, mas não fico animada com a idéia de fazê -lo em frente do fantasma do caubói morto que está vivendo no meu quarto".

Em vez disso, eu dei de ombros e respondi, como quem não quer nada:

- Sim, claro, vou mudar de roupa daqui a pouquinho .

- Tem certeza de que não quer ajuda para desfazer as malas? Estou muito sem graça... Eu devia...

- Não, não preciso de ajuda. Vou desfazer as malas daqui a pouquinho -

respondi, enquanto observava Mestre vasculhando uma gaveta. - Mas agora vou indo. Não quero perder o início do filme.

Claro que no fim das contas acabei perdendo o início, o meio e o fim do filme.

Caí no sono no sofá e acordei um pouco depois das 11 com o Andy sacudindo o meu ombro.

- De pé e direto para a cama, guria - disse ele. - Acho que vai ter de confessar que não agüentou a parada. Não se preocupe. O Brad não vai contar para ninguém.

Eu me levantei meio zonza, e fui para o meu quarto. Fui direto até a janela e a escancarei. Para meu alívio, não havia nenhum Jesse no meu do caminho. Isso aí! Posso dizer que ainda dou conta do recado.

Apanhei minha nécessaire e fui para o banheiro. Tomei uma chuveirada e ali mesmo - só por garantia, pois não tinha certeza de que o Jesse entendera o recado e havia mesmo desaparecido - botei o pijama. Quando saí do banheiro, sentia-me um pouco despertada. Olhei ao redor, sentia -me um pouco mais desperta. Olhei ao redor, sentindo a brisa fresca que entrava, o ar salgado do litoral. Ao contrário do que acontecia no Brooklyn, onde nossos ouvidos estavam sendo constantemente atacados por sirenes e alarmes de carros, ali nas colinas era muito tranqüilo, e o único som de vez em quando era o pio de uma coruja.

Para minha surpresa, eu via que estava sozinha. Sozinha de verdade. Zona livre de fantasmas. Exatamente o que eu sempre quisera.

Caí na cama e bati palmas, para apagar as luzes. E me enfiei bem debaixo dos lençóis novinhos, que ainda pareciam estalar.

Logo antes de cair no sono, achei que tinha ouvido alguma coisa além da coruja. Parecia alguém cantando "Ó, Su zannah, não chores por mim, pois eu vim lá do Alabama tocando o meu bandolim".

Mas era só minha imaginação, tenho certeza.

Capítulo 5

A Academia Católica Junipero Serra havia sido integrada ao sistema oficial de ensino na década de 80, e para meu grande alívio desistira recentemente da obrigatoriedade do uniforme. Os uniformes eram azul real e branco, que não são exatamente as minha cores favoritas. Felizmente, os uniformes eram tão impopulares que o colégio acabou desistindo deles, assim como acabara

aceitando meninas, e embora os alunos ainda não pudessem usar jeans, podiam vestir praticamente tudo que quisessem.

O que me convinha perfeitamente, pois eu só estava interessada em usar minha enorme coleção de roupas de grife, comprada em várias lojas de Nova Jersey com a ajuda de Gina como consultora de moda.

Mas o lado católico é que ia ser um problema. Não exatamente um problema, mais um transtorno. O negócio é que minha mãe nunca se preocupou em me educar dentro de alguma religião específica. Meu pai era judeu não-praticante e minha mãe, cristã. A religião nunca havia desempenhado um papel importante na vida dos dois, e nem é preciso dizer que só servira para me confundir. O que estou querendo dizer é que qualquer um poderia imaginar que eu tivesse uma com preensão melhor da religião do que qualquer outra pessoa, mas a verdade é que eu não tenho a menor idéia do que acontece com os fantasmas que mando para onde deveriam ir depois de morrer. Só sei que depois que os mando para lá, eles não voltam. Nunca. Pont o final.

De modo que quando minha mãe e eu chegamos à administração do Colégio da Missão na segunda -feira posterior à minha chegada à ensolarada Califórnia, eu estava bastante incomodada com o enorme Jesus crucificado por trás da escrivaninha da secretária .

E aliás eu havia sido prevenida. Na manhã de domingo, minha mãe mostrara o colégio da janela, enquanto me ajudava a desfazer as malas.

- Está vendo aquela grande cúpula vermelha? - perguntou. - É a Missão. A cúpula é da capela.

Mestre estava ali perto - eu já havia notado que ele fazia isto com muita freqüência - e começou a fazer mais uma das suas descrições detalhadas, desta vez sobre os franciscanos, membros de uma ordem religiosa católica que seguia os ensinamentos de São Francisco, oficializados em 1209. O padre Junipero Serra, um monge franciscano, era, segundo Mestre, um personagem histórico tragicamente mal interpretado.

Herói polêmico da Igreja católica, a possibilidade de sua santificação chegara a ser considerada em certa época, mas, segundo a explicação de Mestre, os indígenas americanos contestaram a iniciativa, considerando -a

"uma forma de aprovação das táticas de exploração da colonização espanhola. Embora se saiba que defendeu os direitos econômicos e de propriedade dos indígenas americanos aculturados, Junipero Serra também militou ativamente contra seus direitos de ter um governo próprio e apoiou com intransigência os castigos corporais, recorrendo ao governo espanhol pelo direito de açoitar indígenas".

Quando Mestre acabou sua palestra, e u olhei para ele e perguntei:

- Memória fotográfica, hein?

Ele ficou sem graça.

-Bom - respondeu. - É sempre bom reconhecer a história do lugar onde a gente vive.

Arquivei aquilo na memória para o caso de necessidade no futuro. Mestre podia ser a pessoa indicada caso Jesse voltasse a aparecer.

Naquele momento, de pé ali no frio escritório do prédio antigo que Junipero Serra mandara construir para o progresso dos nativos da região, eu estava me perguntando quantos fantasmas encontraria. Aquele tal de Serra devia ter um monte de indígenas fulos com ele - especialmente levando-se em conta a história dos castigos corporais - e eu não tinha a menor dúvida de que ia encontrar todos eles.

Apesar disso, quando minha mãe e eu atravessamos o grande pórtico frontal do colégio em direção ao pátio em torno do qual a Missão fora construída, não vi uma única pessoa que parecesse estar no outro mundo.

Havia alguns turistas tirando fotos de uma palmeira - pois havia palmeiras até no meu novo colégio -, um padre caminhando em atitude de silenciosa contemplação pela ventilada galeria. Era um lugar bonito e tranqüilo, especialmente considerando -se que se tratava de uma construção tão antiga, pela qual já se deviam ter passado tantos mortos.

Eu não estava entendendo. Onde estavam os fantasmas?

Talvez eles tivessem medo de ficar por ali. Até eu estava meio assustada, diante daquele crucifixo. Não que eu tenha alguma coisa contra a arte religiosa, mas

será que era mesmo necessário retratar a crucificação de forma tão realista, com tantas feridas e tudo mais?

Aparentemente eu não era a única a pensar assim, pois um garoto que estava fundado num sofá em frente ao lugar onde minha mãe e eu havíamos sido instruídas a esperar percebeu que eu estava olhando naquela direção e disse:

- Dizem que ele chora lágrimas de sangue quando alguma garota daqui se forma ainda virgem.

Eu não consegui me impedir dar uma risadinha. Minha mãe fuzilou -me com o olhar. A secretária, uma mulher rechonchuda de meia -idade com ares de que uma coisa daquelas a ofen dia profundamente, limitou -se a revirar os olhos e soltar, enfarada:

- Oh, Adam.

Adam, um garoto bonito mais ou menos da minha idade olhou para mim com a cara mais séria:

- É verdade - disse, em tom grave. - Aconteceu no ano passado. Minha irmã - e acrescentou, baixinho: - Ela é adotada.

Eu achei graça de novo, e minha mãe franziu a testa para mim. Na véspera, ela passara a maior parte do dia me explicando que havia sido muito, muito difícil mesmo convencer o colégio a me aceitar, sobretudo porque ela não tinha um atestado de batismo meu para apresentar. No fim das contas, eles só tinham concordado com a minha matrícula por causa do Andy, pois os três filhos dele estudavam lá. Acho que um donativo bem polpudo também contribuiu para eu ser aceita, mas minha m ãe nunca falaria de uma coisa dessas. Ela só disse que era melhor eu me comportar direito e não ficar jogando nada pelas janelas - embora eu insistisse com ela em que aquele incidente não fora culpa minha. Eu estava lutando com um jovem fantasma particular mente violento que se recusava a parar de perseguir as garotas no vestiário da minha antiga escola. Atirando -o pela janela, eu certamente conseguira que me ouvisse e que se decidisse a tomar o bom caminho para todo o sempre.

Para minha mãe, claro, eu disse ra que estava praticando tênis no vestiário e que a raquete escapulira da minha mão - uma história nada digna de crédito, pois nunca foi encontrada nenhuma raquete.

Eu estava relembrando esse episódio nada agradável quando se abriu uma pesada porta de madeira, entrou um padre e disse:

- Sra. Ackerman, que prazer vê -la de novo! Esta deve ser Suzannah Simon.

Queiram entrar, por favor.

Ele nos conduziu ao seu gabinete, deteve -se um momento e disse ao garoto que estava no sofá:

- Mas já, McTavish? Logo no prime iro dia do semestre?...

Adam deu de ombros:

- Que posso dizer? A baranga me odeia.

- Por favor não chame irmã Ernestina de baranga, McTavish. Vou atendê -

los daqui a pouco, depois de conversar com estas senhoras.

Nós entramos, e o diretor, padre Dominic, co nversou um pouco conosco, perguntando se eu estava gostando da Califórnia. Respondi que estava gostando muito, especialmente do mar. Na véspera, nós havíamos passado o dia quase todo na praia, depois que eu acabei de desfazer as malas. Eu havia encontrado meus óculos escuros e, embora estivesse muito frio para entrar na água e nadar, achei o máximo ficar simplesmente estendida na areia observando as ondas. eram gigantescas, bem maiores que em SOS Malibu, e Mestre passou a maior parte da tarde me explicando o porquê. Já nem me lembro da explicação, pois estava tão zonza por causa do sol que nem conseguia prestar atenção. Descobri que gostava da praia, do seu cheiro, das algas que vinham dar na rebentação, da sensação da areia fresca entre os dedos do pé, do g osto de sal na pele quando voltara para casa. Carmel podia não ter um Bagel Bob's, mas Manhattan certamente não tinha uma praia.

Padre Dominic manifestou o sincero desejo de que eu me desse bem com a Academia da Missão e explicou que, embora eu não fosse c atólica, seria bem-vinda na missa. Claro que havia dias santos obrigatórios nos quais os alunos católicos tinham de deixar a aula para ir à Igreja. Eu poderia acompanhá-los ou ficar sozinha na classe, conforme quisesse.

Achei aquilo meio engraçado, não sei bem por quê, mas consegui segurar o riso. Padre Dominic era um homem velho, mas alerta, e me pareceu alinhado com sua batina preta de gola branca - nada mau para um sessentão. Ele tinha cabelos brancos e olhos muito azuis, além de unhas muito bem tratadas. Não conheço muitos padres, mas achei que aquele podia ser bem legal, sobretudo porque não pegara pesado com o garoto que chamou a freira de baranga na secretaria.

Depois de falar de todas as infrações que podiam levar à expulsão do colégio - matar muitas aulas, vender drogas no campus, o de sempre -, padre Dominic quis saber se eu tinha alguma pergunta. Respondi que não.

Ele fez a mesma pergunta a minha mãe. Ela também não tinha. Padre Dominic então levantou-se e disse:

- Muito bem. Vou me despedir da sen hora e levar Suzannah à sua primeira aula. Está bem assim, Suzannah?

Achei meio estranho que o diretor, que provavelmente tinha muito que fazer, estivesse se dando ao trabalho de me conduzir à minha primeira aula, mas não disse nada. Simplesmente peguei me u casaco - uma capa de lã negra da ESprit, très chic (minha mãe me deixaria usar couro no primeiro dia no colégio) - e fiquei esperando enquanto ele e minha mãe se despediam. Minha mãe se despediu de mim com um beijo e me lembrou de ir ao encontro do Soneca às três horas, pois ele estava incumbido de me levar para casa - só que ela não o chamou de Soneca, claro. Mais uma vez a vergonha carência de transportes públicos significava que eu tinha de ficar indo e vindo da escola em companhia de meus meio -irmãos.

Minha mãe foi embora e padre Dominic estava conduzindo pelo pátio depois de dizer a Adam, olhando de soslaio para mim por trás do padre.

Não é todo dia que algum garoto da minha idade olha para mim de soslaio.

Fiquei desejando que ele estivesse na minha c lasse. Os sonhos da minha mãe a respeito da minha social talvez pudessem finalmente realizar -se.

Enquanto caminhávamos, padre Dominic ia dando algumas explicações sobre o prédio - ou sobre os prédios, melhor dizendo, pois eram muitos.

Várias construções de grossa parede de tijolo cru eram interligadas por galerias

de teto baixo, no meio das quais se encontrava o belo parque com palmeiras, uma fonte borbulhante e uma estátua de bronze do padre Serra com mulheres aos seus pés - o perfeito estereótipo das índi as peles-vermelhas com seus bebês pendurados nas costas.

Do outro lado da galeria havia bancos de pedra, para que as pessoas pudessem contemplar tranqüilamente a beleza do pátio, além das portas das salas de aula e armários com cadeado embutidos na parede. Padre Dominic explicou que um deles era meu e que ele trazia consigo o segredo para abri-lo. Perguntou então se eu queria guardar o meu casaco.

Ao acordar na manhã de domingo, eu me surpreendera tremendo de frio na cama. Tivera de sair com dificuldade de baixo das cobertas para fechar as janelas. Vi então, com desânimo, que uma espessa névoa envolvia o vale, impedindo que eu descortinasse a baía. Achei que com certeza alguma terrível tempestade tropical se aproximava, mas Mestre me explicou com toda paciência que aquela névoa matinal era comum na região noroeste e que o Oceano Pacífico tinha este nome por sua relativa ausência de tempestades. Mestre me garantiu que até meio -dia a névoa haveria de dispersar-se, e que a tarde seria tão quente quanto na vésper a.

E ele tinha razão. Quando voltei da praia, bronzeada e feliz, meu quarto virara um forno de novo e eu escancarei a janela - para descobrir ao acordar hoje de manhã que tinha sido evidentemente fechada de novo, o que me pareceu gracinha da parte da minha mãe, cuidar de mim assim.

Pelo menos eu esperava que tivesse sido minha mãe. Pois agora, pensando bem no assunto... mas não, eu não voltara a ver Jesse desde o dia da minha chegada. Definitivamente, minha mãe é que tinha fechado a janela do meu quarto.

Seja como for, ao sair de casa para entrar no carro de minha mãe, vi que estava fazendo frio de novo, e por isto é que estava usando minha capa de lã.

Padre Dominic me informou que meu armário era o número 273 e deixou que eu mesma o encontrasse, enquanto p asseava por ali com os olhos nos caibros das galerias, onde, para sua alegria, famílias inteiras de andorinhas se abrigavam todo ano. Ele parecia gostar muito de pássaros (e na verdade de todo tipo de animais, pois uma das perguntas que me fez foi saber como eu estava me dando com Max, o cachorro dos Ackerman) e zombava abertamente toda vez que o

Andy insistia em que a madeira das galerias teria de ser substituída por causa das andorinhas e seus dejetos.

268, 269, 270 Estava percorrendo o corredor aberto, o lhando os números nas portas bege dos armários. Ao contrário do que acontecia no meu colégio no Brooklyn, ali os armários não estavam pichados, amassados ou cheios de adesivos de bandas heavy metal. Parece que na Costa Oeste os estudantes se preocupam mais com o aspecto de seu colégio.

271, 272. De repente, eu parei.

Em frente ao meu armário 273 havia um fantasma.

E não era Jesse. Era uma garota, vestida de forma muito parecida com a minha, só que com cabelo louro comprido, em vez de castanho, como o meu. E tinha no rosto uma expressão muito desagradável.

- Que está olhando? - perguntou-me, para em seguida dirigir-se a alguém atrás de mim: - É isto que eles estão trazendo para o meu lugar?

Tenho de reconhecer que ao ouvir isto eu surtei. Mais que depressa de i meia-volta e, quando vi, estava embasbacada diante de padre Dominic, que apertava os olhinhos para mim com curiosidade.

-Ah - disse ele, ao ver minha expressão. - Era o que eu pensava.

Capítulo 6

Desviei o olhar do Padre Dominic para o fantasma da garo ta e voltei a olhar para ele. Finalmente consegui balbuciar:

- O senhor consegue vê-la?

Ele fez que sim.

- Sim. Quando sua mãe me falou de você e dos seus... problemas no colégio, eu desconfiei que você podia ser uma das nossas, Suzannah. Mas não tinha certeza, naturalmente, e por isto nada disse. Muito embora o nome Simon, como deve saber, venha da palavra hebraica que quer dizer

"ouvinte atento", algo que você naturalmente deve ser também, como mediadora...

Eu mal conseguia ouvi-lo. Ainda precisava me acostumar ao fato de finalmente ter encontrado outro mediador, depois de todos aqueles anos.

- Então é por isto que não há espíritos de indígenas por aqui! - disse eu, praticamente gritando. - O senhor cuidou deles. Minha nossa, eu estava tentando imaginar o que havia acontecido com todos eles. Esperava encontrar centenas...

Padre Dominic abaixou a cabeça modestamente e disse:

- Bem, não eram centenas, exatamente, mas quando cheguei aqui havia mesmo uma boa quantidade. Mas não era nada, no fundo. Apenas cumpri o meu dever, fazendo uso do dom celestial que recebi de Deus.

Eu fiz cara de espanto. É isto que permite conseguir essas coisas?, pensei.

- Mas é claro que se trata de um dom que recebemos de Deus.

Padre Dominic me olhava com aquele tipo de piedade que os fiéis sempre demonstram conosco, pobres e patéticas criaturas cheias de dúvidas.

- De onde mais você acha que poderia vir?

- Não sei. De certa forma eu sempre quis ter uma conversa com o responsável, entende? Pois se pudesse escolher eu preferia de longe não ter sido abençoada com este dom.

Padre Dominic pareceu surpreso:

- Mas por quê, Suzannah?

- Só serve para me criar problemas. O senhor tem idéia de quantas horas já passei em consultórios de psiquiatras? Minha mãe está convencida de que sou completamente esquizofrênica.

- Sim - concordou padre Dominic, pensativo. - Compreendo que um dom milagroso como o seu possa ser considerado por uma pessoa leiga como...

digamos, incomum.

- Incomum? O senhor está brincando comigo?

- Reconheço que aqui na missão eu po sso contar com uma proteção -

admitiu padre Dominic. - Nunca me ocorreu que deve ser extremamente difícil para vocês que estão... bem, na linha de frente, por assim dizer, sem um efetivo apoio eclesiástico...

- Vocês? - fiz eu, levantando as sobrancelhas. - O senhor está dizendo que não somos só nós dois?

Ele pareceu surpreso.

- Bem, eu presumi... certamente não somos só nós dois. Não é possível que sejamos os últimos. Não, não, certamente há outros.

- Desculpe-me - interrompeu o fantasma, olhando -nos com sarcasmo. -

Será que se importavam de me dizer o que está acontecendo? Quem é esta perua? É ela que vai tomar o meu lugar?

- Ei! Veja como fala! - retruquei, fulminando-a com os olhos. - Você está na presença de um padre!...

Ela sorriu com escárnio para mim :

- É mesmo, é? E eu não sei que ele é um padre? Ele passou a semana inteira tentando se livrar de mim.

Eu olhei para o padre Dominic com ar de surpresa, e ele disse, embaraçado:

- Bem, é que a Heather está sendo um tanto obstinada...

- Se está pensando - interferiu Heather com sua vozinha ranheta - que eu vou ficar aqui de braços cruzados deixando que você entregue o meu armário a esta perua...

- Se me chamar de vagabunda mais uma vez, coisinha, vai passar o resto da eternidade dentro deste seu armário - avisei.

Heather me olhou sem a mais leve sombra de medo.

- Perua - disse então, esticando bem a palavra.

Eu a acertei tão rápido que ela nem viu o meu punho chegando. Foi um murro tão forte que ela saiu rolando pelos armários enfileirados, fazendo mossa nas portas. Foi cair de cara lá adiante no piso de pedras, mas um segundo depois já estava de pé novamente. Eu esperava que ela revidasse, mas em vez disso Heather deu um gemido e saiu correndo pelo corredor.

"Não é nada", falei, mais para mim mesma.

Claro que ela voltaria. Eu apenas a havia assustado. Ela voltaria. Mas provavelmente quando voltasse a vê -la ela teria de adotar uma atitude ligeiramente diferente.

Livre da Heather, eu soprei as juntas dos dedos. Os fantasmas podem ter maxilares bem resistentes.

- Então, padre, o que estava mesmo dizendo? - perguntei.

Ainda com os olhos no ponto em que Heather estivera antes, padre Dominic observou, algo secamente para um padre:

- Estão ensinado técnicas de mediação bem interessantes hoje em dia...

- Ora - respondi -, ninguém pode me xingar assim e ficar por isso mesmo. Não ligo nem um pouco para o quanto pode ter sofrido na vida anterior.

- Acho que precisamos conversar sobre certas coisas - disse padre Dominic, pensativo.

Levou então um dedo aos lábios. Uma porta abriu-se ao lado e um homem corpulento, o rosto coberto por uma barba cerrada, olhou na direção da galeria, pois tinha ouvido o impacto do corpo astral de Heather nos armários de metal - engraçado como podem ser pesados.

- Está tudo bem, Dom? - perguntou, ao ver padre Dominic.

- Tudo bem, Carl. Tudo bem. E veja o que eu trouxe para você - respondeu padre

Dominic, pondo a mão no meu ombro. - Sua nova aluna, Suzannah Simon. Suzannah, este é o seu professor, Carl Walden.

Eu estendi a mão com que acabara de es murrar Heather:

- Como vai, sr. Walden?

- Vou bem, srt. Simon, muito bem.

Minha mão desapareceu dentro da manopla do professor Walden. Ele não parecia muito um professor. Parecia mais um lenhador. Precisou até se apertar contra a parede para permitir que e u me esgueirasse para dentro da aula.

- Que bom que você vai ficar conosco - disse ele com seu zoreirão ressonante. - Obrigado por acompanhá-la, Dom.

- Não há de quê - respondeu padre Dominic. - Tivemos aqui um pequeno problema com o armário dela. Você pro vavelmente ouviu. Não quis atrapalhá-lo. Vou pedir que o zelador dê uma olhada. Depois, Suzannha, espero-a de volta no meu gabinete às três horas para... para acabar de preencher aqueles formulários.

Eu sorri carinhosamente para ele:

- Não vai ser possível, padre. Minha carona sai às três...

Padre Dominic fechou a cara para mim:

- Neste caso, vou mandar um passe para você. Por volta de duas horas.

- OK - respondi, dando té-loguinho com os dedos para ele. - Tchau.

Tenho a impressão de que na Costa Oeste não se dá té-loguinho para o diretor nem se diz tchau para ele, pois quando me virei na direção dos meus novos colegas de turma, estavam todos me olhando de boca aberta.

Talvez fosse a minha roupa. Eu estava usando um pouco mais de preto que de costume, por ca usa da tensão nervosa. Quando estiver em dúvida, costumo dizer, use preto. Com o preto nunca tem erro.

Ou talvez tenha. Pois ao dar com todas aquelas caras de espanto não vi uma única roupa preta. Muito branco, alguns marrons e uma quantidade de cáquis, mas nenhum preto.

Gulp...

O professor Walden não pareceu perceber o meu mal -estar. Apresentou-me à turma e me convidou a explicar -lhes de onde vinha. Foi o que eu fiz, e todo mundo ficou me olhando com cara de tacho. Comecei a sentir um suorzinho escorrendo pela nuca. Tenho de reconhecer que às vezes prefiro a companhia dos mortos à companhia dos colegas. Gente de 16 anos pode ser mesmo assustadora.

Mas o professor era um bom sujeito. Só me deixou ali debaixo daqueles olhares todos durante um minuto, depois m andou-me sentar.

Parece algo simples, certo? Simplesmente tome o seu lugar. Mas o problema é que havia dois assentos. Um deles era ao lado de uma garota bronzeada linda, com uma espessa e encaracolada cabeleira de um louro queimado. O outro ficava bem lá n o fundo, atrás de uma garota de cabelo tão branco e pele tão cor-de-rosa que só podia ser albina.

Isto mesmo, não estou brincando. Uma albina.

Minha decisão foi influenciada por dois fatores. O primeiro foi que, ao ver o assento lá no fundo, percebi que as janelas, que ficavam logo atrás dele, davam para ver o estacionamento do colégio.

Tudo bem, não chegava a ser uma vista maravilhosa, mas depois do estacionamento tinha o mar.

Não estou brincando. Aquele colégio, meu novo colégio, tinha uma vista do Pacífico ainda melhor que a do meu quarto, pois ficava muito mais perto da praia. Das janelas da minha sala de aula era possível ver perfeitamente as ondas. Eu queria me sentar o mais perto possível da janela.

O segundo motivo para me sentar ali era simples: não queria ficar do lado da garota bronzeada e fazer a garota albina pensar que não queria ficar perto de alguém com aparência tão esquisita...

Bobagem, não é mesmo? Como se ela estivesse dando alguma importância para

o que eu fazia. Mas eu nem hesitei. Vi o mar, vi a garota albina e lá fui eu.

Assim que me sentei, claro, uma outra garota deu uma risadinha e sussurou baixinho, mas de forma perfeitamente audível:

- Caramba, foi sentar logo perto da esquisita!...

Eu olhei para ela. Tinha uma cabeleira impecável e olhos impecavelmente pintados. E disse, sem se preocupar em falar baixinho:

- Desculpe, você sofre de Tourette?

O professor voltara-se para escrever alguma coisa no quadro -negro mas se deteve ao ouvir minha voz. Todos se voltaram na minha direção, inclus ive a garota que tinha feito o comentário.

- O quê? - fez ela, apertando os olhos.

- Síndrome de Tourette - continuei. - É uma doença neurológica que faz as pessoas dizerem coisas que não querem dizer. Você tem isso?

O rosto da guria começara a ficar verme lho:

- Não.

- Ah!... Então estava mesmo sendo grosseira de propósito...

- Eu não estava chamando você de esquisita - justificou-se rapidamente.

- Sei perfeitamente - prossegui. - Por isto é que depois da aula vou quebrar apenas um dedo seu, e não todos ele s.

Ela se virou rapidinho para frente. E eu sentei no meu lugar. Não sei o que todo mundo começou a cochichar depois disso, mas pude ver que a cabeça da albina - perfeitamente visível por baixo do branco dos seus cabelos -

tornara-se roxa, tão sem graça ela havia ficado. O professor teve que mandar que todos se comportassem, e como foi ignorado deu um murro na mesa e foi avisando que tínhamos tanta coisa a dizer, poderíamos dizer numa redação de mil palavras sobre a batalha de Bladensburgo na guerra de 1812, espaço duplo,

na mesa dele amanhã cedinho.

Puxa vida. Ainda bem que eu não estava no colégio para fazer amigos.

Capítulo 7

Mas no fim das contas eu fiz amigos sim.

Não que eu fizesse força. Eu nem queria mesmo. Já tenho amigos suficientes lá no Brookl yn. Tenho Gina, a melhor amiga que alguém poderia ter. Não precisava de mais amigos.

E não achava realmente que alguém aqui fosse gostar de mim - muito menos depois de terem sido obrigados a fazer uma redação de mil palavras por causa do que aconteceu depo is que eu cheguei. E muito menos ainda depois do que aconteceu quando fomos informados de que tinha chegado a hora do segundo período - a Academia da Missão não tinha sirene, nós trocávamos de sala de hora em hora e tínhamos cinco minutos para chegar ao destino. Mal o professor Walden nos dispensou a menina albina virou -

se na cadeira e me perguntou, com os olhos brilhando de raiva por trás das lentes de cor dos óculos:

- E agora por acaso espera que te agradeça pelo que você disse para a Debbie?

- Por mim você não tem que agradecer coisa nenhuma - respondi, levantando-me.

Ela também se levantou:

- Mas foi por isto que você fez aquilo, não foi? Defendendo a albina... Por acaso sentiu pena de mim?

- Eu fiz aquilo porque a Debbie é uma mala - disse eu, dobrando a capa no braço.

Vi que os cantos dos seus lábios se repuxavam. Debbie agarrara os livros e praticamente correra em direção à porta no exato instante em que o professor Walden nos dispensara. Ela e um bando de outras garotas, entre as quais a bonitinha bronzeada que também tinha um assento vazio ao lado, estavam

cochichando e me lançando olhares fulminantes por cima de seus suéteres Ralph Lauren.

Dava para ver que a garota albina ficou com vontade de rir quando chamei a Debbie de mala, mas ficou firme. Dis se então, toda cheia de orgulho:

- Posso perfeitamente me defender sozinha, viu? Não preciso da sua ajuda, Nova York.

Eu dei de ombros.

- Tudo bem por mim, Carmel.

Desta vez ela não conseguiu deixar de sorrir. Ao fazê -lo, mostrou uma fileira de aparelhos dentários que reluziam tanto quanto o mar lá fora.

- Cee Cee - disse ela.

- O que é Cee Cee?

- Meu nome. Sou a Cee Cee - completou, estendendo a mão branca feito neve, com as unhas pintadas de laranja chocante. - Bem-vinda à Academia da Missão.

Às 9 horas, o professor Walden já nos havia dispensado. Dois minutos depois, Cee Cee já tinha me apresentado a vinte outras pessoas, e quase todas vieram trotando atrás de mim a caminho da aula seguinte, querendo saber como morar em Nova York.

- Lá é mesmo tão, tão... - quis saber uma garota sem -graçona, toda ansiosa na busca da palavra exata para esprimir o que desejava - tão metrópole como dizem?

Essas garotas, talvez nem precise dizer, não eram as tipicamente classudas.

Não demorou para eu ver que não se davam com a lindinha bronzeada e com a garota cujos dedos eu ameaçara quebrar, que eram as arrumadérrimas, com seus suéteres e suas saias cáqui. Nada disso. As garotas que se aproximaram de mim eram dos mais divertidos tipos, umas cheias de acne, outras gordas, ou en tão completamente esqueléticas. Fiquei horrorizada ao ver que uma delas usava sandálias por cima de meia -calça com reforço nos dedos. E meia calça -bege,

ainda por cima! Com sandálias brancas. Em pleno inverno!

Logo vi que meu trabalho ia ser facilitado.

Cee Cee parecia ser a líder daquele grupinho. Editora do jornal do colégio, o Notícias da Missão, ao qual se referia como "mais uma resenha literária do que um jornal de verdade", ela dissera a verdade quando me informou que não precisava de ajuda para ir à luta. Munição era o que não lhe faltava, com direito a um belo arsenal de torpedos verbais e uma ética do trabalho das mais sérias. Praticamente a primeira coisa que ela me perguntou, depois de superar a raiva que lhe provoquei, foi se eu estaria interessada em escrever alguma coisa para o jornal.

- Nada muito complicado - foi dizendo, toda espevitada. - Quem sabe simplesmente um ensaio comparado a cultura adolescente na Costa Leste e na Costa Oeste. Aposto que você está encontrando um monte de diferenças entre nós e os seus amigos lá de Nova York.

Então, que diz? Meus leitores teriam o maior interesse, especialmente garotas como Kelly e Debbie. Talvez você pudesse publicar alguma coisa sobre o mico que pode ser aparecer bronzeado na Costa Leste.

E ela caiu no riso, sem parecer propriamente perversa, mas tampouco sem nada de inocente. Mas logo veria que Cee Cee era exatamente assim, toda risonha, com um riso que brilhava ainda mais com aqueles aparelhos terríveis, e toda bem-humorada. Aparentemente era tão fa mosa pelas piadas que soltava quanto por sua gargalhada -quase-relincho, que às vezes parecia sair dela aos borbotões, como se não pudesse controlá -la, numa alegria a toda prova que inevitavelmente atraía os "psiu" das noviças afetadinhas que trabalhavam co mo bedéis, impedindo-nos de incomodar os turistas que vinham tirar fotos de Junipero Serra sendo bajulado por aquelas índias de bronze.

A Academia da Missão era um colégio pequeno. Havia apenas setenta segundistas. Adorei que o Dunga e eu tivéssemos horári os diferentes, pois assim o único período que tínhamos em comum era o do almoço. O

almoço, por sinal, acontecia no pátio da escola, que ficava de um dos lados do estacionamento, um enorme playground gramado dando para o mar, com os veteranos comendo nas me smas mesas que os calouros e gaivotas mergulhando na direção de quem fizesse a besteira de lhes atirar uma batata frita. Posso dizer

porque fiz a experiência. A irmã Ernestine - a mesma que tinha sido chamada de baranga pelo Adam, que afinal foi parar na minha classe de estudos sociais - veio na minha direção e me disse para nunca repetir aquilo. Como se eu não tivesse entendido perfeitamente o recado no exato momento em que cinqüenta gaivotas enormes gaivotas grasnantes baixaram do céu num turbilhão e me c ercaram, exatamente como faziam os pombos na Praça Washington quando alguém fazia a besteira de atirar no chão um pedacinho de biscoito.

Seja como for, Soneca e Mestre também tinham o mesmo horário de almoço que eu. Era o único momento em que eu via algum dos Ackerman no colégio. Era interessante observá -los em seu ambiente. Fiquei feliz de ver que eu havia acertado em minha análise do temperamento deles.

Mestre vivia cercado de um bando de garotos com cara de nerds, a maioria usando óculos e teclando seus lap-tops no colo. Dunga vivia com os descolados e ao redor deles estava sempre flutuando - mais ou menos como as gaivotas tinham flutuado em volta de mim - as garotas bonitinhas e bronzeadas da turma, inclusive aquela ao lado da qual eu evitara sentar. A conversa deles parecia que girava em torno do que haviam ganho no Natal, pois era o primeiro dia de volta das férias de inverno, e de quem havia quebrado mais costelas esquiando em Tahoe.

Soneca talvez fosse o mais interessante. Não que ele tivesse acordado . Isso não, céus. Mas ficou sentado numa das mesas de piquenique com os olhos fechados e o rosto voltado para o sol. Com isto eu posso ver em casa, não foi o que me interessou. Não. O que me interessou foi o que estava acontecendo ao lado do Soneca. E era simplesmente um garoto incrivelmente lindo que só fazia ficar olhando bem em frente com uma expressão arrasadora tristeza. De vez em quando passavam umas garotas -

sempre passavam umas garotas quando há um lindão por perto - e davam alô para ele; ele então afastava o olhar do mar, que era para onde estava olhando, e dizia "Oi", para em seguida voltar a olhar para aquelas ondas hipnóticas.

Fiquei pensando que Soneca e seu amigo bem que podiam ser chegados a puxar um fumo. Isto explicaria muita coisa sobre o Soneca.

Mas quando perguntei à Cee Cee se sabia quem era o cara e se tinha algum problema com drogas, ela respondeu:

- Ah, é o Bryce Martinson. Não, não tem a ver com drogas. Está só triste porque a namorada dele morreu nas férias.

- É mesmo? - fiz eu, mastigando o lanche que havia trazido, pois a merenda na Academia da Missão deixa muito a desejar. Dava para entender por que tantos alunos traziam lanche de casa. A merenda tinha sido cachorro-quente. Isso mesmo, cachorro -quente. - Mas como ela morreu?

- Meteu uma bala na cabeça - interferiu Adam, o cara que estava no cabinete do diretor, e que ia passando. Ele estava comendo Cheetos de um saco gigante que acabara de tirar de sua mochila de couro. Uma mochila Louis Vuitton, diga-se de passagem. - Esfacelou a parte traseira do crânio.

Uma das garotas sem-graçonas virou-se, ouvindo isto, e comentou:

- Nossa senhora, Adam, como pode ser tão frio?

Adam deu de ombros:

- E daí? Eu não gostava mesmo dela quando estava viva. Não vou dizer agora que gostava dela só por que morreu. No fundo, se alguma coisa mudou, é que posso estar odiando ela mais ainda. Estão dizendo que vamos todos ter de percorrer a Via Crucis na quarta -feira por causa dela.

- Exatamente - recrutou Cee Cee, enjoada. - Temos de rezar por sua alma porque ela se matou e agora terá de arder no fogo dos infernos por toda a eternidade.

Adam ficou meio pensativo:

- É mesmo? Pensei que os suicidas iam para o purgatório...

- Nada disso, seu burro. Por que você acha que o monsenhor Constantine não autoriza o serviço fúnebre da Kelly? Suicídio é pecado mortal.

Monsenhor Constantine não pode deixar que uma suicida seja homenageada na sua igreja. Não permitirá nem mesmo que os pais dela a enterrem em solo consagrado - e aqui Cee Cee já estava rolando os olhos de espanto. - Eu nunca gostei da Heather, mas odeio monsenhor Constantine e suas regras cretinas ainda mais. Estou pensando em escrever um artigo sobre isto, e dar o título de O pai, o filho e o Hipócrita Santo.

As outras garotas soltaram um risinho nervoso. Esp erei até elas pararem e perguntei:

- Por que será que ela se matou?

Adam fez um ar de tédio.

- Por causa do Bryce, claro. Ele acabou com ela.

Uma garota bonitinha chamada Bernadette, que com seu metro e 80

era mais alta que todo mundo ali, inclinou -se para frente e sussurrou:

- Ouvi dizer que ele terminou com ela no shopping. Dá pra acreditar?

Uma outra menina disse:

- Isso mesmo, na véspera de Natal. Eles estavam fazendo as compras de Natal juntos e ela mostrou um anel de diamante na vitrine da Bergdorf, e disse: "Quero este." E aí aposto que ele entro em pânico - sabe como é, era um anel de noivado - e rompeu com ela ali mesmo, na hora.

- E por causa disso ela foi para casa e deu um tiro na cabeça? - insisti, achando aquela história toda muito esquisita. Q uando eu perguntei à Cee Cee onde todo mundo almoçaria se por acaso chovesse, que Deus nos livre, ela explicou que todo mundo tinha de ficar sentado na sala de aula, para comer lá mesmo, e que as freiras traziam jogos de tabuleiro para todo mundo se distrair. Eu fiquei me perguntando se aquela história, como a história dos almoços em dia de chuva, era uma invenção. Cee Cee era o tipo da guria que sentia um frisson em contar uma mentirinha para a aluna nova - não por maldade, só para se divertir um pouco.

- Não imediatamente - explicou Cee Cee. - Ela ainda tentou convencê-lo a voltar com ela durante um tempo. Passou a telefonar para ele de dez em dez minutos, até sua mãe lhe dizer para não telefonar mais. Aí ela começou a mandar-lhe cartas, dizendo o que ia f azer - já sabe, que ia se matar se ele não voltasse com ela. Como ele não respondia, ela pegou o .44 do pai, foi de carro até a casa do Bryce e tocou a campanhia.

Adam passou então a contar o resto da história, o que significa provavelmente

que ia haver sa ngue.

- Isso mesmo - levantou-se ele para fazer a cena, usando um Cheeto como revólver. - Os Martinson estavam dando uma festa réveillon, de modo que estava todo mundo em casa. Abriram a porta e lá estava aquela guria ensandecida, apontando um revólver par a a cabeça. Ela disse que se não deixassem falar com Bryce, ia puxar o gatilho. Mas o Bryce nem estava lá, tinha se mandado para Antígua...

- ... para ver se um pouco de sol e umas ondas ajudavam a melhorar seus nervos em fragalhos - atalhou Cee Cee-, pois como você sabem, ele está bem no meio da época dos exames e a última coisa que queria era mais pressão ainda.

Adam fulminou-a com os olhos e prosseguiu, segurando o Cheeto contra o crânio:

Isso aí, mas foi um erro fatal da parte dos Martinson. Assim que e la ficou sabendo que o Bryce tinha saído do país, puxou o gatilho e arrebentou com a traseira do crânio, e as luzes de Natal que os Mastinsons tinham espalhado por ali ficaram cheias de pedacinhos de cérebro e outros bichos...

Todo mundo, menos eu, deu um gemido ao ouvir esses detalhes. Eu estava pensando em outras coisas.

- A cadeira vazia na sala de aula... Aquela do lado da.... como se chama mesmo? Da Kelly. Era onde se sentava a garota que morreu, certo?

Bernadette fez que sim com a cabeça.

- Exatamente. Por isso é que achamos tão esquisito quando você simplesmente passou por ela. Era como se você soubesse que era onde a Heather se sentava. Todo mundo ficou pensando que você talvez fosse médium ou coisa assim...

Eu nem me dei ao trabalho de dizer que o m otivo pelo qual não tinha sentado na cadeira da Heather não tinha nada a ver com ser médium ou deixar de ser. Na verdade, simplesmente não disse nada. Eu estava pensando: "Valeu, mãe, ter-me dito por que de repente apareceu uma vaga para mim, quando pouco antes do colégio estava tão superlotado que não cabia nem mais um aluno."

Fiquei olhando para o Bryce. Ele ainda estava bronzeado da viagem a Antígua.

Estava sentado à mesa de piquenique com os pés sobre o banco, os cotovelos apoiados nos joelhos, olhando fixamente para o Pacífico. Uma leve brisa agitou por um momento seus cabelos de um louro cor de areia.

Ele não tem a menor idéia, pensei. Não tem mesmo a menor idéia. Se está pensando que sua vida agora ficou horrível, espera só para ver.

Espera só.

Capítulo 8

Ele não precisou esperar muito. Para falar a verdade, foi logo depois do almoço que ela veio atrás dele. Não que ele percebesse, claro. Fui eu que imediatamente a vi no meu da multidão, quando todo mundo começou a se encaminhar para os armários. Os fantasmas exalam uma luminosidade que os diferencia dos vivos - felizmente, pois caso contrário muitas vezes eu nem saberia a diferença.

Seja como for, lá estava ela fulminando -o com os olhares de ódio. Sem saber que ela estava ali, as pessoas simplesmente passavam através dela.

Eu até os invejava. Preferia que os fantasmas fossem invisíveis para mim, como são para todo mundo. Sei que se fosse assim eu não teria desfrutado da companhia do meu pai durante esses últimos anos, mas também não estaria ali agora sabendo que a Heather estava para fazer algo terrível.

Não que eu soubesse o que ela estava pretendendo fazer com ele. Os fantasmas podem ser bem mauzinhos quando querem. Aquele lance do Jesse com o espelho não era nada. Já houve casos que me atirarem obje tos com tanta força que, se eu não tivesse me abaixado, também estaria hoje no mundo dos espíritos. Já sofri concussões e ossos quebrados não sei quantas vezes. Minha mãe acha que eu atraio acidentes. É isso aí, mãe. Isso mesmo. Quebrei o pulso caindo da e scada. E caí da escada porque o fantasma de um conquistador espanhol de trezentos anos me empurrou.

Mas bastou eu ver a Heather para entender que ela estava com intenções nada boas. E eu não chegara a esta conclusão baseada no nosso encontro prévio. Não, senhor. Apenas acompanhei o olhar da falecida e vi que não era exatamente para Bryce que ela estava olhando. O que atraía sua atenção fora um caibros da parte da galeria por onde o Bryce estava passando. E

dali onde estava, eu vi que a madeira estava começa ndo a tremer. Mas não em toda a extensão da galeria, claro que não. Era só uma peça que estava tremendo, daquelas bem pesadas. Exatamente a peça que se encontrava acima da cabeça do Bryce.

Eu agi sem pensar. Joguei-me contra o Bryce com toda força e ambos voamos juntos. O que veio exatamente a calhar. Pois ainda estávamos rolando no chão quando eu ouvi uma enorme explosão. Abaixei a cabeça para proteger os olhos, de modo que não pude ver quando a peça de madeira explodiu. Mas ouvi. Eu também senti. As lasca s de madeira doeram à beça. Ainda bem que eu estava usando calças de lã.

O Bryce estava tão quietinho debaixo de mim que eu pensei que um pedaço mais pesado da madeira podia tê -lo atingido entre os lobos frontais ou algo assim. Mas quando afastei meu rosto do seu peito eu vi que ele estava bem - estava apenas de olho grudado, aterrorizado, na tábua de mais de 25 centímetros de largura e quase 70 centímetros de comprimento que viera aterrissar a poucos metros de nós dois. Por toda parte ao nosso redor estavam espalhados pedaços de madeira. Provavelmente o Bryce estava se dando conta de que, se aquela prancha tivesse atingido seu crânio, também haveria agora pedacinhos de Bryce espalhados por aí.

- Dá licença, dá licença - disse a voz assustada do padre Domini c, que logo vi abrindo caminho pela multidão apavorada que se juntava ali. Ele ficou congelado quando vi aquele pedação de madeira, mas ao dar com Bryce e comigo voltou à ação: - Deus do céu! - exclamou, acorrendo a nós. - Você estão bem, crianças? Suzanna h, você se feriu? Bryce?

Lentamente eu fui me sentando. Eu já tinha me acostumado a me apalpar pra ver se algum osso estava quebrado, e acabei descobrindo, ao longo dos anos, que quanto mais lentamente a gente se reerguer, mais chances terá de descobrir o que está quebrado, e menos chances de apoiar o peso do corpo nessas partes.

Mas daquela vez nada parecia estar quebrado. Fiquei então de pé.

- Deus de misericórdia! - dizia o padre Dom. - Têm certeza de que estão bem?

- Estou bem - disse eu, me sacudindo toda. Estava coberta de pedacinhos de madeira, por cima da minha melhor jaqueta Donna Karan.

Olhei em volta para ver se via a Heather: pode crer que se a tivesse visto ali naquela hora eu a teria matado, realmente teria... só que ela já estava morta, claro. Mas ela já tinha ido embora.

- Meu Deus! - exclamou Bryce, aproximando -se de mim. Ele não parecia estar ferido, só um tanto abalado. Na verdade seria difícil ferir um grandlão como ele, com seus metro e 80 de altura e aqueles ombros largos, um verdadeiro Bardwin.

E era comigo que ele estava falando. Comigo!

- Caramba, você está bem? - quis saber. - Obrigado. Meu Deus! Acho que você salvou a minha vida.

- Ora, não foi nada - disse eu, e não resisti a esticar a mão e pinçar uma farpa de madeira do seu suéter . Caxemira. Exatamente como eu imaginara.

-O que está acontecendo aqui?

Um sujeito alto metido num monte de túnicas e com calota vermelha na cabeça abria caminho na multidão. Quando viu aquela madeira toda no chão e olhou para cima para avaliar o buraco qu e fora aberto, ele se virou para o padre Dom e disse:

- Viu? Está vendo Dominic? É nisto que dá permitir que os seus lindos passarinhos façam ninhos onde bem entendem! O sr. Ackerman nos avisou que isto poderia acontecer; e agora veja só! Ele tinha razão! Alguém poderia ter morrido!

Só podia mesmo ser monsenhor Constantine.

- Sinto muito, monsenhor, sinto muito mesmo - disse padre Dom. - Não sei como uma coisa dessas foi acontecer. Graças a Deus ninguém ficou ferido

- e, voltando-se para Bryce e para mim: - Vocês dois estão bem mesmo?

Parece-me que a senhorita Simon está meio pálida. Vou levá -la para a enfermeira, se não se importa, Suzannah. E vocês, crianças, voltem todas para a sala de aula. Todos estão bem. Foi apenas um acidente. Agora vão indo.

Incrivelmente, todo mundo obedeceu. Padre Dominic era assim mesmo. De uma

maneira ou de outra, você acabava fazendo o que ele dizia. Felizmente ele usava seus poderes para o bem, e não para o mal!

Gostaria de poder dizer o mesmo sobre o monsenhor. Lá estava ele de pá no corredor, que de repente ficara vazio, contemplando o enorme pedaço de madeira. Qualquer um poderia dizer só de olhar que ele não tinha nada de podre. Claro que a madeira não era nova, mas estava perfeitamente seca.

- Vou mandar tirar daí esses nin hos, Dominic - disse monsenhor, asperamente. - Todos eles. Nós simplesmente não podemos correr este tipo de risco. E se um turista estivesse em pé aqui? E Deus me livre, o arcebispo!... O arcebispo estará qui no mês que vem, como você sabe. E se o arcebispo Rivera estivesse bem aqui e esta via caísse? E então, Dominic?

As feiras que haviam acorrido, ouvindo todo aquele fuzuê, lançavam olhares de tamanha reprovação para o pobre padre Dominic que eu quase disse alguma coisa. Cheguei até a abrir a boca, mas o padre Dominic apertou mais o meu braço e começou a caminhar comigo para longe dali.

- Naturalmente - concordou. - Tem toda razão. Vou mandar o pessoal da manutenção cuidar disso imediatamente, monsenhor. Imagine se o arcebispo fosse ferido!... Nem pensar.

- Meu Deus, quanta besteira! - desabafei, assim que nos vimos dentro do gabinete do diretor, com a porta fechada. - Ele só pode estar brincando, pensar que um casal de passarinhos podia fazer tudo aquilo.

Padre Dominic tinha atravessado todo o gabinete dir eto para um armário onde se encontravam alguns troféus e placas - prêmios de magistério, como eu viria a descobrir. Antes de ser removido pela diocese para um cargo administrativo, padre Dominic havia sido um professor de biologia muito popular e estimado. Ele estendeu o braço por trás de um dos troféus e apanhou um maço de cigarros.

- Receio que talvez seja um pouco sacrílego, Suzannah, dizer que um monsenhor da Igreja Católica pensa besteiras - disse ele, de olhos baixos sobre o maço vermelho e branco.

- Ainda bem então que eu não sou católica - disse eu. - E pode ficar à vontade para fumar se quiser. Não vou dizer a ninguém.

Ele continuou contemplando o maço de cigarros sonhadoramente por mais um minuto, deu um suspiro profundo e voltou a guardá -lo onde estava.

- Não, muito obrigado, mas é melhor não - concluiu.

Minha nossa! Devia ser mesmo uma grande vantagem eu nunca ter me viciado com essa história de cigarro. Achei melhor mudar de assunto e então me debrucei para dar uma olhada nos troféus.

- 1964 - disse. - O senhor já está aqui há um certo tempo...

- Estou mesmo - reconheceu padre Dom, sentando -se em sua escrivaninha.

- Mas, Santo Deus, Suzannah, o que exatamente aconteceu lá?

- Ora - dei de ombros -, foi só a Heather. Acho que agora já sabemos por que ela ainda está rondando por aí. Quer matar o Bryce Martinson.

Padre Dominic sacudiu a cabeça:

- Mas isto é terrível! Terrível mesmo. Eu nunca vi tanta... tanta violência partindo de um espírito. Nunca em todos estes anos como mediador.

- É mesmo? - fiz eu, olhando pela janela. O gabinete do diretor não dava para o mar, mas para as colinas onde eu morava. - Olha só - prossegui. -

Daqui se pode ver a minha casa!

- E era uma moça tão boa - continuou ele. - Nunca tivemos qualquer problema disciplinar com Heat her Chambers em todos os anos que ela passou na Academia da Missão. Por que estaria sentindo tanto ódio de um rapaz que dizia amar?

Eu olhei para ele de lado:

- O senhor está brincando comigo?

- Não, tudo bem, eu sei que eles tinham acabado o namoro... Mas emoções tão violentas... essa fúria assassina a que ela se entregou... É tão inusitado...

Eu balancei a cabeça.

- Olha, eu sei que o senhor fez voto de castidade e tudo isso, mas o senhor nunca se apaixonou? Não sabe como é? Aquele cara passou ela para tr ás.

Ela achava que eles iam se casar. Sei que parece bobagem, ainda mais que ela só tinha - quantos anos mesmo? Dezesseis? Ainda assim, ele simplesmente botou ela no chinelo. Se isso não é suficiente para levar uma garota a um acesso de fúria assassina...

Ele me olhou pensativo.

- Você parece estar falando por experiência própria.

- Quem, eu? Absolutamente. Isto é, já gostei de uns caras e tal, mas não posso dizer que algum deles tenha correspondido - o que lamento muito. Ainda assim, posso imaginar como a Heather deve ter-se sentido quando ele acabou com ela.

- Com vontade de se matar, suponho - disse padre Dominic.

- Exatamente. Mas se matar acabou não sendo suficiente. Ela não vai ficar satisfeita enquanto não o levar com ela.

- Isto é terrível - disse padre Dominic. - Realmente terrível. Eu conversei com ela até acabar a saliva, mas ela não ouve. E agora, no primeiro dia de aula, acontece isso. Vou ter que recomendar que esse rapaz fique em casa até que tudo seja resolvido.

Eu achei graça:

- E como é que o senhor vai fazer isso? Vai dizer a ele que sua namorada morta está tentando matá-lo? Aposto que monsenhor adoraria...

- Em absoluto - respondeu padre Dom, abrindo uma gaveta e começando a mexer nela. - Com um mínimo de engenhosidade, podemos conseguir um a boa semana ou duas para ele em casa...

- Mas o que é isto?! - exclamei, lívida. - O senhor vai envenená-lo? Pensei que o senhor fosse um padre! Esse tipo de coisa não é proibido?

- Envenenar? Não, não, Suzannah. Vou infestá -lo com lêndeas. A enfermeira examina a cabeça dos alunos uma vez por semestre em busca de piolhos. Apenas

vou dar um jeito para que o jovem sr. Martison apresente um caso bem adiantado de infestação...

- Oh Meu Deus! - berrei. - Que horror! O senhor não pode encher a cabeça dele de piolhos!

Padre Dominic levantou os olhos da gaveta.

- E por que não? Servirá perfeitamente para o que precisamos. Mantê -lo longe de perigo por tempo suficiente para que você e eu possamos convencer a srta. Chambers e...

- O senhor não pode encher a cabeça del e de piolhos! repeti, talvez com mais veemência que necessário. Nem sei por que eu estava tão contra a idéia, só que... bem, ele tinha um cabelo tão bonito. Eu tinha dado uma sacada legal quando estávamos lá jogados no chão juntos. Era um cabelo macio e encaracolado, o tipo de cabelo bom para ficar passando os dedos.

A simples idéia de insetos rastejando por ali embrulhava meu estômago. Como era mesmo aquela canção?...

Você me olhou nos olhos

E eu fui ficando.

Passei a mão nos seus cabelos

E um piolho mordeu meu dedo.

- Puxa vida - eu disse, sentando no tampo da escrivaninha. - Guarda os piolhos, tá bem? Deixa que eu cuido da Heather. O senhor disse que está falando com ela há quanto tempo? Uma semana?

- Desde o Ano Novo - respondeu padre Dominic. - Exatamente. Foi quando ela apareceu aqui pela primeira vez. Agora entendo que ela só estava esperando que Bryce voltasse.

- OK. Então deixa que eu cuido disso. Talvez ela só esteja precisando de uma conversa entre garotas.

- Não sei... - fez o padre Dominic, olhan do-me meio de soslaio. - Fico achando que você tem uma certa tendência para... bem, para tentar resolver as coisas um tanto... fisicamente. O mediador deve desempenhar um papel não-violento, Suzannah. Você deve ser alguém que ajuda os espíritos perturbados, em vez de machucá-los.

- Alô, alô! O senhor por acaso não estava lá fora ainda há pouquinho?

Acha que eu podia simplesmente ficar ali e convencer aquela viga a não esmagar o crânio do Bryce?

- Claro que não. Só estou querendo dizer que, se você tentasse demonstrar um pouco de compaixão...

- Caramba! Eu tenho muita compaixão, padre. Meu coração ficou partido com a história dessa garota, realmente ficou. Mas este aqui é o meu colégio, entende? O meu colégio. Não o dela. Não é mais. Ela tomou uma decisão e agora tem que agüentar as conseqüências. E eu não vou permitir que ela leve o Bryce ou quem quer que seja com ela.

Padre Dominic pareceu cético:

- Bem, se está tão segura assim...

- Estou segura, sim - respondi, quase saltando por cima da escrivaninha. -

Deixe comigo, está bem?

Padre Dominic concordou, mas sem muita convicção, deu para ver.

Precisei que ele me desse um passe por escrito, para poder voltar à sala de aula sem ser interceptada no corredor por uma das freiras. Eu estava esperando que uma delas, uma noviça de cara murcha, acabasse de examinar o passe, para poder passar para o corredor, quando uma porta lateral onde estava escrito ENFERMARIA se abriu e lá de dentro saiu o Bryce com o seu próprio passe.

- Ei! - não pude impedir-me de gritar. - Que aconteceu? Ela por acaso..

quer dizer, aconteceu mais alguma coisa? Você está ferido?

Ele deu um sorriso algo tímido:

- Não. Só esta farpa desgraçada que me entrou debaixo da unha. Estava tentando me livrar de todas aquelas farpas que se agarraram à minha c alça e uma delas entrou ali, e... - e ele mostrou a mão direita, com uma enorme bandagem envolvendo o polegar.

- Eca! - fiz eu.

- É isso aí - disse ele, todo injuriado. - E ainda por cima ela usou mercúrio cromo. Odeio esse troço.

- Cara! - disse eu. - Foi mesmo um dia de cão para você...

- Nem tanto assim - respondeu ele, baixando o polegar. - Pelo menos não foi tão ruim quanto teria sido se você não estivesse lá. Se não fosse você, eu estaria morto.

Ele percebeu que eu havia saído da sala do diretor e per guntou:

- Algum problema?

- Não - respondi. - Padre Dominic só queria que eu preenchesse uns formulários. Sou nova aqui, você sabe.

- E como a aluna nova - interrompeu a noviça com severidade - deve ficar sabendo que não é permitido ficar perambulando pelo s corredores. É

melhor vocês dois irem para suas salas.

Eu me desculpei e apanhei de volta o meu passe. Muito cavalheirescamente, Bryce se ofereceu para me mostrar onde seria minha próxima aula, e a noviça se afastou, aparentemente satisfeita. Quando já se havia distanciado o bastante para não poder mais ouvir o que dizíamos, Bryce disse:

- Você é a Suze, certo? O Jake me falou de você. Você é a meia -irmã dele que chegou de Nova York.

- Exatamente - respondi. - E você é o Bryce Martinson.

- Ah, o Jake falou de mim?

Eu quase dei uma risada só de pensar no Soneca falando alguma coisa. E

expliquei:

- Não, não foi o Jake.

Ele fez um "Oh" tão decepcionado que quase senti pena dele.

- Aposto que as pessoas devem estar falando de mim, não?

- Um pouco - arrisquei. - Sinto muito pelo que aconteceu com a sua namorada.

- Eu também, pode acreditar - disse ele, sem aparentar ter ficado aborrecido porque eu mencionara o assunto. - Eu nem queria voltar depois... você sabe. Tentei me transferir, mas não tinha vaga. Nem a esc ola pública quis me receber. É muito difícil conseguir transferência faltando só um semestre. Eu não teria voltado de jeito nenhum, só que... bem, você sabe. As faculdades só aceitam quando você já concluiu o segundo grau.

Eu achei graça.

- Já ouvi falar.

- Seja como for...

Bryce percebeu que eu estava segurando meu casaco. E realmente eu o estivera carregando o dia inteiro, já que não consegui usar o meu armário, cuja porta não se abria por ter ficado muito amassada com o impacto do corpo astral da Heather. Então ele perguntou:

- Quer que eu leve para você?

Fique tão apatetada com tanta gentileza que, sem nem pensar, fui dizendo que sim e entregando o casaco. Ele o apanhou dobrado num dos braços e disse:

- Quer dizer então que todo mundo deve estar me culpa ndo pelo que aconteceu... Pelo que aconteceu à Heather.

- Não creio - respondi. - No máximo, as pessoas estão culpando a Heather pelo

que aconteceu com ela.

- Sei - disse Bryce -, mas estou querendo dizer que fui eu que a levei a isto, sabe? O problema é este. Se eu não tivesse rompido com ela...

- Você se tem mesmo em muito alta conta, não é?

Ele foi apanhado de surpresa.

- Como?

- Bem, o fato de você deduzir que ela se matou porque você rompeu com ela... Não acho que ela tenha se matado por isto. Ela se m atou porque estava doente. E você não tinha nada a ver com o fato de ela estar assim. O

fato de você ter terminado com ela pode ter sido a gota d'água para o colapso final, mas podia perfeitamente ter sido outro o motivo - o divórcio dos pais dela, o fato de ela não ter sido escolhida chefe da torcida, a morte do gato... Qualquer coisa. Portanto, tente não ser tão duro consigo mesmo.

Tínhamos chegado à porta da minha sala: acho que era geometria, com irmã Mary Catherine. Virei para ele e peguei de volta o m eu casaco.

- Bom, eu desço aqui. Obrigada.

Ele agarrou uma das mangas do meu casaco.

- Espera aí - disse, olhando-me firmemente. Era difícil ver seus olhos, pois estava bem escuro na galeria, protegida como era do sol. Mas eu lembrava, daquele momento em que havíamos caído juntos no chão, que seus olhos eram azuis. De um azul muito lindo. - Espera um pouco - disse ele. -

Deixe-me levá-la para sair hoje à noite. Para agradecer por ter salvo a minha vida e tudo mais.

- Obrigada - respondi, dando uma puxada no meu casaco - mas já tenho planos para hoje à noite.

Eu só disse que meus planos envolviam sua pessoa de maneira bem íntima.

- Então amanhã à noite - insistiu ele, ainda agarrado ao meu casaco.

- Olha, eu não tenho permissão para sair à noite em dias de se mana - disse eu.

Era a maior mentira. À parte o fato de ter sido levada para casa algumas vezes pela polícia, estava implícito que minha mãe confiava em mim. Se eu quisesse sair à noite num dia de semana, ela deixaria. O fato é que nunca tínhamos falado desse assunto, pois nenhum cara tinha me convidado para sair, fosse em dia de semana ou em qualquer outro.

Não que eu seja um horror ou algo assim. Posso não ser nenhuma Cindy Crawford, mas também não sou um bagulho. Acho que no fundo o que acontece é que eu sempre fui considerada meio esquisita em minha antiga escola. É o que costuma acontecer com garotas que ficam falando sozinhas e se metendo com a polícia.

Mas não me entendam mal. De vez em quando chegavam caras novos na escola e eles mostravam interesse por mim... mas só até que alguém me conhecesse passasse a eles as informações... Aí eles passavam a me evitar como se eu fosse uma leprosa.

Garotos da Costa Leste. Não sabem de nada...

Mas agora eu tinha a oportunidade de começar tudo de novo, com toda uma nova população de caras que não sabiam nada do meu passado - quer dizer, exceto Soneca e Dunga, mas duvido que eles fossem dar com a língua nos dentes, pois nenhum dos dois poderia ser considerado muito...

loquaz, por assim dizer.

Seja como for, o fato é que nenhum dos dois havia entrado em contato com Bryce, pois logo em seguida ele insistiu:

- Então no fim de semana. O que você vai fazer no sábado à noite?

Eu não estava certa de que fosse lá uma idéia tão boa assim me envolver com um cra cuja falecida namorada estava tentando matá -lo. E se ela descobrisse e ficasse ressentida comigo? Eu podia apostar que o padre Dominic não ia achar muito legal eu estar saindo com o Bryce Mas por outro lado, quantas vezes uma garota como eu é convidada para sair por um cara sensacional como Bryce

Martinson?

- OK - concordei. - No sábado. Me pega às sete?

Ele deu um sorriso. Tinha dentes lindos, brancos e regulares.

- Às sete - confirmou, largando o meu casaco. - Até lá. Se não antes...

- Até lá, então - disse eu, com a mão na porta da classe de geometria da irmã Mary Catherine. - Ah, sim, Bryce!

Ele já estava seguindo para sua sala pela galeria.

- Sim...

- Cuidado onde passa...

Acho que ele piscou para mim, mas era difícil dizer na sombra.

Capítulo 9

Quando entrei no Rambler no fim do dia, Mestre estava todo agitado.

- Está todo mundo comentando! - gritou, pulando no assento. - Todo mundo viu! Você salvou a vida daquele cara! Você salvou a vida do Bryce Martinson!

-Eu não salvei a vida de ninguém - retruquei, ajeitando calmamente o espelho retrovisor para dar uma olhada nos cabelos. Jóia. O ar salgado definitivamente me faz bem.

- Salvou sim. Eu vi aquela tora de madeira. Se tivesse caído na cabeça dele, estava morto! Você o salvou, Suze! Pode crer que salvou.

- Bem - disse eu, passando brilho nos lábios. - Talvez.

- Caramba, você só foi ao colégio um dia e já é a garota mais popular da área!

Mestre não conseguia mesmo se conter. Às vezes eu ficava pensando se um Lexotan não seria uma boa. Não que eu não gostasse dele. Na realidade, era o filho do Andy de que eu gostava mais - o que no fundo não quer dizer muita coisa, mas é o melhor que posso dizer. Mestre é que chegara para mim na noite

de véspera, quando eu estava tentando decidir o que vestiria no primeiro dia de aula, e me perguntara, muito pálido, se eu tinha certeza que não queria trocar de quarto com ele.

Fiquei olhando para ele como se ele tivesse maluco. Seu quarto era bem legal, e tudo mais, mas espera aí. Desistir do meu próprio banheiro e da vista para o mar? Nem pensar. Nem que isso significasse que eu estaria me livrando do meu incômodo companheiro de quarto, o Jesse, que nas realidade não tinha voltado a aparecer desde que eu o tinha mandado passear.

- Por que diabos eu haveria de trocar o meu quarto? - perguntei.

Mestre deu de ombros.

- É que... é que este quarto aqui é meio horripilante, não acha não?

Fiquei olhando para ele. Vocês deviam ver como o meu quarto estava.

Com o abajur da mesinha -de-cabeçeira aceso, envolvendo tudo numa maravilhosa luz rosada, e o m eu CD player tocando Janet Jackson - tão alto que duas vezes minha mãe tinha gritado para eu abaixar -, horripilante era a última coisa que alguém diria sobre o meu quarto.

- Horripilante? - repeti, olhando ao redor. Nenhum sinal do Jesse.

Nenhum sinal de nada anormal. Estávamos perfeitamente instalados no reino dos seres vivos. - O que tem de horripilante aqui?

Mestre franziu a boca.

- Não diga nada ao papai - explicou então -, mas tenho andado um bocado por aí pesquisando esta casa, e cheguei à conclusão, sem sombra de dúvida, de que ela é mal-assombrada.

Fiquei olhando para sua carinha sardenta, e vi que ele estava falando sério.

Muito sério, como deixou claro o seu comentário seguinte.

- Embora a maioria dos cientistas tenha descartado quase todas as alegações de casos de atividades paranormais no país, persistem muitos indícios de

fenômenos espectrais acontecendo no mundo sem explicação.

Minha investigação aqui em casa ficou a desejar em matéria de indícios considerados tradicionais de presença de espíri tos, como os chamados pontos frios. Mas ainda assim, Suze, ficou perfeitamente evidente a variação de temperatura neste quarto, levando -me a concluir que provavelmente houvesse aqui pelo menos um caso de grande violência, talvez até um assassinato, e que a lguns remanescentes da vítima (que você pode chamar de alma, se quiser) ainda estão por aqui, talvez na vã esperança de conseguir justiça para sua morte violenta.

Eu me recostei numa das colunas da minha cama. Caso contrário, poderia ter caído.

- Caramba - disse, fazendo força para manter a voz normal. - Impossível fazer uma garota se sentir mais bem -vinda.

Mestre ficou meio embaraçado.

- Lamento - disse ele, com a ponta das orelhas ficando vermelha. - Não devia ter dito nada. Falei sobre isto com o Jake e o Brad e eles disseram que eu estava maluco. Talvez esteja mesmo. - E depois de engolir em seco, tomando coragem: - Mas considero meu dever, como homem, me oferecer para trocar de quarto com você. Como vê, não estou com medo.

Eu sorri para ele, esquecendo completamente meu choque numa súbita onda de afeto. Fiquei realmente sensibilizada. Dava para ver que o carinha tinha precisado reunir toda a coragem para fazer aquela proposta.

Ele realmente estava convencido de que o meu quarto era mal -assombrado, apesar de tudo que a ciência lhe dizia e no entanto se mostrava disposto a se sacrificar por minha causa, por puro cavalheirismo. impossível não gostar do carinha. Impossível mesmo.

- Beleza, Mestre - disse eu, esquecendo completamente de tudo, numa onda de sentimentalismo, e chamando -o pelo apelido que inventara para ele. - Acho que seria perfeitamente capaz de enfrentar qualquer fenômeno paranormal que viesse a ocorrer aqui.

Ele não pareceu se importar com o apelido. Evidentemente aliviado, disse:

- Bom, se você realmente não se importa...

- Não, está tudo bem. Mas queria perguntar uma coisa - continuei, abaixando a voz, para o caso de o Jesse estar em algum lugar por ali. -

Nessas suas pesquisas, em algum momento você ficou sabendo o nome desse pobre coitado cuja alma estaria vagando pelo meu quarto?

Mestre sacudiu a cabeça.

- Se você quiser realmente, posso conseguir para você. Posso dar uma olhada na biblioteca. Eles têm lá todos os jornais que foram publicados aqui na região desde que começou a imprensa local , pouco antes da construção desta casa. Está tudo em microfilmes, e tenho certeza de que se ficar algum tempo dando uma olhada...

A coisa me parecia meio absurda, um garoto passando o tempo todo numa biblioteca bolorenta vendo microfilmes, com uma praia da quelas a dois quarteirões dali. Mas cada um na sua, certo?

- Beleza - foi tudo que consegui dizer.

Agora eu estava vendo que o fraco que o Mestre tinha por mim ameaçava adquirir dimensões completamente desproporcionais. Primeiro eu tinha me prontificado a viver num quarto que segundo diziam podia ser mal -

assombrado, depois tinha salvado a vida de Bryce Martinson. E depois, que grande façanha me esperava? Correr os cem metros rasos em 10s04?

- Veja bem - disse eu, enquanto Soneca pelejava com a ignição, que aparentemente tinha uma certa tendência a não funcionar na primeira tentativa. - Eu fiz apenas o que qualquer um de vocês teria feito se estivesse lá.

- O Brad estava lá e não fez nada - atalhou Mestre.

Dunga interferiu:

- Corta essa, eu não vi nenhuma dro ga de viga, está bem? Se tivesse visto, também teria empurrado ele dali. Minha nossa!

- Tudo bem, mas você não viu. Provavelmente estava ocupado demais olhando para Kelly Prescott.

Dizendo isto, Mestre levou um belo safanão no braço:

- Fecha essa matraca, David - disse o Dunga. - Você não sabe o que está falando.

- Cala a boca todo mundo! - cortou o Soneca, num raro acesso de mau humor. - Nunca vou conseguir tirar este carro do lugar se vocês continuarem meu atrapalhando desse jeito. Brad, pare de bater no David, David, pare de gritar no meu ouvido, e Suze, se você não tirar este seu cabeção aí do espelho nunca vou conseguir ver para onde estamos indo.

Vou te contar, mal posso ver a hora de botar minhas mãos naquele Camaro!

Foi depois do jantar que o telefon e tocou. Minha mãe teve de berrar lá de baixo porque eu estava com meus fones de ouvido. Embora ainda fosse o primeiro dia do novo semestre, eu já tinha um bocado de dever de casa para fazer, sobretudo geometria. Na minha antiga escola nós só tínhamos chego ao capítulo sete. Os segundistas da Academia da Missão já estavam no capítulo doze. E eu sabia que estaria acabada se não começasse a recuperar o atraso.

Quando desci para atender o telefone, minha mãe já estava tão furiosa comigo por ter precisado grita r - o trabalho dela exige que cuide bem das cordas vocais - que nem quis dizer quem era. Eu peguei o telefone e disse alô.

Houve uma pausa, e eu ouvi a voz do padre Dominic.

- Alô? Suzannah? É você? Desculpe incomodá -la em casa, mas tive pensando muito, e realmente estou achando... eu cheguei à conclusão de que precisamos fazer alguma coisa imediatamente. Não consigo parar de pensar no que teria acontecido ao pobre Bryce se você não estivesse lá.

Eu olhei para os lados. O Dunga estava jogando Cool Boarders (com o pai, a única pessoa na casa que deixava ele ganhar), minha mãe estava trabalhando no computador, Soneca tinha saído para substituir um entregador de pizza que estava doente e Mestre estava na mesa da sala de jantar trabalhando num projeto de ciência s que só teria de apresentar em abril.

- Hmm - disse eu. - Olha só, realmente não vou poder falar agora.

- Entendo - disse o padre Dom. - E não se preocupe, quem fez a chamada atendida pela sua mãe foi uma das noviças. Sua mãe está achando que foi uma nova amiguinha sua da escola.

- Mas o fato, Suzannah, é que precisamos fazer alguma coisa, de preferência esta noite...

- Olha - respondi. - Não se preocupe. Está tudo sob controle.

Padre Dom pareceu surpreso.

- Está mesmo? Tem certeza? Como? Como você está co nseguindo manter a coisa sob controle?

- Não tem importância. Mas eu já fiz isto antes. Tudo vai dar certo, prometo.

- Ora, está bem, é ótimo prometer que tudo vai dar certo, mas eu já a vi em ação, Suzannah, e não posso dizer que fiquei muito bem impressi onado com o seu método. Daqui a um mês o arcebispo estará chegando, e realmente eu não posso...

O telefone sinalizou que havia outra chamada, eu pedi que ele esperasse um minutinho, apertei o botão e disse:

- Casa dos Ackerman-Simon.

- Suze? - disse uma voz de garoto, que eu não reconheci.

- Sim...

- Oi, tudo bem? É o Bryce. Então. Qual é a boa?

Eu olhei para minha mãe. Estava com a cara completamente enfiada na reportagem em que estava trabalhando.

- Hmm - disse eu -, nada de mais. Pode esperar só um pouqu inho, Bryce?

Estou com uma pessoa na outra linha.

- Claro - respondeu ele.

Voltei para o padre Dominic.

- Então - retomei, com cuidado para não dizer alto o seu nome. - Agora preciso ir. Minha mãe está esperando uma chamada muito importante na outra linha. Um senador. Um senador muito importante.

Eu provavelmente iria pro inferno por causa disto - se é que existe este lugar -, mas não podia dizer a verdade ao padre Dominic: que eu ia sair com o ex do fantasma.

- Ora, mas é claro - disse padre Dominic. - Eu... bem, se tiver um plano...

- Tenho sim. Não se preocupe. Nada vai estragar a visita do arcebispo.

Prometo. Tchau - e desliguei, voltando para o Bryce: - Oi, desculpa... E aí?

- Nada não. Eu estava só pensando em você. Que vai querer fazer no sábado? Quer dizer... quer sair para jantar, ir a um cinema, ou quem sabe as duas coisas?

A outra linha acendeu. Respondi:

- Bryce, eu sinto muito realmente, mas a casa aqui está uma zona... Pode esperar um minutinho? Obrigada. Alô?

Uma voz de garota que eu nunca tinh a ouvido disse:

- Oi tudo bem? É a Suze?

- Falando - eu disse.

- Oi, Suzinha, é a Kelly. Kelly Prescott, da sua classe. Só queria te dizer...

aquilo que você fez hoje pelo Bryce... foi muito legal. Puxa, nunca vi tanta coragem na minha vida! Deviam abrir m anchete para você no jornal, no mínimo. Vou reunir uns amigos em casa neste sábado, nada mais, só uma festinha na piscina, o pessoal lá de casa vai viajar no fim de semana, e a piscina é aquecida, claro... Então fiquei achando que se você quisesse, poderia parecer...

Fiquei ali segurando o telefone, completamente abestalhada. Kelly Prescott, a garota mais rica e mais bonita da segunda série, estava me convidando para uma

festa na piscina na mesma noite em que eu tinha um encontro com o garoto mais sexy da e scola. Que ainda por cima estava na outra linha.

- Puxa, Kelly, claro - respondi. - Eu adoraria. O Brad sabe onde fica?

- Brad? - fez a Kelly, logo emendando: - Ah, o Brad! Claro, ele é seu meio -

irmão ou algo assim, certo? Isso mesmo, traz ele também. Mas, olha...

- Adoraria ficar conversando, Kelly, mas estou com uma pessoa na outra linha. Podemos conversar sobre isto amanhã no colégio?

- Claro, sem problema. Tchauzinho.

Apertei de novo o botão do Bryce, pedi que esperasse mais um pouquinho, tampei o bocal do fone com a mão e gritei:

- Brad, festa na piscina da casa da Kelly Prescott neste sábado. Se não for, eu te mato.

Dunga largou o controle remoto.

- Nem pensar! - berrou, exultante. - O cacete que eu não vou!

Andy aplicou-lhe um cascudo.

- Olha a linguagem!

Eu voltei a falar com o Bryce.

- Jantar seria genial - disse. - Qualquer coisa, menos comida natureba.

- Ótimo! - fez ele. - Isso mesmo, eu também odeio comida natural. Não tem nada igual a um bom pedaço de carne, com umas fritas e um bom molho...

- Beleza, Bryce. Desculpa, mas é aquela outra chamada de novo, lamento mesmo mas vou ter de ir, tá bom? Falo com você amanhã no colégio.

- Ok, tudo bem - concordou Bryce, mas parecendo surpreso. Aposto que eu era a primeira garota que se preocupa em atender a outra linha durante um telefonema dele. - Tchau, Suze. E obrigado de novo.

- Sem problema. Disponha - e desliguei, atendendo à outra ligação.

- Suze? É Cee Cee!

No fundo ouvi o Adam gritando: - E eu também!

- E aí, garota? - foi dizendo Cee Cee. - Estamos indo para o Clutch. Quer que a gente te apanhe? O Adam acabou de tirar carteira de motorista.

- Sou perfeitamente legal! - gritou Adam no telefone.

- Clutch?

- É, o café Clutch, no centro. Você não gosta de café? Você não é de Nova York?

Aquela eu tive que pensar.

- Podes crer. O problema... é que eu já estou meio comprometida.

- Ah, corta essa! Que compromisso você pode ter? Vai lavar o casaco? Sei que você é a maior heroína e coisa e tal, e talvez não tenha tempo para nós, simplesmente mortais, mas...

- Ainda não acabei minha redação sobre a Batalha de Bladensburgo para o professor Walden - disse. - E ainda preciso estudar muita geometria se quiser chegar perto de vocês, gênios.

- Ai Meu Deus - retrucou Cee Cee. - Falou, então. Mas amanhã vai ter que prometer que senta do nosso lado no almoço amanhã. Queremos saber direitinho como você apertou o seu corpo contra o do Bryce e como se sentiu e tudo mais...

- Não quero saber nada disso - cortou o Adam, fingindo-se de horrorizado.

- É isso aí - concluiu Cee Cee. - Eu quero saber tudinho.

Eu prometi a ela que não omitiria nenhum detalhe e desliguei. Olhei para o telefone, e, para grande alívio meu, ele não estava tocando. Eu nem podia acreditar. Nunca na vida eu havia sido tão popular. Sinistro.

Claro que eu já tinha pregado a maior mentira sobre o dever de casa. Já tinha escrito a redação e estudara dois capítulos de geometria - o máximo que eu

conseguiria numa noite. Mas a verdade, claro, é que eu tinha uma missão a cumprir, e precisava me preparar.

Não é preciso muita coisa para fazer uma mediação. Cruzes e água benta são coisas que podem ser necessárias para manter um vampiro –

e posso lhes garantir que nunca na vida encontrei um vampiro, e não foram poucas as horas que eu passei em cemitérios -, mas no caso de fantasmas, basta ter uma boa lábia.

Mas às vezes, para que o trabalho fique bem -feito, é necessário mesmo tomar certas providências. E para isso são necessárias alguma ferramentas.

Recomendo sempre usar objetos encontrados no local, pois assim você não tem que carregar muita coisa. Mas não deixo de levar comigo um cinturão de ferramentas com lanterna, uma chave de fenda, alicates e coisas assim, que eu uso por cima de um par de leggings pretos. Eu estava apertando o cinturão por volta de meia-noite, feliz porque todo mundo na casa já estava dormindo - inclusive Soneca, que àquela altura já tinha voltado das entregas de pizzas -, e acabava de me meter na minha jaqueta de moto quando recebi uma visita, adivinha de quem?...

- Minha nossa! - exclamei ao dar com o reflexo dele por trás do meu no espelho em que eu estava me olhando. Eu juro, há anos que vejo fantasmas, mas sempre me dá um calafrio quando algum deles se materializa na minha frente. Dei meia -volta, muito danada, não porque ele estivesse ali, mas por ter me apanhado de surpresa. - Por que ainda está por aqui? Achei que tinha dito para você se mandar.

Jesse estava recostado no maior relax numa das pilastras da minha cama.

Com seus olhos negros, me examinava do alto do meu capuz à ponta dos meus tênis.

- Não acha que já é um pouco tarde para sair, Suzannah? - perguntou ele, com a maior naturalidade, como se estivéssemos no meio de uma conversa sobre, sei lá, digamos, a segunda Lei dos Escravos Foragidos, que deve ter sido promulgada mais ou menos na ép oca em que ele morreu.

- Hmm - fiz eu, tirando o capuz. - Olha só, sem querer ofender, Jesse, mas isto

aqui é o meu quarto. Que tal você tentar se mandar? E que tal deixar que eu cuide da minha vida?

Jesse nem se mexeu.

- Sua mãe não vai gostar de saber qu e você está saindo tão tarde da noite.

- Minha mãe? - E fiquei olhando para ele, lá em cima, pois era surpreendentemente alto para alguém que está morto. - Que é que você sabe da minha mãe?

- Gosto muito da sua mãe - disse Jesse calmamente. - É uma boa mulher.

Você tem muita sorte de ter uma mãe que a ame tanto. Acho que ela ficaria muito preocupada em ver que você está se pondo em perigo.

Me expondo ao perigo... É isso aí!

- Tudo bem. Segura esta agora, Jesse. Há muito tempo eu saio de noite e minha mãe nunca disse uma palavra sobre isto. Ela sabe perfeitamente que eu sei cuidar de mim.

OK, uma bela duma mentirinha, mas ele não tinha como saber mesmo...

- Sabe mesmo? - perguntou ele, erguendo duvidamente uma das sobrancelhas negras. Não pude deixar de perc eber que havia uma cicatriz cortando pelo meio essa sobrancelha, como se alguém tivesse zunido uma faca de raspão em seu rosto. Eu meio que senti a sensação que devia dar.

Especialmente quando ele deu uma risadinha de satisfação e disse: - Acho que não sabe não, hermosa. Não neste caso.

Eu levantei as duas mãos.

- OK. Para começo de conversa: não fale comigo em espanhol. Número dois: você nem sabe aonde eu estou indo, de modo que sugiro que largue do meu pé.

- Mas sei perfeitamente aonde você está indo, Suz annah. Você está indo para o colégio para tentar falar com aquela garota que está tentando matar o rapaz, aquele de que você parece estar... gostando. Mas estou lhe avisando, hermosa,

você não agüenta com ela sozinha. Se tiver mesmo de ir, devia levar o padre com você.

Fiquei olhando para ele. Tinha a sensação de que meus olhos estavam saltando para fora, mas não podia acreditar no que estava acontecendo.

- O quê? Como pode estar sabendo de tudo isso? Por acaso você está... me perseguindo?

Ele deve ter percebido pela minha reação que não devia ter dito aquilo, pois se endireitou e disse:

- Não sei o que significa esta palavra, perseguindo. Só sei que você está se expondo ao perigo.

- Você anda me perseguindo - insisti, apontando para ele um dedo acusador. - Vai dizer que não anda? Tenha dó, Jesse, eu já tenho um irmão mais velho, não preciso de outro não. Não preciso que ande por aí me espionando...

- Oh, claro - disse ele, com todo sarcasmo. - Esse irmão cuida muito bem de você. Quase tão bem quanto cuida do próprio sono.

- Espera aí! - exclamei, saindo em defesa do Soneca, contra todas as probabilidades. - Ele trabalha de noite, está sabendo? Está economizando para comprar uma Camaro!

Jesse fez um gesto que muito provavelmente era grosseiro, lá pelos idos de 1850.

- Você não vai a lugar nenhum - disse então.

- Ah, é mesmo? - desafiei, rodando no calcanhar e saindo porta afora. -

Tente me segurar então, bafo de cadáver.

Ele foi de uma precisão cirúrgica. Minha mão já estava na maçaneta quando a tranca da porta se fechou. Eu nem tinha notado ainda que havia uma tranca na minha porta - ela devia ser muito antiga. O controle manual estava arrebentado e só Deus sabia onde é que podia estar a chave.

Fiquei parada ali bem meio minuto, olhando para minha mão sem acred itar

muito enquanto ela girava em vão a maçaneta. Até que resolvi respirar bem fundo, como havia sugerido a terapeuta da minha mãe. Ela não estava querendo dizer que eu devia respirar fundo quando estivesse enfrentando um fantasma perseguidor. Achava apena s que devia fazê-lo de maneira geral, sempre que estivesse me sentindo estressada.

Mas o fato é que ajudou. E ajudou muito.

- Ok - disse afinal, voltando-me. - Jesse, isto não é nada legal.

Jesse ficou muito sem graça. Bastava olhar para ele para entender que não estava nada satisfeito com o que acabara de fazer. Não sei o que foi que causou sua morte na vida anterior, mas certamente foi por ele ser um sujeito cruel ou por gostar de machucar as pessoas. Ele era um bom sujeito.

Ou pelo menos estava tentando ser.

- Eu não posso... - disse ele, já agora bem na minha frente. -

Suzannah, não vá. Essa mulher... essa garota, a Heather, não é como os outros espíritos que você pode ter encontrado. Ela está cheia de ódio. Se puder, vai matá-la.

Eu dei um sorriso encorajador:

- Aí mesmo é que eu devo acabar com ela, não? Vamos lá, abra a porta.

Ele hesitou. Por um momento, achei que ele ia abri -la. Mas ele acabou não abrindo. Apenas ficou lá, meio sem graça, mas firme.

- Como quiser - disse eu, e o contornei, caminhando direto para a janela.

Botei um pé no assento que o Andy havia feito e levantei a persiana da janela. Já estava com uma perna passando sobre o peitoril quando senti sua mão agarrando meu pulso.

Voltei-me para olhar para ele. Não consegui ver seu rosto, poi s a luz da minha cabeceira estava por trás dele, mas ouvia perfeitamente sua voz e o tom suave em que pedia:

- Suzannah...

Só isso: apenas meu nome.

Eu não disse nada. Nem podia. Quer dizer, claro que podia, não era como se houvesse um caroço na minha garg anta ou coisa assim. Simplesmente...

sei lá.

Em vez disso, fiquei olhando para a mão dele, que era muito grande e meio escura, mesmo por cima do couro preto da minha jaqueta. Ele tinha um bocado de força naquela mão, para um sujeito que estava morto. E até para um sujeito vivo. Viu que o meu olhar estava baixando, olhou na mesma direção e se deu conta de que sua mão estava agarrando meu pulso.

E então me soltou de repente, como se minha pele tivesse começado a queimar ou coisa parecida. Eu continuei subindo na janela. Quando consegui atravessar o telhado da varanda e chagar ao chão lá embaixo, voltei-me em direção à janela do meu quarto.

Mas é claro que ele já tinha ido embora.

Capítulo 10

Era uma noite fresca e clara. De lua cheia. Ali, da frente da casa, eu via sobre o mar, parecendo um lampião aceso - não um farol como o sol, mas uma daquelas lâmpadas de poucos wats que a gente põe em abajures retorcidos na mesinha-de-cabeceira. O Pacífico, parecendo à distância um espelho tranqüilo, estava negro, exceto numa estreita faixa iluminada pela lua, branca como o papel.

À luz da lua eu podia ver a cúpula vermelha da igreja da Missão. Mas só porque eu estava vendo a Missão não queria dizer que a Missão era perto.

Ficava a bem uns três quilômetros de distância. E u trazia no bolso as chaves do Rambler, que havia subtraído meia hora antes. O metal estava aquecido pelo calor do meu corpo. O Rambler, que de dia era turquesa, ficava parecendo cinza naquela sombra.

Bom, sei perfeitamente que não tenho carteira. Mas se o Dunga pode...

Tudo bem. Acabei vacilando. E não é melhor mesmo que eu tenha decidido não dirigir? Pois se não sabia como fazer... Quer dizer, não que eu não saiba dirigir. Claro que sei. É só que eu não tive muita prática, pois passei a vida inteira na capital mundial dos transportes públicos...

Ah, esquece. Dei meia-volta e caminhei em direção à garagem. Tinha de haver uma bicicleta em algum lugar. Três garotos, confere? Tinha de haver pelo menos uma bicicleta.

Acabei encontrando uma. Era uma bicicleta de homem, claro, com aquela barra imbecil, e um assento duro demais. Mas parecia funcionar bem. Pelo menos os pneus não estavam vazios.

Então pensei: muito bem, lá vou eu vestida de preto, andando de bicicleta pelas ruas depois da meia -noite. O que está faltando?

Não esperava mesmo encontrar alguma fita fosforescente, mas fiquei pensando que um capacete não seria mau. Havia um pendurado num cabide ao lado da garagem. Abaixei o capuz do meu suéter e pus o capacete. Uau! Charmosa e bem protegida, só mesmo eu.

E lá fui eu, descendo a ladeira. Cascalho não é exatamente a melhor coisa para andar de bicicleta, especialmente descendo. E logo ficou claro que o caminho todo era descendente, pois a casa, com vista para a baía, ficava num dos lados daquela espécie de out eiro. Descer certamente era melhor que subir - eu nunca ia conseguir voltar para casa subindo aquela ladeira; entendi perfeitamente que na volta teria de empurrar a bicicleta -, mas dava uma aflição enorme aquela descida. A colina era tão íngrime, o caminho tão torturoso e a noite estava tão fria que pedalei com o coração na boca quase o tempo todo, com lágrimas escorrendo pelas bochechas por causa do vento. E aqueles buracos...! Vou te contar! Como aquela porcaria daquele assento machucava quando eu passav a por um buraco!

Mas a colina não era o pior de tudo. Quando cheguei lá embaixo dei com um cruzamento de pistas. Dava muito mais medo que a colina, pois embora já passasse de meia-noite havia carros passando. Um deles buzinou para mim. Mas não foi culpa mi nha. Eu estava indo tão rápido, por causa da colina e tudo mais, que se tivesse parado provavelmente teria voado por cima do guidão. De modo que fui em frente, escapando por pouco de ser atropelada por uma pick-up e, de

repente, nem sei como, eu estava entrando no estacionamento do colégio.

A Missão parecia muito diferente à noite. Para começar, durante o dia o estacionamento estava sempre cheio, com todos aqueles carros dos professores, alunos e turistas, e tão tranqüilo que era possível ouvir, bem longe, o som das ondas na praia de Carmel.

Além disso, por causa do turismo, suponho, eles tinham instalado aqueles focos de luz para iluminar certas partes do prédio, como a cúpula - que estava toda iluminada - e o frontispício da igreja, com seu enorme pórtico de entrada. Mas a parte posterior do prédio, onde eu fui dar, estava bem escura.

A Missão foi construída há mais ou menos um quadrilhão de anos, quando não existia ar-condicionado ou aquecimento central e, para refrescar no verão e aquecer no inverno, as construções tinham paredes muito grossas. Com isto, todas as janelas da Missão tinham uma profundidade de uns trinta centímetros, com mais outros trinta centímetros de recuo na parte interior.

Eu subi num desses parapeitos, olhando ao redor para ver se nin guém estava me vendo. Mas só havia por perto um par de guaximins fuçando em volta da lixeira, em busca de algum resto do almoço. Levei ao rosto então as mãos em forma de viseira, para proteger os olhos da luz da lua, e olhei lá para dentro.

Era a sala de aula do professor Walden. Com o luar incidindo lá dentro, pude ver sua letra no quadro -negro e o grande cartaz de Bob Dylan, seu poeta favorito, pendurado na parede.

Não levei mais que um segundo para quebrar o vidro de uma das antiquadas vidraças de ferro, esticar o braço lá para dentro e abrir a janela.

O mais difícil em matéria de arrombar uma janela não é propriamente o momento de quebrar o vidro ou mesmo de conseguir abrir a maçaneta. O

pior é tirar a mão depois sem se cortar. Eu tinha trazido meu melho r par de luvas caça-fantasma, daquelas bem espessas, de borracha preta com enchimento nas juntas, mas minha manga já tinha ficado presa uma vez, deixando meu braço todo arranhado.

Isso não aconteceu desta vez. Além disso, a janela abria para fora, não par a cima, o que me facilitou a entrada. Já aconteceu de eu arrombar lugares que

tinham alarmes - o que me obrigou a fazer pequenas e desconfortáveis viagens na parte de trás de caminhonetes do serviço público nova -iorquino

- mas a Missão ainda não tinha cheg ado a este requinte em seu sistema de segurança deles parecia consistir apenas em trancar as portas e janelas, e seja o que Deus quiser.

O que certamente me convinha.

Uma vez dentro da sala do professor Walden, fechei a janela pela qual havia entrado. Não tinha sentido mesmo chamar a atenção de alguém que por acaso estivesse vigiando a região (até parece...). Era fácil ir passando entre as carteiras, com todo aquele brilho da Lua. E depois de ter aberto a porta e passando para a galeria, constatei que també m não ia precisar da lanterna. O pátio estava inundado de luz. Concluí que a Missão deve receber turistas até bem tarde, quando já escureceu, pois no beiral do telhado havia focos de luz amarela apontados em diferentes direções: a palmeira mais alta, aquel a que tinha o maior arbusto de hibiscos em sua base; a fonte, que continuava ligada, mesmo àquela hora; e naturalmente, a estátua do padre Serra, com uma luz brilhando em sua cabeça de bronze outro nas cabeças das indígenas americanas a seus pés.

Ainda bem que o padre Serra era uma boa pessoa e já estava morto. Eu tinha a sensação de que aquela estátua o teria deixado muito embaraçado mesmo.

A galeria estava vazia, assim como o pátio. Não havia ninguém por ali. Eu só ouvia o farfalhar da água da fonte e o canto dos grilos no jardim. Parecia mesmo um lugar bem tranqüilo, o que não deixava de ser surpreendente.

Estou querendo dizer é que nenhuma das minhas outras escolas me parecia tranqüila. Pelo menos aquela ali estava parecendo bem tranqüila, até que eu ouvi aquela voz áspera atrás de mim:

- O que está fazendo aqui?

Dei meia-volta, e lá estava ela. Simplesmente recostada no seu armário -

perdão, no MEU armário - e de olho grudado em mim, os braços cruzados no peito. Estava usando um par de calças negras - bem elegantes - e um twin set de caxemira cinza. Trazia no pescoço um colar de pérolas, com uma pérola para cada Natal e cada aniversário de sua vida, certamente um presente de avós muito

amorosos. Nos pés, um par de sapatos negros reluzentes. seu cabelo, que brilhava tanto quanto os sapatos à luz amarelada dos refletores, parecia macio e dourado. Ela realmente era uma garota bonita.

Pena que tivesse estourado os miolos.

- Heather - disse eu, tirando o capuz. - Oi. Lamento te incomodar... -

sempre ajuda pelo menos começar de maneira polida -... mas acho que a gente precisa muito conversar, você e eu.

Heather nem se mexeu. Não, estou exagerando. Ela apertou um pouco os olhos. Tinham uma cor pálida, acho que meio acinzentada, embora fosse difícil saber, apesar dos refletores. Os longos cílios, escurecidos com rímel, tinham uma espécie de moldura de lápis negro de muito bom gosto.

- Conversar? - perguntou ela. - Ah sim, claro. Eu também quero muito falar com você. Estou sabendo perfeitamente sobre você, Suzinha.

Eu tremi as bases. Não consegui me conter:

- Suze - corrigi.

- Como quiser. Eu sei o que você está fazendo aqui.

- Ótimo, muito bem - respondi. - Neste caso não vou precisar explicar. Quer se sentar para a gente poder conversar?

- Conversar? Por que eu haveria de conversar com você? O que você está pensando que eu sou mané? Meus Deus, você se acha mesmo muito esperta, não é? Acha que simplesmente pode ir entrando, assim...

- Como assim?... - fiz eu, piscando.

- Ir tomando o meu lugar - endireitou-se ela, afastando-se do armário e caminhando em direção ao pátio como se estivesse admirando a fonte. -

Você, a nova garota - prosseguiu, olhando-me com o rabo do olho. - A garota nova que acha que pode simplesmente ir tomando o lugar que me pertencia. Você já se apoderou do meu armário. Já está querendo roubar minha melhor

amiga. Eu sei que Kelly te telefonou e te convidou para a porcaria da festa dela. E agora está achando que pode roubar meu namorado.

Eu botei as mãos nas cadeiras:

- Ele não é mais seu namorado, l embra, Heather? Ele acabou com você. E é por isto que você está morta. Você estourou os miolos na frente da mãe dele.

Heather arregalou os olhos.

- Cala a boca - disse.

- Você estourou os miolos na frente sa mãe dele porque era burra demais para entender que nenhum garoto, nem mesmo o Bryce Martinson, merece que a gente morra por ele. - Eu passei por ela, caminhando em direção a uma das galerias de cascalho que cortavam os jardins. Eu não queria reconhecer, nem para mim mesma, mas estava ficando meio nervos a de ficar ali naquela galeria coberta depois do que aconteceu com o Bryce. -

Você deve ter ficado com muita raiva quando se deu conta do que havia feito. Você se matou. E por uma coisa tão boba. Por causa de um cara.

- Cala a boca! - Dessa vez ela não estava só falando, estava já gritando, tão alto que precisou cerrar os punhos, fechar os olhos e encolher os ombros.

Gritou tão alto que meus ouvidos ficaram ressoando um bom tempo. Mas não veio ninguém correndo da reitoria, onde eu vira algumas luzes acesas.

Os pombos que eu ouvira arrulhando no beiral da galeria não emitiam um único som desde que a Heather apareceu, e os grilos haviam tratado de adiar o resto de sua serenata.

As pessoas não ouvem fantasmas - bem, não pelo menos a maioria das pessoas -, mas o mesmo não se pode dizer dos animais e mesmo dos insetos. Eles são hipersensíveis a qualquer presença paranormal. Por causa do Jesse, o Max, o cachorro dos Ackerman, nem chega perto do meu quarto.

- Não precisa gritar assim - disse eu. - Ninguém mais pode te ouvir além de mim.

- Grito quando eu quiser - berrou ela, e começou a gritar mesmo.

Bocejando, fui sentar-me num dos bancos de madeira junto à estátua do padre Serra. Percebi então que havia uma placa de pedestal. Graças aos refletores e à luz da lua, eu podia perfeitamente ler a inscrição.

Ao venerável Padre Junipero Serra, 1713 -1734 - dizia a placa. - Seu comportamento exemplar e sua abnegação foram um exemplo para todos que o conheciam e receberam seus ensinamento.

Hmm... Eu ia ter de olhar abnegação no dicionário quando voltasse para casa. Fiquei me perguntando se era mesma coisa que autoflagelação, algo pelo que Serra também era conhecido.

- Você está me ouvindo? - gritava Heather.

Eu olhei para ela.

- Sabe o que significa abnegação? - perguntei.

Ela parou de gritar e ficou olhando para mim. Depois deu uns passos adiante, com a expressão lívida de raiva.

- Escuta aqui, sua vaca - foi dizendo, parando em mim. - Quero que você simplesmente desapareça, está entendendo? Quero que desapareça desse colégio. Este armário é MEU! A Kelly é a minha melhor amiga. E o Bryce é o meu namorado! Vê se trata de desaparecer, de voltar para o lugar de onde veio. Estava tudo muito bem aqui antes de você chegar...

Eu tive de interromper.

- Sinto muito, Heather, mas as cois as não estavam nada bem antes de eu chegar aqui. E sabe por que eu sei disso? Porque você está morta.

Entendeu? VOCÊ ESTÁ MORTA. Os mortos não têm armários, nem amigas, nem namorados. E sabe por quê? Porque estão mortos.

Parecia que a Heather ia começar a berrar de novo, mas eu me adiantei, dizendo com toda suavidade e clareza:

- Eu sei que você cometeu um erro. Você cometeu um erro terrível, horrível mesmo...

- Não fui eu que cometi o erro - atalhou ela, contente. - Foi o Bryce que cometeu o erro. Foi ele que rompeu comigo.

Eu respondi:

- Tudo bem, não era desse erro que eu estava falando. Estava me referindo ao fato de você dar um tiro na cabeça porque um boboca de um garoto acabou com você...

-Se acha que ele é tão imbecil assim - disse ela, com uma expressão de zombaria - por que vai sair com ele no sábado? Isso mesmo. Eu ouvi ele te convidando. Aquele desgraçado. Ele provavelmente não foi fiel nem durante um dia enquanto a gente estava saindo.

- Sensacional - disse eu. - Mais um motivo para você se mata r por causa dele...

Eu vi que havia lágrimas se acumulando por baixo das pestanas dela.

- Eu o amava - suspirou ela. - Se não pudesse tê-lo para mim, eu não queria viver.

- E agora que você está morta fica achando que ele devia ir ao seu encontro, não é mesmo? - perguntei, já cansada.

- Não gosto deste lugar - disse ela mansamente. - Ninguém me vê. Só você e o padre Dominic. Eu me sinto tão sozinha...

- OK. É compreensível. Mas, Heather, mesmo que você consiga matá -lo, ele provavelmente não vai gostar muito de você por ter feito isto.

- Eu sei como fazer para que ele goste de mim - disse ela, confiante. -

Afinal, seremos só eu e ele. Ele vai ter de gostar de mim.

Eu balancei a cabeça:

- Não, Heather, não funciona assim.

Ela olhou bem fixo para mim:

- Que quer dizer?

- Se você matar o Bryce, não há a menor garantia de que ele acabe ficado com você. O que acontece com as pessoas depois que morrem... bem, eu tenho muita certeza, mas acho que é diferente para cada pessoa. Se você matar o Bryce, ele vai mesmo para onde tem de ir. Céu, inferno, a próxima vida - não sei ao certo. Mas sei que ele não vai se juntar a você. Não funciona assim.

- Mas... - e ela parecia furiosa. - Não é justo!

- Muita coisa não é justa, Heather. Não é justo, por exemplo, que você tenha de sofrer por toda a eternidade por causa de um erro que cometeu.

Tenho certeza de que se você soubesse como era estar morta, não teria se matado. Mas não tem de ser assim, Heather.

Ela ficou olhando para mim. As lágrimas congeladas, como pedacinhos de gelo.

- Não tem mesmo?... - fez ela.

- Não. Não tem.

- Você quer dizer... está querendo dizer que eu posso voltar?

Eu fiz que sim com a cabeça.

- Pode sim. Você pode começar de novo.

Ela fungou.

- Como?

Eu respondi:

- Só precisa tomar a decisão.

Uma sombra passou em seu lindo rostinho.

- Mas eu já decidi que isto é o que eu quero. Só o que eu quero desde...

desde que aconteceu... é ter minha vida de volta.

Eu balancei a cabeça.

- Não, Heather - disse então. - Você não entendeu o que eu estou dizendo.

Você nunca vai ter de volta a sua vida, a sua velha vida. Mas pode começar uma outra. E ela só poderá ser melhor do que isto, do que ficar por aí para sempre sozinha, vagando enfurecida, machucando as pessoas...

Ela gritou:

- Você disse que eu poderia ter minha vida de volta!

Naquele instante eu me dei conta de que ela estava perdida.

- Eu não estava querendo dizer a sua antiga vida. Quis dizer uma vida...

Mas já era tarde demais. Ela estava surtando.

Agora eu estava entendendo por que os pais do Bryce o haviam mandad o para Antígua. E até eu gostaria de estar lá - ou em qualquer outro lugar, desde que fosse longe da ira daquela garota.

- Você disse - gritava ela -, você disse que eu poderia ter de volta a minha vida! VOCÊ mentiu para mim!

- Heather, eu não menti! Só es tava querendo dizer que a sua vida... bem, a sua vida acabou. Heather, você mesma acabou com ela. Eu sei que é uma droga, mas, puxa, você devia ter pensado nisso.

Ela me interrompeu com um gemido meio... sobrenatural, claro.

- Não vou permitir... Não vou d eixar você tomar a minha vida - berrou.

- Heather, eu já lhe disse, não estou querendo tirar a sua vida. Eu tenho a minha própria vida. Não preciso da sua...

Como os grilos e os pássaros calados, o som da água borbulhando na fonte a poucos passos dali era o único ruído no pátio - à parte os gritos da Heather, claro. Mas de repente o som da água ficou estranho. Parecia que havia alguma coisa estalando. Olhei na direção da fonte e vi que estava saindo fumaça. Eu não teria estranhado tanto - afinal, estava bem frio, e a temperatura da água podia estar mais quente que a do ar - se não tivesse visto uma enorme bolha rebentar de

repente na superfície da água.

Foi aí que me dei conta. Ela estava fazendo a água ferver. Estava fervendo a água com a força da sua fúria .

- Heather - disse eu, sentada no banco. - Hether, ouça-me. Você precisa se acalmar. Não podemos conversar com você assim...

-Você... você disse... - e eu via com alarme que seu olhos estavam revirando para trás. - Que eu... que eu podia... começar de nov o!

Tudo bem. Estava na hora de fazer alguma coisa. Eu não precisava ficar ali sentada naquele banco se era para ser sacudida com tanta força que quase fui jogada no chão. Deu para sacar que era a hora de me levantar.

E foi o que fiz, bem depressa. Bem rápi do, para não ser atingida pelo banco. Tão rápido que a Heather nem teria chance de perceber que eu ia derrubá-la com uma direita bem no queixo.

Para minha surpresa, no entanto, ela nem pareceu sentir nada. Estava em outra. Em outra muito diferente. O murro não teve o menor efeito - só serviu para me deixar os dedos doendo. E é claro que pareceu deixá -la ainda mais furiosa, o que sempre ajuda quando estamos lidando com uma pessoa perturbada demais.

- Você vai se arrepender disto - proferiu ela numa voz cavernosa que não tinha nada a ver com seus gritinhos de líder de torcida.

De repente a água da fonte chegou ao ponto de ebulição, projetando ondas enormes para o lado de fora. Os jatos, que normalmente iam a uma altura de apenas um metro e pouco, de repente co meçaram a subir até três, seis metros, caindo de volta num verdadeiro caldeirão borbulhante e fervente.

Todos os pássaros saíram voando das árvores ao mesmo tempo, formando momentaneamente uma nuvem que bloqueou a luz do luar.

Eu estava com uma estranha se nsação de que a Heather estava falando sério. Pior ainda, tinha a sensação de que ela seria mesmo capaz. Não precisava nem levantar um dedinho.

O que foi confirmado quando de repente a cabeça de Junipero Serra foi

brutalmente arrancada do corpo da estátua. Exatamente. Simplesmente saltou longe, como se aquela sólida peça de bronze fosse na verdade de confeito. E sem o menor barulho. Por alguns instantes, ela ficou flutuando no ar, com sua expressão de suave compaixão transformada, do estranho ângulo no qual pendia sobre o meu rosto, numa careta demoníaca. E, de repente, enquanto eu estava ali completamente paralisada, vendo as luzes se refletirem na bola de metal, ela caiu... e mergulhou na minha direção, zunindo tão depressa na noite que parecia até um come ta ou...

Eu nem tive tempo de pensar com que mais aquilo se parecia, pois uma fração de segundos depois uma coisa dura atingiu meu estômago e me projetou no chão, onde eu fiquei, olhando para o céu estrelado. Que estava lindo. A noite estava tão escura, e as estrelas, tão frias e distantes, piscando...

- Levante-se - disse asperamente uma voz de homem no meu ouvido. -

Pense que você era boa nisso!

Alguma coisa explodiu no chão a menos de um palmo da minha bochecha.

Virei o rosto e vi a cabeça de Junipero Se rra rindo grotescamente para mim.

Quando vi, o Jesse estava tentando me botar de pé e me empurrando na direção da galeria.

- Claro - eu disse.

- Corra!

Eu não hesitei nem um segundo em aceitar o conselho. Corri para o peitoril da janela, e, sem dar a menor bola para os cacos de vidro quebrado, agarrei-me a ela. Levei apenas alguns segundos para abrir a janela, mas foi o suficiente para que Jesse, ainda lutando contra o que já agora começava a soar como um furacão, pedisse:

-Poderia andar mais rápido, POR FA VOR?

Eu saltei em direção ao estacionamento. Lá fora, do outro lado das espessas paredes de tijolo cru da Missão, era engraçado que nem dava para dizer que uma violenta manifestação paranormal estava acontecendo do lado de dentro. O

estacionamento ainda es tava vazio e tranqüilo acariciado pela sonoridade ritmada das ondas do mar. É impressionante como podem acontecer as coisas mais absurdas bem debaixo do nariz das pessoas e elas nem percebem...

- Jesse! - sussurrei através da janela. - Vamos, venha!

Eu não tinha a menor idéia se a Heather seria capaz de querer descarregar sua raiva em cima de algum passante, ou se o Jesse, caso ela o fizesse, tinha algum truque guardado para reagir, como aquele que ela tinha usado com a cabeça da estátua. Eu só sabia quanto mais cedo a gente saísse do alcance dela, melhor.

Bom, quero deixar logo claro que eu não sou nenhuma covarde. Realmente não sou. MAS também não sou nenhuma maluca. Considero que quando a gente se dá conta de que está enfrentando uma força muito maior que a nossa, não tem nada de mais sair correndo.

Mas deixar os outros para trás não é certo.

- Jesse!!! - berrei através da janela.

- Acho que já mandei você correr - disse atrás de mim uma voz muito irritada.

Eu engoli em seco e dei meia -volta. Lá estava o Jesse, de pé no asfalto do estacionamento, com a Lua por trás dele, o que deixava seu rosto nas sombras.

- Oh meu deus! - Meu coração batia tão depressa que eu pensei que ele fosse explodir. Eu nunca tinha sentido tanto medo em toda a minha vida.

Nunca.

Talvez por isto eu tenha decidido estão esticar os dois braços e agarrar a camisa do Jesse com as duas mãos.

- Oh meu deus - repeti. - Jesse, você está bem?

- Claro que estou. - Ele parecia surpreso que eu me desse ao trabalho de perguntar. E acho que era mes mo uma pergunta cretina. Afinal, que mal a Heather podia fazer ao Jesse? Não dá para imaginar que ela fosse matá -lo...

- E você, está bem?

- Eu? Estou ótima. - Voltei-me então para as janelas da sala do professor Walden. - Você acha que conseguimos... neut ralizá-la?

- Por enquanto - disse Jesse.

- E como você sabe? - Eu estava chocada de ver que estava tremendo, tremendo de verdade, da cabeça aos pés. - Como sabe que ela não vai atravessar aquelas paredes feito um tufão e começar a arrancar as árvores por aí e jogá-las contra nós?

Jesse balançou a cabeça, e eu vi que ele estava sorrindo. Até que para um sujeito que morreu antes de inventarem a ortodontia ele tinha uns dentes bem bonitos. Quase tão bonitos quanto os do Bryce.

- Pode estar certa que não.

- Mas como é que você sabe?

- Porque não. Ela nem sabe que é capaz disto. Ela é muito nova no ramo, Suzannah. Ainda não sabe do que é capaz.

Se o objetivo era me fazer sentir melhor, não funcionou. O fato de ele reconhecer que ela era capaz de arrancar árvores e começar a atirá-las à distância - sim, ela tinha este poder - e só não o fazia por falta de experiência bastou, entretanto, para eu parar de tremer feito vara verde e largar a camisa dele. Não que eu não achasse que a Heather podia ter -me seguido se quisesse. Ela era perfeitamente capaz disso, exatamente como o Jesse sabia que era capaz. Ele já era fantasma há muito mais tempo que a Heather. Ela estava apenas começando a explorar suas novas possibilidades.

Era isto que dava mais medo. Ela era tão nova naq uilo tudo... e já tão poderosa.

Eu comecei a caminhar pelo estacionamento feito uma maluca.

- Precisamos fazer alguma coisa - disse. - Temos de avisar o padre Dominic... e também o Bryce. Meu Deus, temos de avisar o Bryce que não venha ao colégio amanhã. E la vai matá-lo. Vai matá-lo no exato momento em que ele puser o pé no campus...

- Suzannah - disse Jesse.

- Acho que podemos telefonar para ele. É uma hora da manhã, mas podemos telefonar e dizer a ele... nem sei o que a gente pode dizer para ele.

Talvez possamos dizer que houve uma ameaça de morte contra ele, ou alguma coisa assim. Talvez funcione. Ou então podemos mandar uma ameaça de morte. Isso mesmo! É isso aí! Podemos telefonar para a casa dele, aí eu disfarço a minha voz e digo algo do tipo "Não venh a ao colégio amanhã ou poderá morrer!. Talvez ele entenda. Talvez ele...

- Suzannah - voltou a dizer o Jesse.

- Ou então o padre Dom se encarrega! A gente faz o padre Dom telefonar para o Bryce e dizer a ele não vir ao colégio, que houve algum acidente ou coisa assim...

- Suzannah. - Jesse postou-se na minha frente no exato momento em que eu dei meia-volta mais uma vez, para percorrer feito uma siderada o mesmo caminho que estava percorrendo há alguns minutos. Fui obrigada a parar, apanhada de surpresa com sua proximidade, meu nariz praticamente batendo no exato ponto em que o colarinho da camisa estava aberto. Jesse agarrou os meus dois braços com firmeza e rapidez, para me fazer parar.

Não foi uma boa idéia. Claro, eu sei que um minuto antes eu o tinha agarrado - bem, não exatamente a ele, mas a sua camisa. Mas em circunstâncias normais eu não gosto de ser tocada por fantasmas que têm mãos grandes e fortes como as do Jesse.

- Suzannah - disse ele mais uma vez, antes que eu conseguisse dizer -lhe que tirasse suas manoplas de cima de mim. - Tudo bem. Não é culpa sua.

Você não podia fazer nada.

Eu meio que esqueci de ficar irritada com as mãos dele.

- Eu não podia fazer nada? Você está brincando? Eu devia ter dado um pontapé naquela garota para ela ir parar de v olta no seu túmulo!

- Não - e Jesse sacudiu a cabeça. - Ela a teria matado.

- Uma ova! Eu podia perfeitamente com ela. Se ela não tivesse feito aquilo com

a cabeça daquele cara...

- Suzannah.

- Eu sei o que estou dizendo, Jesse. Eu podia perfeitamente ter dado conta dela se ela não tivesse ficado tão enlouquecida. Aposto que se esperar só um pouquinho até ela se acalmar e voltar lá dentro, consigo convence -la...

- Não. - Ele soltou-me, mas logo tratou de passar um braço em volta do meu ombro e começou a me conduzir para longe do colégio, em direção à lixeira onde eu havia deixado minha bicicleta. - Vamos. Vamos para casa.

- Mas e...

- Não - cortou ele, apertando os meus ombros.

- Jesse, você não está entendendo. Este trabalho é meu. Eu tenho de...

- É uma tarefa do padre Dominic também, não? Deixe que daqui para frente ele cuida. Não há motivo para você ficar com toda a responsabilidade em cima dos seus ombros.

- Pois há sim. Fui eu que estraguei tudo.

- Foi você que encostou o revólver na cabeça dela e puxou o gatilho?

- Claro que não. Mas fui eu que a deixei tão furiosa. Não foi o padre Dom.

Eu não vou ficar pedindo para o padre Dom que conserte as minhas besteiras. Não teria o menor sentido.

- O que não tem sentido nenhum - é alguém esperar que uma garota c omo você entre em luta com um demônio dos infernos como...

- Ela não é um demônio dos infernos. Só está com raiva. E está com raiva porque o único cara em quem achava que podia confiar revelou -se um...

- Suzannah - e Jesse parou de caminhar de repente. Eu não só me desequilibrei e caí de cara no chão porque ele ainda estava segurando meus ombros.

Por um minuto, apenas um minuto, realmente fiquei pensando... bem, cheguei a pensar que ele ia me beijar. Eu nunca tinha sido beijada antes, mas parecia que estavam dadas todas as condições necessárias para que acontecesse um beijo naquela hora: sabe como é, o braço dele estava ao redor do meu ombro, tinha o luar, nossos corações estavam batendo mais depressa - e, claro, ambos acabávamos de escapar de ser mortos por um fantasma completamente ensandecido.

Naturalmente, eu não sabia como me sentia antes a possibilidade de que meu primeiro beijo fosse dado por alguém do outro mundo, mas sabe como é, quem está em petição de miséria não pode ficar escolhendo, e posso garantir uma coisa, o Jesse era muito mais gracinha do que qualquer cara vivo que eu tinha conhecido ultimamente. Eu nunca tinha visto um fantasma tão bonitão. Parecia que ele não podia ter mais de vinte anos quando morreu. Fiquei me perguntando de que tinha m orrido. Em geral é difícil dizer no caso dos fantasmas, pois seus espíritos tendem a assumir a formas que seus corpos tinham quando deixaram de funcionar. Meu pai, por exemplo, não é diferente hoje, quando aparece para mim, do que era um dia antes de sair para aquela fatal corrida no Prospect Park dez anos atrás.

Eu só podia deduzir que o Jesse tinha morrido nas mãos de alguém, pois ele me parecia com uma saúde de ferro. Era bem provável que tivesse sido atingido por alguma daquelas balas que deixaram burac os na varanda lá em baixo. Legal que o Andy os tivesse preservado para a posteridade.

E agora aquele fantasma sensacional parecia que ia me beijar. E que era eu para impedi-lo?

De modo que inclinei um pouco a cabeça para trás, olhei para ele com as pestanas meio fechadas e meio que deixei minha boca ficar bem relaxada, sabe como é... E foi aí que eu percebi que a atenção dele não estava exatamente focalizada na região de meus lábios, mas muito abaixo. Nem estava voltada para meus seios, o que seria uma exce lente segunda opção.

- Você está sangrando - disse ele.

Foi suficiente para estragar completamente aquele momento. E para deixar meus olhos bem arregalados.

- Não estou não - respondi automaticamente, pois não estava sentindo dor nenhuma. Então olhei para baixo. Pequenas manchas iam surgindo no piso debaixo dos meus pés. Não dava para dizer de que cor eram porque estava muito escuro. À luz da lua, pareciam negras. E logo em seguida constatei horrorizada que havia manchas escuras semelhantes na camisa do Jes se.

Mas era óbvio que as manchas estavam vindo de mim. Comecei a me olhar e a me apalpar toda, e vi que eu tinha conseguido abrir uma das menores veias do meu pulso, mas ainda assim uma veia importante. Enquanto falava com a Heather, eu tinha tirado as luv as e as havia guardado nos bolsos, e em minha pressa de escapar, durante o acesso de raiva dela, esquecera de voltar a vesti-las. Provavelmente eu me havia cortado nos estilhaços de vidro que ainda estavam no parapeito da janela da sala de aula do professor Walden quando eu pulei para fugir. O que servia para provar minha teoria de que é sempre na saída que a gente se machuca.

- Oh! - disse eu, vendo o sangue escorrer. Sem conseguir dizer nada que tivesse alguma utilidade, acrescentei: - Mas que horror! Sujei a sua camisa toda...

- Não é nada. - Jesse meteu a mão num dos bolsos da calça e tirou alguma coisa branca e macia que foi passando ao redor do meu pulso algumas vezes, para em seguida amarrá -la num laço. Enquanto fazia isto, não disse nada, totalmente concentrado no que estava fazendo. Quero registrar aqui que era a primeira vez que eu era atendida em primeiros socorros por um fantasma. Não era exatamente tão interessante quanto teria sido um beijo, mas também não posso dizer que era uma chatice.

- Pronto - disse ele ao concluir. - Está doendo?

- Não - respondi, pois não estava mesmo. Eu sabia por experiência própria que só começaria a doer algumas horas depois. - Obrigada.

- Não há de quê - disse ele.

- Não... - De repente, a coisa mais ridícula, eu est ava com vontade de chorar. Mesmo. E nunca choro. - não, obrigada mesmo. Obrigada por ter vindo me ajudar. Mas não precisava... Quer dizer, estou feliz que você tenha vindo. E... bem, obrigada de novo. Só isso.

Ele parecia ter ficado embaraçado. Acho que no fundo era perfeitamente natural que eu ficasse daquele jeito, toda dengosa com ele. Não consegui evitar. O fato é que eu ainda não estava conseguindo acreditar. Nenhum fantasma nunca tinha sido tão bonzinho assim comigo. Claro que meu pai tentou... Mas ele não era exatamente o tipo de pessoa de quem você pode esperar esse tipo de coisa. Na verdade eu nunca podia contar realmente com ele, especialmente numa crise.

Mas o Jesse... O Jesse tinha vindo em meu socorro. E eu nem tinha pedido nada a ele. Na verdade, tinha até sido muito desagradável com ele, de maneira geral.

- Esquece - foi tudo que ele conseguiu dizer. E acrescentou: -Vamos para casa.

Capítulo 12

Vamos para casa.

Aquele "Vamos para casa" tinha um ar tão aconchegante...

Só que a casa na qual ambos estávamos vivendo ainda não me parece exatamente como se fosse um lar. E como poderia? Eu só estava vivendo lá há uns poucos dias...

E por outro lado, claro, ele não tinha nada de estar vivendo lá...

De qualquer maneira, fantasma ou não fantasma, ele sa lvara a minha vida.

Isto não se podia negar. E talvez só o tivesse feito para cortejar o meu lado bom, para que eu não acabasse por expulsá -lo completamente da casa.

Independentemente do motivo, o fato é que tinha sido muito legal da parte dele. Até então ninguém nunca tomara a iniciativa de me ajudar -

principalmente, é claro, porque ninguém sabia que eu precisava de ajuda.

Nem a Gina, que estava presente quando madame Zara declarou que eu era um mediadora, sabia por que eu aparecia às vezes na escola com os olhos muito fundos, ou onde é que eu me metia quando faltava às aulas - coisa que eu fazia com bastante freqüência. E eu não podia explicar o que estava acontecendo. Não que Gina fosse pensar que eu estava maluca ou alguma coisa assim, mas ela acabaria dizendo a alguém mais (a gente só consegue manter segredo sobre essas coisas quando estão acontecendo conosco), que por sua vez diria a mais alguém e eu sabia que em algum momento alguém acabaria dizendo a minha mãe.

E minha mãe entraria em surto. Claro qu e é isto que as mães costumam fazer, e a minha não é diferente das outras. Ela já tinha me obrigado a fazer terapia e eu tinha de me sentar lá e ficar inventando mentiras complicadas na esperança de explicar meu comportamento anti -social. Eu não tinha a menor intenção de ir parar num asilo de loucos, que certamente era onde eu iria acabar se minha mãe alguma vez tivesse descoberto a verdade.

De modo que só podia me sentir agradecida por ter Jesse ao meu lado, embora ele me deixasse meio nervosa. Depois de t oda aquela catástrofe lá na Missão, ele me acompanhou até em casa, um perfeito cavalheiro. E até insistiu em empurrar ele mesmo a bicicleta, por causa da minha ferida. Se alguém tivesse olhando pelas janelas das casas por onde íamos passando, teria pensado que estava vendo coisas: eu me arrastando com dificuldade e aquela bicicleta deslizando ao meu lado sem o menor problema - com o detalhe de que minhas mãos nem tocavam nela.

Ainda bem que na Costa Oeste as pessoas vão dormir cedo.

O tempo todo, enquanto voltávamos para casa, a única coisa em que eu conseguia pensar era o que havia saído errado no confronto com a Heather.

Não voltei a falar do assunto - já o havia feito bastante; não queria ficar parecendo um disco quebrado, ou uma pianola quebrada ou o qu e quer que se usasse na época do Jesse. Mas era o único assunto em que eu conseguia pensar. Nunca, mas nunca havia encontrado um espírito tão violento e irracional. Eu simplesmente não sabia o que fazer. E eu sabia que precisava encontrar uma

saída, e bem depressa; faltavam só umas poucas horas para começarem as aulas e o Bryce cair direitinho na armadilha mortal que estava sendo preparada para ele.

Não sei se o Jesse percebeu por que eu estava tão calada, ou se ele estava pensando na Heather também... Só s ei que de repente ele quebrou o silêncio e disse:

- Não há no céu fúria comparável ao amor transformado em ódio nem há no inferno ferocidade como a de uma mulher desprezada.

Eu olhei para ele.

- Está falando por experiência própria?

Ele deu um pequeno sorr iso à luz da lua.

- É uma citação de William Congreve.

- Ah... Mas, como você sabe, às vezes a mulher desprezada está cheia de razões de ficar furiosa.

- E você está falando por experiência própria? - quis saber ele.

Eu dei uma risada.

- Nem de longe.

Pra te desprezar, é porque antes o cara gostou de você. Mas isto eu não disse em voz alta. Não há a menor hipótese de que eu pudesse alguma vez dizer uma coisa dessas em voz alta. Não que eu estivesse preocupada com o que o Jesse podia pensar de mim. Por que haveria de me preocupar com o que um caubói morto podia pensar de mim?

Mas eu não ia reconhecer diante dele que nunca havia tido um namorado.

A gente não sai por aí dizendo coisas assim a caras gostosões como ele, mesmo que estejam mortos.

- Mas a gente não sabe o que aconteceu entre a Heather e o Bryce. No fundo,

não sabemos. Ela podia ter muitas razões para estar ressentida.

- Ressentida com ele, acho que sim - disse Jesse, embora parecesse relutante em admiti-lo. - Ma não com você. Ela não tinha direito de tentar machucá-la.

Ele parecia tão furioso com aquilo que achei melhor mudar de assunto. No fundo, eu é que devia ter ficado danada com o fato de a Heather ter tentado me matar, mas sabe como é, já estou meio acostumada a lidar com gente irracional. Tudo bem, não tão irracional como a Heather, mas vocês sabem o que estou querendo dizer. E se há uma coisa que eu já aprendi, é que não se pode tomar as coisas pelo lado pessoal. Certo, ela tinha tentado me matar, mas como é que vou saber se ela tinha algum d escriminamento?

Quem pode garantir como eram os pais dela, afinal de contas? E se eles eram do tipo que saía por aí matando o primeiro capaz de contrariá -los?...

Mas depois de ver aquele colar de pérolas eu fiquei duvidando que eles fossem desse tipo.

Enquanto estava pensando nessas matanças, acabei me perguntando por que o Jesse acabara ficando tão indignado. Foi aí que me dei conta de que provavelmente ele tinha sido assassinado. Ou então tinha se matado. Mas não achava que ele fosse capaz de se matar. Ac hava que ele poderia ter morrido de alguma doença arrasadora...

Talvez não tenha sido muito delicado da minha parte (mas de qualquer forma eu nunca fui propriamente famosa pela delicadeza), mas acabei indo em frente e perguntei, quando estávamos subindo a longa ladeira coberta de cascalho até em casa:

- Mas e você? Como foi mesmo que morreu?

Jesse não disse nada logo em seguida. Provavelmente eu o tinha ofendido.

Já pude notar que os fantasmas não gostam muito de falar sobre como morreram. Às vezes nem se l embram. Vítimas de acidentes de carro geralmente não têm a menor idéia do que lhes aconteceu. Por isto é que eu sempre as vejo vagando em busca das outras pessoas que estavam no carro com elas. Tenho então de explicar o que aconteceu e tentar de alguma maneira imaginar onde podem estar as pessoas que elas estão procurando.

E isto é também um bocado doloroso, podes crer. Eu tenho de me abalar até a delegacia onde foi registrado o acidente, fingir que estou fazendo um trabalho para o colégio ou algo assim, co piar os nomes das vítimas e tentar descobrir o que aconteceu com elas.

Posso garantir que às vezes parece que meu trabalho nunca chega ao fim.

Seja como for, Jesse ficou calado por um momento e eu achei que ele não ia contar. Ele estava olhando bem para a frente, na direção da casa - a casa onde tinha morrido, a casa onde haveria de ficar rondando até que... bem, até que pudesse resolver o problema que o estava retendo neste mundo.

A lua ainda estava à vista, bem alto lá no céu, e eu podia ver o rosto do Jesse como se fosse dia. Ele não estava parecendo muito diferente do habitual. Sua boca, que era mais larga, de lábios finos, parecia estar meio carrancuda, o que, até onde eu sabia, era o que costumava fazer;. E apor baixo daquelas espessas sombrancelhas n egras, seus olhos, de cílios tão densos, eram tão reveladores quanto um espelho - quer dizer, eu provavelmente seria capaz de ver meu reflexo neles, mas não adivinharia nada sobre o que ele estava pensando.

- Hmm... - disse eu. - Sabe o que mais? Esquece. Se não quiser, não precisa me dizer...

- Não - ele respondeu. - Tudo bem.

- É só que eu estava meio curiosa, só isso. Mas se você achar que é uma coisa muito pessoal...

- Não, não é. - Nós já havíamos chegado à casa. Ele empurrou a bicicleta até o ponto onde ela devia ficar e a recostou no muro da garagem. Estava mergulhado na sombra quando afinal disse: - Como você sabe, nem sempre esta casa foi uma casa de família.

Como se fosse a primeira vez que o ouvia falar daquilo, exclamei:

- É mesmo?!

- Sim. Houve uma época em que era um hotel. Quer dizer, mais uma estalagem propriamente do que um hotel.

Perguntei então, toda animada:

- E você estava hospedado aqui?

- Sim. - Ele saiu da sombra da garagem, mas em vez de olhar para mim quando voltou a falar, estava c om o olhar apertado voltado para o mar. Eu tentei animá-lo:

- E... Aconteceu alguma coisa quando você estava aqui?

- Sim. - E ele olhou para mim. Ficou olhando por um longo momento.

Depois, disse: - Mas esta é uma longa história, e você deve estar muito cansada. Vá se deitar. Amanhã de manhã decidiremos o que fazer sobre a Heather.

Pode ser mais injusto?

- Espera um pouco - interrompi. - Não vou a lugar nenhum enquanto você não acabar de contar essa história.

Ele balançou a cabeça:

- Não, já é muito tarde. Eu conto uma outra vez.

- Puxa vida! - Eu devia estar parecendo uma garotinha recebendo ordens da mãe para ir-se deitar cedo, mas estava pouco ligando. Estava danada da vida. - Você não pode começar uma história assim e não acabar de contá -

la. Você tem de...

Agora o Jesse estava rindo de mim.

- Vá se deitar, Suzannah - disse ele, empurrando-me suavemente para a escada. - Você já foi suficientemente assustada esta noite.

- Mas você...

- Quem sabe outra vez... - insistiu ele. Já me conduziu na direção da varanda e agora eu estava no primeiro degrau, voltando -me para vê-lo rindo de mim.

- Você promete?

Seus dentes brilharam no luar.

-Prometo. Boa noite, hermosa.

- Já disse para não me chamar disso - resmunguei, subindo os degraus com toda força.

Mas já eram quase três horas da manhã e o máximo que eu conseguia era fingir indignação. É bom lembrar que eu ainda estava no horário de Nova York, três horas na frente. Já era difícil levantar na hora para ir para a escola quando eu conseguia dormir oito horas inteirinh as. Como é que haveria de ser com apenas quatro horas de sono?

Entrei na casa o mais discretamente possível. Felizmente, todo mundo, menos o cachorro, dormia profundamente. Ao me ver, ele levantou a cabeça no sofá onde se havia espichado e começou a sacudi r o rabo.

Grande cão de guarda. E minha mãe, que não queria saber de vê -lo dormindo no sofá branquinho... Mas eu é que não ia transformar o Max em inimigo, enxotando-o dali. Se bastava deixar que ele continuasse dormindo no sofá para impedir que avisasse à casa inteira que eu tinha saído, valia a pena.

Fui me arrastando como podia escada acima, pensando o tempo todo no que haveria de fazer com a Heather. Provavelmente teria de me levantar cedo e telefonar para o colégio, avisando ao padre Dom que fosse ao encontro do Bryce assim que ele pusesse os pés no campus e o mandasse de volta para casa. E decidi que nem mesmo me haveria de opor se fosse necessário recorrer aos piolhos. No fim das contas, a única coisa que interessava era impedir que a Heather consegui sse o que queria.

Ainda assim, a simples idéia de ter de levantar cedo para fazer alguma coisa - mesmo que fosse salvar a vida do cara com quem eu tinha um encontro no sábado à noite - não parecia das mais atraentes. Agora que a adrenalina toda já havia passado, eu me dava conta de que estava morta de cansaço. Fiz mais um esforcinho e consegui chegar até o banheiro para vestir o pijama - claro, pois embora tivesse certeza de que o Jesse não estava me espionando, ele ainda não havia dito como tinha morrido, e portanto eu não ia arriscar nada. Ele bem que podia ter sido enforcado por voyerismo, uma pena que eu acreditava ter sido aplicada algumas vezes uns cento e cinqüenta anos antes.

Foi só no momento em que decidi mudar a atadura no meu pulso que prestei atenção no que ele havia usado.

Era um lenço. Antigamente todo mundo usava lenço de pano, pois não havia lenços de papel. E as pessoas pareciam dar a maior importância, costurando neles as suas iniciais, para que não se perdessem ao serem lavados.

Só que o lenço do Jesse não tinha suas iniciais, conforme pude notar ao lavá-lo e tentar tirar o meu sangue o melhor que pude. Era um grande quadrado de linho, branco (com, já então meio cor -de-rosa) com um debrum de delicada renda branca. Meio delicadinho para um c ara como ele. Eu teria ficado meio cismada com a orientação sexual do Jesse se não tivesse visto as iniciais que estavam bordadas num dos cantos. Os pontos eram minúsculos, linha branca sobre tecido branco, mas as letras propriamente eram enormes, numa cal igrafia floreada: MDS. Isso mesmo.

MDS. Nada de J.

Estranho. Muito estranho.

Pendurei o lenço para secar. Não precisava me preocupar com a possibilidade de alguém vê-lo. Para começo de conversa, só usava o meu banheiro, e além disso ninguém era mesmo capaz de ver o Jesse, portanto ninguém poderia ver o seu lenço. Amanhã de manhã ele estaria lá exatamente como agora. E talvez eu decidisse exigir explicações sobre aquelas letras antes de devolvê -lo. MDS.

Só quando estava começando a adormecer é que me dei con ta de que MD

devia ser uma garota. Caso contrário, por que tanta rendinha? E aquelas letras todas caprichadas? Será que o Jesse não tinha morrido num tiroteio, como eu acreditava inicialmente, e sim em alguma briga de amantes?

Não sei por que, mas o fato é que esta idéia me deixou bem perturbada. Por causa dela fiquei acordada bem uns três minutos. Até que virei para o outro lado, senti falta da minha antiga cama por um instantinho só e caí no sono.

Capítulo 13

Minha intenção, naturalmente, era acordar ce do e telefonar ao padre Dominic para avisá-lo sobre a Heather. Mas de boas intenções o inferno está cheio e vai

ver eu não presto mesmo para nada, pois só fui acordar com minha mãe me sacudindo, e àquela altura já eram sete e meia e minha carona já estava indo embora.

Ou pelo menos era o que eles achavam. Eles se atrasaram à beça quando o Soneca descobriu que tinha perdido as chaves do Rambler, de modo que deu tempo de eu me arrastar da cama e enfiar -me numa roupa qualquer -

não me perguntem qual. Fui desce ndo a escada quase sem me agüentar, e parecia que alguém tinha batido várias vezes na minha cabeça com um saco de pedras enquanto o Mestre contava para todo mundo que a irmã Ernestine tinha avisado que se ele faltasse a mais uma formatura teria de repetir o ano.

Foi aí que lembrei que as chaves do Rambler estavam no bolso da minha jaqueta de couro desde a noite anterior.

Discretamente, fui subindo de novo a escada e fingi que tinha achado as chaves no patamar. O pessoal comemorou um pouco, mas reclamou um bocado, pois o Soneca jurava que as tinha deixado penduradas no gancho da cozinha e não sabia como tinham ido parar no patamar.

-Deve ter sido o fantasma do Dave - disse o Dunga olhando de soslaio para o Mestre, que ficou totalmente sem graça.

Então entramos no carro e fomos embora.

Claro que estávamos atrasados. Na Academia da Missão Junipero Serra, a formatura começa às 8 horas em ponto. Nós chegamos uns dois minutos depois. Nessa formatura, que dura mais ou menos quinze minutos antes do início das aulas, é feita a chamada e são lidas comunicações aos alunos, enfileirados separadamente por sexo, os garotos de um lado e as garotas de outro, como se fôssemos missionários quadres ou algo assim. Quando nós chegamos, claro que a formatura já tinha começado. Eu p retendia passar agachada direto para o gabinete do padre Dominic, mas evidentemente não tive a menor chance.

Irmã Ernestine anotava a meu respeito em seu caderninho negro, mas percebi que seria impossível chegar ao gabinete do diretor, por causa das fitas isolantes amarelas que impediam a passagem pelos arcos ao redor do pátio - e, naturalmente, por causa de todos aqueles guardas que estavam ali.

Só posso deduzir que todos os padres e freiras e o pessoal se levantou para as matinas, que é como eles chamam a primeira missa da manhã, e deram lá fora com a estátua do fundador da igreja sem cabeça, a fonte quase sem água nenhuma, o banco onde eu estivera sentada completamente retorcido e revirado e a porta da sala de aula do professor Walden em panderecos.

Compreensivelmente, eles surtaram e chamaram a polícia. O pessoal de uniforme estava por toda parte, colhendo impressões digitais e tirando medidas, como a distância que a cabeça de Junipero Serra percorrera e a velocidade em que precisava ter voado para fazer tantos buracos numa porta feita de madeira com espessura de sete centímetros, e coisas assim.

Eu vi um sujeito metido num jaquetão de couro azul -marinho conversando com o padre Dominic, que parecia mesmo muito, mas muito cansado. Não consegui que ele me visse, e concluí que teria de esperar o fim da formatura para sair de fininho e me desculpar com ele.

Na formatura, a irmã Ernestine, que era a vice -diretora, disse que aquilo tinha sido feito por vândalos. Um bando de vândalos tinha invadido a sala do professor Walden e cometido aquele desatino todo na escola.

Felizmente, acrescentou, o cálice e a bandeja de ouro maciço usados para o vinho e as hóstias do sacramento não tinham sido roubados e continuavam em seu devido lugar no altar da igreja. Os vândalos ti nham decapitado violentamente o fundador do nosso colégio, mas deixaram em paz o que era realmente valioso. Se algum de nós soubesse alguma coisa sobre aquela terrível violência, deveria informar imediatamente. E se não nos sentíssemos à vontade para fazê -lo pessoalmente, poderíamos informar anonimamente - monsenhor Constantine estaria ouvindo confissões...

...todas a manhã.

Corta essa... Não era culpa minha se a Heather tinha ensandecido completamente. Nada disso. Se alguém tinha que confessar era ela.

Ali na formatura eu estava bem atrás da Cee Cee, que mal conseguia esconder sua felicidade com o que tinha acontecido; dava até para ver a manchete se formando em sua mente: "Vândalos arrancaram a cabeça do padre Serra". Estiquei um pouco o pescoço para tenta r ver os veteranos. E

se o Bryce estivesse lá? Eu não estava conseguindo vê -lo.Talvez o padre Dom já tivesse falado com ele e ele tivesse voltado para casa. Ele não podia deixar de ter visto que aquele estrago todo ali no pátio decorria de muita agitação espiritual, e não humana. E eu esperava que o padre Dom não tivesse recorrido aos piolhos.

Tudo bem, era mais em mim do que no Bryce que eu estava pensando. Eu queria muito que o nosso encontro de sábado desse certo, e não que fosse cancelado por causa de p iolhos. Por acaso é algum crime? Não é possível que uma garota comum tenha de passar o tempo todo enfrentando distúrbios psíquicos. Um pouquinho de romance também não faz mal nenhum.

Mas é claro que assim que a formatura acabou e eu tentei me encaminhar depressinha para o gabinete do padre Dom, a irmã Ernestine me apanhou com a boca na botija, no exato momento em que eu tentava passar por debaixo de uma das fitas amarelas, e foi dizendo:

- Espera aí um pouquinho, senhorita Simon. Talvez lá em Nova York as pessoas possam ignorar fitas de isolamento da polícia, mas aqui na Califórnia não é nada recomendável.

Eu me endireitei. Quase tinha conseguido... Fiquei pensando umas coisas nada agradáveis sobre a irmã Ernestine, mas consegui dizer educadamente:

- Puxa, irmã, sinto muito. É que preciso chegar ao gabinete do padre Dominic.

- O padre Dominic - disse friamente irmã Ernestine - está muito ocupado esta manhã. Ele está reunindo com os policiais por causa do lamentável incidente da noite passada. Não vai poder f alar com ninguém mais pelo menos até depois do almoço.

Irmã Ernestine me olhou com um jeito de "eu sabia" e voltou sua atenção para o inocente garoto que caíra na besteira de ir ao colégio de jeans, uma falta imperdoável. O guri tentou se justificar humi ldemente, dizendo que eram as únicas calças limpas que tinha naquele dia, mas a irmã Ernestine ficou firme. Firme, infelizmente, no exato lugar por onde eu poderia passar a caminho do gabinete do diretor, tratando de anotar a falta do aluno.

Eu não tinha outra opção senão ir para a sala de aula. Afinal, que poderia dizer ao padre Dominic que ele já não soubesse? Eu tinha certeza de que ele sabia que a Heather é que tinha devastado o colégio, e que eu tinha quebrado a janela da

sala do professor Walden. Prov avelmente ele nem ia estar assim tão satisfeito comigo, logo, por que me preocupar? O que eu devia estar fazendo mesmo era tratar de fazer com que ele esquecesse de mim.

A não ser que... onde andaria a Heather?

Pelo que eu podia imaginar, ela ainda devia e star se recuperando de sua fúria assassina da noite anterior. Não vi qualquer sinal dela quando me caminhei para a sala de aula do professor Walden para o primeiro período, o que era bom sinal: significava que o padre D e eu teríamos tempo para fazer algum plano antes que ela voltasse a atacar.

Enquanto assistia à aula tentando me convencer de que tudo ia dar certo, eu não podia deixar de sentir uma certa pena do professor Walden. Ele estava com a porta da sua sala razoavelmente destruída. Até que nem parec ia estar se importando tanto com a janela quebrada. Claro que todo mundo do colégio estava comentando o que havia acontecido. As pessoas estavam dizendo que a decapitação de Junipero Serra tinha sido uma piada de mau gosto. Mas uma piada e tanto. Uma vez, há alguns anos, contara-me Cee Cee, os veteranos tinham amarrado travesseiros nos badalos dos sinos da igreja, de modo que quando foram tocados só saiu um ridículo som abafado. Acho que as pessoas ficaram achando que era uma gracinha do mesmo gênero.

Se eles soubessem a verdade... O lugar da Heather, ao lado da Kelly Prescott, continuava vazio, enquanto o seu armário - que agora era meu -

ainda não podia ser usado por causa do amassão provocado pelo impacto do seu corpo.

Não deixou de ser irônico que, enqua nto eu estava pensando exatamente nisto, a Kelly levantasse o braço e, recebendo autorização do professor Walden para falar, perguntasse se ele não achava injusto o monsenhor Constantine decidisse que não haveria nenhum serviço religioso em memória da Heather.

O professor Walden recostou -se na cadeira e pôs os pés em cima da mesa.

E tratou de tirar o corpo fora:

- Não pergunte a mim. Eu só trabalho aqui.

- Mas o senhor não acha que é injusto? - insistiu a Kelly, voltando-se para o resto da turma com seus en ormes cílios cheios de rímel piscando muito. -

A Heather freqüentou este colégio durante dez anos. Não dá para entender que ela não possa ser homenageada em seu próprio colégio. E para dizer a verdade eu acho que o que aconteceu ontem foi um sinal...

O professor Walden parecia estar se divertindo horrores:

- Um sinal, Kelly?

- Exatamente. Tenho certeza de que o que aconteceu aqui ontem à noite, inclusive aquela tora de madeira que quase matou o Bryce, tem ligação.

Não acho mesmo que a estátua do padre Serra tenha sido depredada por vândalos, e sim por anjos. Anjos que estão muito danados com o fato de monsenhor Constantine não permitir que os pais da Heather realizem seu funeral aqui.

A turma toda começou a cochichar. As pessoas ficavam olhando nervosas para o lugar vazio da Heather. Geralmente eu não falo muito no colégio, mas aquela eu não podia deixar passar. Disse então:

- Você está dizendo então que foi um anjo que quebrou esta janela aqui atrás de mim, Kelly?

Ela precisou virar-se para me ver:

- Bem... - fez ela. - Pode ter sido...

- Certo. E você acha que foram anjos que arrombaram a porta da sala, arrancaram a cabeça da estátua e arrasaram o pátio?

Kelly esticou o queixo para frente.

- Sim - disse. - Acho sim. Foram anjos inconformados com a decisão de monsenhor Constantine de não permitir que a gente homenageie a Heather.

Eu balancei a cabeça.

- Besteira - disse.

Kelly levantou as sobrancelhas:

- Como?!

- Besteira, Kelly. Acho que a sua teoria é pura besteira.

A Kelly adquiriu uma coloração avermelhada das mais interessantes. Acho que ela provavelmente estava lamentando ter -me convidado para a festa na piscina.

- Você não pode ter certeza de que não foram anjos, Suze - disse ela toda azeda.

- Na verdade posso, pois pelo que sei anjos não sangram, e o ca rpete estava cheio de sangue desde o lugar onde o vândalo se cortou ao arrombar a janela até aqui. Foi por isto que a polícia cortou pedaços do carpete para examiná-los.

A Kelly não foi a única a engolir em seco. Todo mundo meio que surtou.

Provavelmente eu não devia ter falado do sangue, ainda mais porque era meu, mas não podia deixar que ela ficasse dizendo que era tudo por causa dos anjos. Anjos uma droga. O que ela estava pensando? Que estava no cinema?

- Muito bem, muito bem - interrompeu o professor W alden. - Agora, pessoal, está na hora do segundo período. Suzannah, posso falar com você um instantinho?

Cee Cee virou-se para ficar abanando aqueles cílios dela na minha direção.

- Agora chegou a sua vez, otária - disse.

Mas ela nem estava sabendo como po dia estar certa. Bastava que qualquer um desse uma olhada nos band -aids que estavam no meu pulso, e ficaria sabendo que eu sabia por experiência própria de onde vinha aquele sangue.

Por outro lado, ninguém podia ter algum motivo para suspeitar de mim, confere?

Fui me aproximando da mesa do professor Walden com o coração na boca.

Ele vai te entregar, pensei, furiosa. Você é uma negação, Suzannah.

Mas o professor Walden só queria me cumprimentar pelas notas de pé de página da minha redação sobre a batalha de Bladensburgo, que ele havia notado quando eu a entreguei.

- Ah... - disse eu. - Não é nada de mais, professor.

- Sim, mas notas de pé de página... - suspirou ele. - Desde que eu dava aulas para adultos na escola comunitária, nunca mais tinha voltado a ver notas de pé de página serem usadas corretamente. Realmente, você fez um excelente trabalho.

Eu balbuciei um modesto obrigado. Eles não precisavam ficar sabendo que eu entendia tanto da batalha de Bladensburg porque uma vez tinha ajudado um veterano da guerra a levar dois antepassados dele até o local onde fora enterrado um saco de dinheiro que ele deixara cair na luta. Podem ser mesmo bem engraçadas as coisas que ficam impedindo as pessoas de seguirem com sua vida... ou melhor, com sua morte.

Eu estava quase dizendo ao professor Walden que gostaria muito, em condições normais, de ficar batendo um bom papo sobre grandes batalhas americanas, mas que tinha de ir (eu ia ver se a irmã Ernestine ainda estava montando guarda no caminho para o gabinete do padre Dom) , quando ele me deteve com estas simples palavras:

- É engraçado, realmente, que a Kelly tenha se referido daquela maneira à Heather, Suzannah.

Eu olhei pra ele desconfiada:

- Ah, é? Como assim?

- Bem, não sei se você sabia, mas a Heather era vice -presidente da turma dos segundanistas, e agora que não a temos mais aqui eu estou recolhendo indicações para o cargo. E acredite ou não, você foi indicada. Doze vezes por enquanto.

Meus olhos devem ter saltado de órbita. esqueci completamente que eu tinha de me arrancar dali para ir falar com o padre Dominic.

- Doze vezes?!

- Sim, é estranho, não é mesmo?

Eu não conseguia acreditar.

- Mas eu só estou aqui há um dia!

- O fato é que você causou uma forte impressão. Eu mesmo me arriscaria a dizer que você não fez exat amente inimigos ontem quando ameaçou quebrar os dedos da Debbie Mancuso depois da aula. Ela não é das colegas mais queridas...

Eu fiquei olhando para ele. Quer dizer então que o professor Walden realmente tinha ouvido a minha ameaça. O fato de ele ter ouvi do e não ter me mandado direto para o castigo me fez admirá -lo de uma maneira que nenhum professor antes havia merecido.

- E acho também que o fato de você ter empurrado o Bryce Martinson quando aquela tora de madeira vinha na direção dele também deve ter ajudado um pouco - acrescentou.

- Uau! - fiz eu.

Provavelmente nem preciso lembrar aqui que na minha antiga escola eu não era certamente aquela que ganhava os concursos de popularidade. Eu nem me dava ao trabalho de me oferecer para ser líder de torcida ou madrinha do time. Mesmo considerando que na minha escola antiga ser líder de torcida era considerado uma enorme perda de tempo e que no Brooklyn não é exatamente um elogio ser chamada de madrinha de alguma coisa, o fato é que eu nunca teria conseguido qua lquer das duas coisas. E

ninguém - mas ninguém mesmo - nunca tinha me indicado antes para o que quer que fosse.

Eu estava orgulhosa demais para seguir meu instinto, que me dizia: agradeça, mas diga que não, e saia correndo.

- Bem... - comecei. - Quais são as obrigações do vice-presidente?

O professor Walden explicou:

- Ajudar o presidente a decidir como gastar a verba da turma, principalmente.

Não é muita coisa, um pouco mais de três mil dólares. A Kelly e a Heather estavam planejando promover uma festa no Carmel Inn, mas...

- Três mil dólares!? - repeti, provavelmente com o queixo caído.

- É, eu sei que não é muito...

- E a gente pode gastar como quiser? - Minha mente estava girando. - Quer dizer que se a gente quisesse fazer uma série de festinhas na praia poderíamos?

O professor Walden me olhou com curiosidade.

- Claro. Mas o resto da turma precisa aprovar. Desconfio que pode estar rolando na administração um papo sobre usar o dinheiro da turma para consertar a estátua do padre Serra, mas... O que quer que o professor Walden fosse acrescentar, no entanto não conseguiu. A Cee Cee voltou correndo para a sala, os olhos muito arregalados por trás das lentes de seu óculos de vidro colorido:

- Venham, venham depressa! - berrava ela. - Aconteceu um acidente! O

padre Dominic e o Bryce...

Eu saí correndo feito uma bala:

- O quê? - perguntei,m com muito mais ênfase do que seria desejável. -

Que aconteceu com ele?

- Acho que estão mortos!

Capítulo 14

Eu corri tão depressa que mais tarde a irmã Mary Claire, a treinado ra de corrida, perguntou se eu queria entrar para a equipe.

Mas a Cee Cee estava completamente enganada. Padre Dominic não estava morto. Nem o Bryce.

E o que havia acontecido não tinha nada a ver com acidente.

Como podia imaginar praticamente qualquer um, acontecera o seguinte: o Bryce

entrou no gabinete do diretor por algum motivo, ninguém sabe qual.

Talvez um passe de atraso, já que ele tinha perdido a formatura - só que não, como eu esperava, porque o padre Dom o tivesse encontrado. O Bryce estava de pé em frente à escrivaninha da secretária, embaixo do crucifixo gigantes que, segundo o Adam, derramaria lágrimas de sangue se alguma vez houvesse uma formanda virgem na Academia da Missão (a secretária não estava lá porque estava servindo café aos guardas qu e continuavam lá no pátio) quando aquela enorme cruz de quase dois metros de altura de repente se desgarrou da parede. Padre Dominic abriu a porta de seu gabinete exatamente na hora em que ela estava caindo para a frente, a ponto de esmagar o crânio do Bry ce. Mas, como o padre Dominic deu um empurrão nele, só a clavícula foi atingida.

Infelizmente, o padre Dominic acabou recebendo todo o peso da cruz, que o projetou no chão, esmagou suas costelas e quebrou uma de suas pernas.

O professor Walden e um grupo d e irmãs ficou tentando fazer com que voltássemos para a sala de aula em vez de fazer com que voltássemos para a sala de aula em vez de ficar atravancando a galeria, à espera de que o padre Dom e o Bryce saissem do gabinete. Uma parte do pessoal se afastou quando a irmã Ernestine ameaçou todo mundo de castigo, mas não eu. Eu não dava a menor bola se ficasse de castigo. Eu precisava saber se eles estavam bem. Irmã Ernestine disse alguma coisa desagradável, dando a entender que talvez a srta. Simon não se dess e conta de como era ruim ficar de castigo na Academia da Missão. Eu respondi que, se ela estivesse me ameaçando com castigos corporais, eu diria à minha mãe, que era apresentadora de um jornal local e chegaria lá com um câmera tão depressa que não daria nem tempo para alguém dizer uma Ave - Maria.

Irmã Ernestine ficou bem calada depois disso.

Foi pouco depois que eu vi que o Mestre estava pertinho de mim. Como as crianças menores têm de ficar bem longe, do outro lado do colégio, eu olhei para ele e disse:

- E o que você está fazendo aqui?

- Quero ver se ele está bem - respondeu, com as sardas se destacando mais que nunca, tão pálido ele estava.

- Você vai arranjar problema - adverti. Irmã Ernestine estava ocupadíssima anotando os nomes das pessoas.

- Não dou a mínima - fez Mestre. - Eu quero ver.

Eu dei de ombros. Aquele Mestre era mesmo um cara engraçado. Não tinha nada a ver com seus irmãos e não era só por causa do cabelo ruivo.

Lembrei-me do comentário maldoso do Dunga sobre as chaves do carro e o

"fantasma do Dave", e fiquei me perguntando até que ponto Mestre sabia alguma coisa, se é que sabia, sobre o que estava acontecendo ultimamente em seu colégio.

Finalmente, quando parecia que já tinham passado várias horas, eles saíram lá de dentro. Bryce foi o prim eiro a aparecer, amarrado a uma maca e gemendo, lamento dizer, como um bebezinho. Eu já quebrei e desloquei um bocado de ossos, e podem ficar sabendo que dói, mas não ao ponto de ficar lá deitada gemendo. Geralmente, quando me machuco eu nem me dou conta. Como ontem à noite, por exemplo. Quando realmente me machuco eu só consigo ficar rindo, pois dói tanto que chega a ser engraçado.

E vou ter de reconhecer que eu meio que parei de gostar tanto do Bryce depois de vê-lo agir daquela maneira como um bebê...

Especialmente quando vi o padre Dom, que foi trazido em seguida pelos paramédicos numa cadeira de rodas. Ele estava inconsciente, com os cabelos brancos caindo para o lado de um jeito tão triste e um corte parcialmente coberto por gaze acima do olho direito. Em minha pressa de chegar ao colégio, eu não tinha comido nada de manhã, e tenho de reconhecer que a visão do pobre padre Dominic me fez sentir meio tonta.

Na realidade, pode ser que eu tenha vacilado um pouco, e provavelmente teria caído se o Mestre não tivesse apanhado a minha mão e dito, confiante:

- Fique tranqüila. Eu também fico enjoado quando vejo sangue.

Mas não foi a visão do sangue do padre Dom vazando pelo curativo em sua cabeça que me deixou enjoada. Foi a contração de que eu havia fracassado.

Eu tinha fracassado terrivelmente. Foi por pura sorte que a Heather não tinha conseguido matar os dois. Era exclusivamente por causa da rápida reação mental do padre Dom que ele e Bryce ainda estava, vivos. E não havia sido por minha causa. Não mesmo.

Pois se na noite anterior eu tivesse agido melhor aquilo não teria acontecido. Não teria acontecido mesmo.

Foi aí que eu fiquei danada. Danada pra valer.

De repente, entendi o que eu tinha que fazer. Olhei para o Mestre e perguntei:

- Há algum computador aqui no colégio? Um computador com acesso à Internet?

- Claro - respondeu Mestre, parecendo surpreso. - Na biblioteca. Por quê?

Eu larguei sua mão.

- Esquece. Volte para sua sala.

- Suze...

- Quem não estiver na sala de aula dentro de um minuto será suspenso p or tempo indeterminado - anunciou irmã Ernestine imperiosamente.

Mestre puxou a minha manga.

- O que está acontecendo? - quis saber. - Para que você quer um computador?

- Para nada - respondi. Por trás do portão de ferro batido que dava para o estacionamento, os paramédicos estavam fechando as portas das ambulâncias que levariam padre Dom e o Bryce. Um segundo depois, estavam se afastando em meio as sirenes e luzes piscando.

- É que... São coisas que você não entenderia, David. Não são coisas científicas.

Mestre respondeu, muito indignado:

- Sou capaz de entender muita coisa que não é científica. Música, por exemplo. Aprendi sozinho a tocar Chopin em meu teclado eletrônico. Isto não tem nada de científico. O gosto pela música é puramente emocional, assim como o gosto pela

arte. Sou capaz de entender arte e música.

Portanto, corta essa, Suze. Pode me contar.

Tem alguma coisa a ver com... aquilo que a gente estava comentando na outra noite?

Eu baixei o rosto e olhei para ele surpresa. Ele deu de ombros.

- Era a conclusão lógica. Fiz um rápido exame da estátua (rápido porque não consegui me aproximar como gostaria, por causa das fitas isolantes e da equipe que recolhia provas) e não encontrei marcas de serra ou qualquer outro sinal da maneira como a cabeça foi co rtada. Não existe a menor possibilidade de cortar bronze tão certinho sem usar instrumentos pesados, que nunca poderiam ter sido levados até ali...

- Sr. Ackerman! Está querendo ser anotado! - ameaçou Irmã Ernestine, que não parecia estar brincando.

David fez um ar de irritação.

- Não - respondeu.

- Não o quê?

- Não, irmã - Ele olhou em minha direção, como se pedisse desculpas. -

Acho melhor ir andando. Mas será que podemos voltar a falar deste assunto à noite em casa? Eu descobri umas coisas sobre.. bem, s obre aquilo que você me pediu. Você sabe. - E arregalou os olhos, cúmplice. - Sobre a casa.

- Ah, sim - respondi. - Genial. OK.

- Sr. Ackerman!

David voltou-se para ver a freira.

- Espere só um minuto, OK, irmã? Estou tentando conversar aqui com ela.

O rosto dela, uma mulher de meia -idade, ficou completamente lívido.

Parecia incrível. Ela reagiu da maneira mais infantil, como se fosse ela que tivesse doze anos, e não o David.

- Faça o favor de me acompanhar, rapazinho! - disse, puxando-o pela orelha. - Estou vendo que sua meia-irmã pôs na sua cabeça algumas idéias muito interessantes da cidade grande sobre como os meninos devem falar com os mais velhos...

David emitiu um ruído como se fosse um animal ferido, mas a acompanhou, recurvado como um camarão de tan ta angústia que estava sentindo. Eu juro que não teria feito nada, nada mesmo, se de repente não tivesse visto a Heather de pé por trás do portão, rindo às gargalhadas.

Minha nossa! - exclamou ela, meio engasgada, de tanto que estava rindo. - Se você tivesse visto a sua cara quando disseram que o Bryce estava morto! Juro! Foi a coisa mais engraçada que já vi! - Ela parou de rir para ajeitar seus longos cabelos e prosseguiu: - Sabe o que mais? Acho que vou esmagar mais algumas pessoas hoje. Talvez comece com aquele carinha ali...

Eu avancei em direção a ela.

- Se encostar a mão no meu irmão eu enfio a sua cara de volta naquele túmulo de onde saiu rastejando.

Heather limitou-se a rir, mas a irmã Ernestine, que, só então me dei conta, pensou que eu me dirigia a ele, soltou o David tão depressa que parecia que o garoto de repente tinha pegado fogo.

- O que foi que disse?

Irmã Ernestine estava ficando meio roxa. Atrás dela, Heather se escangalhava de rir.

- Agora você conseguiu mesmo. Detenção por uma semana!

E sem mais nem menos desapareceu, deixando mais uma barafunda dos diabos para eu resolver.

Para surpresa tanto minha quanto, suponho, dela própria, irmã Ernestine só conseguia ficar olhando para mim. David estava ali esfregando a orelha com ar

de espanto. Então eu disse o mais depressa que pude:

- Agora vamos voltar para a sala. Só estávamos preocupados com o padre Dominic e queríamos acompanhá -lo até a saída. Obrigada, irmã.

Irmã Ernestine continuou olhando fixo para mim sem dizer nada. Era uma mulher grande, não tão alta quanto eu em minhas botas negras de salto alto, mas muito mais corpulenta, com aqueles seios enormes. Entre os dois pendia uma cruz de prata. Inconscientemente, irmã Ernestine tocava a cruz com os dedos enquanto me olhava. Mais tarde, Adam, qu e tinha visto a cena toda, diria que irmã Ernestine segurava com força a cruz, como se quisesse proteger-se de mim. O que não é verdade. Ela limitou -se a tocar a cruz, como se quisesse ter certeza de que continuava lá. E estava. Com toda certeza.

Acho que foi naquele comento que o David deixou de ser Mestre para mim, e passou a ser mesmo David.

- Não se preocupe - disse-lhe pouco antes de nos separarmos, pois ele parecia tão preocupado e tão engraçadinho com seu cabelo ruivo, suas sardas e suas orelhas pontudas. Estiquei a mão e desarrumei aquela cabeleira vermelha: - Vai dar tudo certo.

David olhou para mim.

- Como você sabe? - perguntou.

Eu recolhi minha mão.

Pois é claro que a verdade é que eu não sabia. Quer dizer, que tudo ia dar certo. Muito pelo contrário, na realidade.

Capítulo 15

O almoço já tinha quase acabado quando eu finalmente consegui pegar o Adam de jeito. Eu tinha passado quase a aula inteira com a cara enfiada num computador na biblioteca. Ainda não tinha comido, mas a verdade é que não estava com a menor fome.

- Ei - chamei, sentando ao lado dele e cruzando as pernas de um jeito que minha saia preta subisse só um pouquinho. - Você veio de carro para o colégio hoje de

manhã?

Adam bateu no peito. Ele tinha começado a beliscar um salgadinho no exato momento em que eu me sentei. Quando finalmente consegui que ele descesse, disse, todo orgulhoso:

- Claro que vim. Agora que estou com a minha carteira, sou uma verdadeira máquina de dirigir. Você devia ter saído com a gente ontem à noite, Suze. Foi o máximo! Depois que a gente saiu do Café Clutch, fomos dar uma volta pela Avenida Dezessete. Você já fez isso alguma vez? Cara, com a lua que estava fazendo ontem à noite, o mar estava tão bonito...

- Será que você topava me levar a algum lugar depois das aulas?

Adam levantou-se de repente, assustando duas enormes gaivotas que estavam perto do banco onde ele se sentara ao lado de Cee Cee.

- Está brincando? Aonde quer ir? É só dizer, Suze, e eu te levo. Las Vegas?

Nenhum problema. Eu tenho 16 anos, você tem 16 anos. Podemos nos casar lá com a maior facilidade. Meus pais deixam a gente morar com eles, sem problema. Algum problema em ficar no meu quarto? Juro que a partir de agora eu tomo cuidado com as coisas...

- Adam - interferiu a Cee Cee. - Deixa de ser espaçoso. Duvido muito que ela queira se casar com você.

- Não acho uma boa idéia casar de novo antes de conseguir o divórcio do meu primeiro marido - disse eu, com a cara mais séria. - O que eu estou querendo mesmo é ir ao hospital visitar o Bryce.

Os ombros do Adam caíram.

- Ah – fez ele, sem conseguir esconder o desânimo. – Só isso?

Aí eu saquei que tinha dito a coisa errada. Mas não dava para voltar atrás.

Felizmente, a Cee Cee veio em meu socorro, dizendo, bem estudada:

- Sabe o que mais, uma matéria sobre o Bryce e o padre Dominic bravamente

lutando para se recuperar dos ferimentos não seria uma má idéia para o jornal. Você se importa se eu for com você, Suze?

- Claro que não – respondi, o que era, naturalmente, uma mentira. Com a Cee Cee do lado, seria difícil fazer tudo que eu tinha de fazer sem precisar explicar um monte de coisas...

Mas que escolha eu tinha? Nenhuma.

Como eu já tinha garantido a minha carona, comecei a procurar o Soneca.

Encontrei-o cochilando e o cutuquei com a ponto da bota para acordá-lo.

Quando ele começou a piscar para mim por trás dos óculos escuros, eu disse que não esperasse por mim depois das aulas, pois já tinha arranjado carona. Ele resmungou e voltou a dormir.

Dei um jeito então de achar uma cabine telefônica. É estranh o quando a gente não sabe o telefone de nossa própria mãe. Quer dizer, eu ainda sabia de cor o nosso número de telefone. Ainda bem que o havia anotado em minha caderneta, Fui até a letra S, de Simon, encontrei o número e disquei.

Eu sabia que não tinha ninguém em casa. Mas queria me garantir por todos os lados. Aí deixei gravada na secretária eletrônica a mensagem de que talvez me atrasasse na volta do colégio. Eu tinha certeza de que a minha mãe ia adorar quando voltasse da estação e ouvisse aquela mensage m.

Quando a gente ainda morava no Brooklyn, ela estava sempre preocupada, achando que eu era anti-social. Estava sempre dizendo:

- Suzannah, você é uma moça tão bonita.. Não entendo por que nenhum rapaz telefona para você. Quem sabe se você não parecesse t ão... bem, tão durona?... Que tal deixar a jaqueta de couro descansar um pouco?

Ela provavelmente morreria de alegria se estivesse no estacionamento depois das aulas e ouvisse o Adam quando eu me aproximei do seu carro.

- Olha só, Cee, aqui está ela – disse ele, abrindo a porta do carona do seu carro, que era simplesmente um New Beetle, o novo fusca (acho que os pais do Adam não estavam propriamente passando necessidade. – Venha, Suze, você vai sentar

bem aqui ao meu lado.

Através dos óculos escuros – como sempre, a bruma da manhã já se dissipara, e agora, às três da tarde, o sol estava castigando do alto de um céu de um azul perfeito – eu vi a Cee Cee esparramada no banco de trás.

- Hmm, é mesmo? – disse. – Mas a Cee Cee chegou primeiro. Eu fico lá atrás mesmo. Não dou a mínima.

- Não quero nem saber – cortou o Adam, segurando a porta aberta para mim. – Você é a garota nova. A garota nova senta no banco da frente.

- Isso mesmo, até recusar a dormir com ele – soltou a Cee Cee lá do fundo do banco de trás. – Aí também será relegada ao banco de trás.

Adam recrutou com voz cavernosa:

- Finja que não está ouvindo esta voz das profundezas.

Eu sentei no banco da frente e Adam educadamente fechou a porta para mim.

Está falando sério? – perguntei a Cee Cee, virando -me para trás enquanto o Adam dava a volta no carro para entrar.

Cee Cee piscou por trás de suas lentes protetoras:

- Você acha realmente que alguém seria capaz de dormir com ele?

Tratei de processar a resposta.

- Quer dizer então que a resposta é não – disse.

- Acertou na mosca – respondeu a Cee Cee no exato momento em que o Adam entrava no carro.

- Muito bem – disse o motorista, aquecendo os dedos antes de ligar a ignição. – Acho que essa história toda com a estátua, o padre Dom e o Bryce deixou todo mundo muito estressado. Meus pais têm uma jacuzzi, o que é perfeito para a tensão que todos nós sofremos hoje, e sugiro então que a gente passe primeiro lá em casa para um banho...

- Sabe o que mais? - disse eu. - Vamos deixar a jacuzzi para outra vez e ir direto para o hospital. Talvez depois, se der tempo...

- Uau! - fez o Adam, parecendo que estava nas nuvens. - Existe um deus lá no céu!

Lá do banco de trás, a Cee Cee cortou a animação dele:

-Ela disse talvez, seu otário. Minha nossa, tente se controlar.

Adam me deu uma olhada enquanto ia saindo da vaga:

- Estou forçando a barra?

- Hmm - disse eu. - Talvez...

- O problema é que há muito tempo não aparecia uma garota nem longe de longe interessante por aqui. – Enquanto o Adam fazia isto, eu consertava algo aliviada que ele dirigia com muito cuidado. – Há dezesseis anos eu estou cercado de Kellys e Debbies. É um enorme alívio ter uma Suzannah Simon por perto para variar. Você simplesmente acabou com a Kelly hoje de manhã quando disse que os anjos não deixam marcas de sangue.

Adam continuou com seu discurso até o hospital. Eu não entendia como a Cee Cee era capaz de agüentar aquilo. A menos que eu estivesse muito enganada, ela sentia por ele exatamente o mesmo que ele sentia por mim.

Só que eu não achava que o inter esse dele por mim era muito sério, pois se fosse ele não estaria brincando com o assunto. Já o interesse da Cee Cee por ele me parecia ser verdadeiro. Claro que ela o provocava e até o insultava, mas eu tinha olhado pelo espelho retrovisor uma duas vezes e vi que ela estava olhando para ele de um jeito que só podia ser considerado apatetado.

Mas só quando ela sabia que ele não estava olhando.

Quando o Adam parou em frente ao hospital de Carmel, eu pensei que ele tinha parado num clube ou numa casa particula r por engano. Claro que seria uma casa daquelas muito grandes mesmo, mas lá na Califórnia não seria assim nada de mais...

Foi então que eu vi uma discreta plaqueta com a inscrição “Hospital”.

Saímos do carro e atravessamos um jardim impecável, com canteiro s cheios de flores brotando. O lugar estava cheio de beija -flores e eu voltei a ver algumas daquelas palmeiras que nunca esperava ver tão ao norte do Equador.

No balcão de informações, perguntei pelo quarto de Bryce Martinson. Eu não tinha certeza de que ele havia dado entrada, mas sabia por experiência própria, infelizmente, que, em caso de acidente com ferimentos na cabeça, geralmente a pessoa passa a noite no hospital para observação. E estava certa. Bryce estava lá, assim como o padre Dominic, em quarto s bem em frente um do outro.

Nós não éramos os únicos a estar visitando os dois, nem de longe. O

quarto do Bryce estava cheio. Aparentemente não havia limite para o número de pessoas autorizadas a entrar num quarto de paciente, e parecia te quase toda a classe dos veteranos da Academia Missionária Junipero Serra estava ali no quarto do Bryce. Bem no meio daquele quarto ensolarado e alegre, com flores por todo lado, o Bryce estava deitado com o ombro engessado e o braço direito pendurado acima da cabeça. Est ava com aparência muito melhor do que de manhã, principalmente, suponho, porque o haviam enchido de analgésicos. Quando me viu na porta, ele abriu aquele sorriso largo e disse, prolongando bem as sílabas:

- Suze!

- Puxa, e aí, Bryce? – disse eu, encabulada. Todo mundo tinha se voltado para ver com quem ele estava falando. Quase só havia garotas ali. E todas fizeram o que tantas garotas costumam fazer: me filmaram com a cabeça aos pés (eu nem tinha tomado banho ao acordar porque estava tão atrasada, de modo que não estava exatamente com o cabelo em seus melhores dias...).

E todas deram aquele sorrisinho afetado.

Não de um jeito que o Bryce tivesse notado. Mas deram.

Mas ainda que não desse a menor bola para o que pudesse estar pensando de mim um bando de gar otas que nunca tinha encontrado e provavelmente nunca voltaria a encontrar, eu fiquei vermelha.

- Pessoal – disse o Bryce, parecendo meio alto, mas de um jeito simpático.

– Esta é a Suze. Suze, é o meu pessoal.

- Ah – respondi. – Tudo bom?

Uma das garotas, que estava sentada na beira da cama do Bryce num vestido de linho branco muito engomadinho, foi dizendo:

- Ah, você é a garota que salvou a vida dele ontem. A meia -irmã do Jake.

- Isso aí, eu mesma – disse. Não havia a menor chance, mas a menor possibilidade de que eu conseguisse perguntar ao Bryce o que precisava perguntar-lhe com todas aquelas pessoas ali no quarto. Cee Cee tinha empurrado o Adam para o quarto do padre Dom, para que eu pudesse ficar um pouco sozinha com o Bryce, mas parecia que não tinha adiantado nada.

Não havia a menor possibilidade de eu conseguir ficar um minuto sozinha com o cara. A menos que...

A menos que eu pedisse.

- Bom – fui dizendo. – Preciso falar com o Bryce um instantinho. Será que vocês se importam?

A garota que estava na beira da cama foi apanhada de surpresa.

- Pode falar. Não somos nós que vamos impedir.

Eu a olhei bem nos olhos e disse, com minha voz mais firme de mediadora:

- Preciso falar com ele sozinha.

Alguém deu um assobio longo e profundo. Ninguém se mexeu. Até q ue o Bryce falou:

- Olha aí, rapaziada. Vocês ouviram o que ela disse. Podem ir saindo.

Deus abençoe a morfina, é tudo que posso dizer.

A classe dos veteranos foi então saindo de má vontade, todo mundo me lançando

olhares fulminantes. Bryce ergueu uma das mãos, que estava presa a alguma coisa, e disse:

- Vem cá, Suze. Dá uma olhada nisso.

Eu me aproximei da cama. Agora que estávamos sozinhos, dava para ver que o Bryce conseguira um quarto bem grande. Era também muito alegre, pintado de amarelo, com a janela dando para o jardim.

- Viu só o que eu consegui? – perguntou Bryce, mostrando -me um pequeno aparelho que cabia na palma da mão, com um botão no alto. –

Uma bomba de analgésico só para mim. A qualquer momento que eu sentir dor, basta apertar este botão e e la libera codeína direto no meu sangue.

Legal, não?

O cara estava em outra. Estava mais que evidente. De repente, eu me dei conta de que minha missão não seria assim tão difícil, no fim das contas.

- Beleza, Bryce – respondi. – Fiquei mesmo muito chateada quando soube do seu acidente.

- Uau! – fez ele, com um risinho de satisfação. – Pena que você não estava lá. Talvez pudesse ter me salvado como da outra vez.

- É – disse eu, pigarreando meio sem jeito. – Você parece que está atraindo acidentes ultimamente...

- É mesmo – respondeu ele, fechando os olhos e deixando -me em pânico ante a idéia de que estivesse adormecendo. Mas logo depois abriu os olhos e me olhou com ar meio triste. – Suze, acho que não vou conseguir, não.

Eu fiquei olhando para ele. Caramba, q ue bebezão!

- Claro que vai. Você só está com clavícula quebrada, mais nada. Não demora nada e vai ficar bom.

Ele deu um risinho:

- Não, não... Estou dizendo que acho que não vou conseguir ir ao nosso encontro de sábado à noite.

- Ah!... – disse eu, piscando. – Claro, claro que não. Nem eu estava mais pensando nisso. Preciso te pedir um favor, Bryce. Talvez você ache estranho... (na verdade, dopado do jeito que estava, duvido que achasse estranho) mas eu estava aqui me perguntando se, quando você e a Heathe r ainda namoravam, ela não... nunca lhe deu nada?

Ele ficou piscando para mim meio desorientado.

- Nunca me deu nada? Você quer dizer um presente?

- Sim.

- Claro. Ela me deu um suéter de caxemira no Natal.

Eu fiz que sim com a cabeça. Um suéter de caxemira não ia adiantar nada para mim.

- Tudo bem. Mas alguma coisa? Talvez... um retrato dela?

- Ah sim! – respondeu ele. – Claro, claro. Ela me deu seu retrato no colégio.

- É mesmo? – fiz eu, tentando não parecer muito excitada. – E por acaso você está com ele aqui? Na sua carteira, talvez?

Era uma aposta arriscada, eu sabia perfeitamente, mas muitas pessoas só arrumam suas carteira uma vez por ano, se tanto...

Ele fez uma careta. Provavelmente pensar era doloroso para ele, pois logo em seguida tratou de injetar o analgésico umas duas vezes. Em seguida, ficou com a expressão relaxada.

- Claro – disse então. – Ainda tenho a foto dela. Minha carteira está naquela gaveta ali.

Eu abri a gaveta da mesa ao lado de sua cama. E lá estava realmente a carteira, fininha, de couro preto. Eu a apanhei e a abri. A foto da Heather estava entre um cartão American Express e um bilhete de teleférico de estação de esqui. Eça

estava cheia de glamour, com toda aquela cabeleira loura caindo num dos ombros e olhando insinuante para a c âmera. Nas minhas fotos de colégio, eu sempre fico parecendo como se alguém tivesse gritado “Fogo!”. Não conseguia entender como um cara que estava saindo com uma garota como aquela podia convidar para sair alguém como eu.

- Você me empresta este retrato? – perguntei. – Preciso dele só por um tempinho. Devolvo logo. – O que era uma mentira, mas achei que de outro modo ele não me emprestaria a foto.

- Claro, claro – disse ele, sacudindo uma das mãos.

- Obrigada.

Enfiei a foto na minha mochila no exato momen to em que uma mulher alta, de seus 40 anos, foi entrando, coberta de jóias e trazendo uma caixa de doces.

- Bryce, querido – disse ela. – Onde estão seus amiguinhos? Eu fui até a padaria para trazer uns beliscos.

- Daqui a pouco eles voltam, mãe. – respondeu o Bryce meio sonolento. –

Esta é a Suze. Ela salvou a minha vida ontem.

A Sra. Martinson estendeu a mão direita, macia e bronzeada.

- Prazer em conhecê-la, Susan. – disse ela, mal tocando os meus dedos. –

Você consegue acreditar no que aconteceu com o p obrezinho do Bryce? O

pai dele está furioso. Como se as coisas já não estivessem suficientemente complicadas, com aquela maldita garota... bem, você sabe. E agora isto.

Juro que fica parecendo que aquele colégio está amaldiçoado ou algo assim.

Eu disse:

- É. Bem, prazer em conhecê-la. É melhor eu ir.

E ninguém protestou contra minha partida: a Sra. Marinson porque pouco estava ligando, e o Bryce porque tinha adormecido.

Encontrei Adam e Cee Cee em frente a um quarto do outro lado do corredor. Enquanto eu es tava me aproximando deles, Cee Cee levou um dedo aos lábios:

- Ouça – disse ela.

Eu fiz exatamente o que ela sugeria.

- Simplesmente não podia ter acontecido em pior hora – dizia uma voz conhecida, de homem mais velho. – E agora que faltam menos de duas semanas para a visita do arcebispo?...

- Sinto muito, Constantine – dizia o padre Dominic com a voz fraca.

– Sei perfeitamente que isto deve estar sendo estressante para você.

-E ainda por cima com o Bryce Martinson! Sabe quem é o pai dele?

Simplesmente um dos melhores advogados de Salinas!

-Padre Dom está levando um sabão – sussurrou o Adam para mim. – Pobre coitado.

-Ele bem que podia simplesmente dizer a monsenhor Constantine que fosse se afogar no lago – disse Cee Cee com os olhos faiscando.

Eu sussurrei:

-Vamos ver se agente consegue ajudá -lo. Talvez vocês pudessem distrair o monsenhor. E aí eu vou ver se o padre Dom precisa de alguma coisa. Sabe como é. Bem depressinha antes da gente ir embora.

Cee Cee deu de ombros:

-Por mim tudo bem.

-Estou nessa – concordou Adam.

Eu então chamei o padre Dominic em voz alta e fui entrando no quarto.

O quarto não era tão grande nem tão alegre quanto o do Bryce. As paredes eram bege, e não amarelo, e só havia um vaso de flores. Pelo que pude perceber, a

janela dava para o estacionamento. E ninguém se tinha dado ao trabalho de pendurar o padre Dominic em alguma máquina de bombear analgésicos. Não sei que tipo de plano de saúde os padres têm, mas posso dizer que não eram tão bons quanto deveriam.

Seria pouco dizer que o padr e Dominic ficou surpreso com a minha entrada. Seu queixo simplesmente caiu. Ele não parecia capaz de dizer coisa nenhuma. Mas não tinha problema, pois atrás de mim foi entrando a Cee Cee, que foi explicando:

-Puxa, monsenhor, estávamos procurando o senhor em toda a parte.

Gostaríamos de fazer uma entrevista exclusiva, se o senhor concordar, sobre as conseqüências do ato de vandalismo da noite passada na visita que o arcebispo está para fazer. Conseqüências negativas, certo? O senhor tem algo a dizer? Talvez o senhor pudesse dar uma chegadinha até o corredor, onde eu e meu colaborador poderemos...

Meio atarantado, monsenhor Constantine acompanhou Cee Cee até a porta, bem irritado:

-Escute aqui, mocinha...

Eu mais que depressa fui chegando para o lado do padre Dominic. Não posso dizer que estava exatamente excitada por encontrá -lo. Quer dizer, eu sabia que ele provavelmente não estava lá muito Satisfeito comigo. Foi em mim que a Heather atirou a cabeça do padre Serra, e eu achava que ele provavelmente sabia dis to e muito provavelmente também não estava lá simpatizando demais comigo.

Pelo menos era o que eu estava pensando. Mas é claro que estava errada.

Eu sou muito boa para ficar imaginando o que as pessoas mortas estão pensando, mas ainda não consegui acertar muito com os vivos.

-Suzannah – disse padre Dominic com sua voz meiga. – Que está fazendo aqui? Está tudo bem? Eu estava muito preocupado com você...

Provavelmente eu deveria ter esperado... Padre Dominic não estava zangado comigo, absolutamente. Só estava preocupado. Mas era ele o verdadeiro motivo

da preocupação. Além daquele horrível rasgão acima de um dos olhos, ele estava completamente lívido. Ou melhor, cinzento, parecendo muito mais velho do que era. Só os olhos, azuis como o céu lá fora, continuavam como sempre foram, brilhantes e cheios de bom humor inteligente.

Ainda assim, fiquei de novo furiosa por vê -lo daquela maneira. Heather ainda não sabia, mais ia se ver comigo, e como!

-Preocupado comigo? – perguntei, olhando fixo para ele. – Por que está preocupado comigo? Não fui eu que quase fui esmagada hoje de manhã por um crucifixo.

Padre Dom sorriu, matreiro.

-Não, mas acho que você talvez precise explicar uma coisa. Por que não me disse, Suzannah? Por que não me disse o que pretendia fazer?Se eu soubesse que você estava pretendendo aparecer na Missão sozinha no meio da noite, nunca teria permitido.

-Foi exatamente por isto que eu não lhe disse – respondi. – Ouça, padre, sinto muito pela estátua e pela porta da sala de aula do professor Walden e tudo mais. Mas eu precisava tentar falar com ela pessoalmente, entende? De mulher para mulher. Eu não sabia que ela ia ficar completamente ensandecida comigo.

-Mas o que você podia esperar? Suzannah, você não viu o que ela tentou fazer com aquele rapaz ontem?.. .

-Sim, mas aquilo dava para entender. Quer dizer, ela gostava muito dele.

Ela realmente o ama loucamente. Mas eu não imaginava que fosse me perseguir também. Afinal, eu não tinha nada a ver com aquela história. Só estava tentando mostrar a ela o que ela p odia fazer...

-O que era exatamente o que eu vinha fazendo desde que ela começou a assombrar a Missão.

-Certo. Mas a Heather não está a fim de aceitar nada que lhe propomos. É

como estou lhe dizendo, a guri pirou. Agora está quietinha porque acha que conseguiu matar o Bryce e provavelmente também está exausta, mas daqui a

pouco vai começar a atacar de novo, e só Deus sabe o que poderá fazer agora que sabe do que é capaz.

Padre Dominic ficou me olhando com curiosidade, completamente esquecido da sua preocupação com a chegada do arcebispo.

-Como assim, “agora que sabe do que é capaz”?

-Bom, dá para perceber que a noite passada foi apenas um ensaio geral.

Pode estar certo de que muito pior virá da Heather, agora que ela sabe o que pode fazer.

Padre Dominic balançou a cabeça, confuso.

-Você a viu hoje? Como sabe tudo isto?

Eu não podia falar sobre o Jesse para o padre Dominic. Não podia mesmo.

Não era da conta dele, para começo de conversa. Mas eu também tinha a impressão de que poderia chocá -lo, saber que havia um sujeito vivendo no meu quarto. Sabe como é, padre Dom era um padre, essas coisas...

-Escute só – eu disse. – Tenho pensado muito nisso, e não vejo outra maneira. O senhor já tentou argumentar com ela e eu também. E veja só no que deu. O senhor está no h ospital e eu preciso ficar o tempo todo olhando ao meu redor, onde quer que vá. Acho que chegou a hora de resolver isto de uma vez por todas.

Padre Dom piscou:

-O que está querendo dizer, Suzannah? De que está falando?

Respirei fundo.

-Estou falando do que nós, mediadores, fazemos como último recurso.

Ele ainda parecia confuso.

-Último recurso? Acho que não estou entendendo o que você quer dizer...

-Fazer um exorcismo – disse eu.

Capítulo 16

-Nem pensar – disse padre Dominic.

-Padre – tentei argumentar. – Não vejo outra saída. Nós sabemos perfeitamente que ela não irá por vontade própria. E ela é perigosa demais para ficar por aí perambulando indefinidamente. Acho que vamos precisar de um empurrão.

Padre Dominic tirou os olhos de mim e ficou com o olhar pe rdido num ponto do teto.

-Não é para isto que estamos aqui, pessoas como você e eu, Suzannah –

disse ele com a voz mais triste que eu jamais ouvira. – Nós somos as sentinelas dos portões do Além. Somos nós que ajudamos a guiar as almas perdidas para seu destino final. E não houve um só espírito ajudado por mim que não tivesse passado pelo portão por vontade própria...

Isso aí. E se a gente fechar os olhos na noite de Natal, Papai Noel vai aparecer. Devia ser muito bom, pensei, ver o mundo no qual eu vivia h á dezesseis anos.

-Certo – disse eu. – Bom, não vejo outro jeito.

-Um exorcismo – murmurou padre Dominic, pronunciando a palavra como se fosse algo nojento.

-Ouça – prossegui, começando a me arrepender de ter dito alguma coisa. –

Acredite, não é um método que eu recomendo sempre. Mas não acho que tenhamos muita escolha. A Heather já não é um perigo apenas para o Bryce. – Eu não queria contar-lhe o que ela havia dito sobre o David. Já podia até vê-lo saltando da cama e berrando por um par de muletas. Mas como eu já tinha deixado escapar o que estava planejando, precisava mostrar a ele por que considerava necessária uma medida tão extrema. –

Ela é um perigo para o coleio todo e precisa ser contida – disse então.

Ele assentiu com a cabeça.

-Sim, sim, você tem razão. Mas Suzannah, você tem de prometer que vai esperar

que eu tenha alta. Conversei com a médica, e ela disse que pode me dar alta já na sexta-feira. Com isto, teremos tempo suficiente para pesquisar a metodologia apropriada... – ele deu uma olhada para a mesinha-de-cabeceira. – Quer me dar aquela Bíblia, Suzannah? Quem sabe não o encontramos aqui...

Eu lhe entreguei a Bíblia.

-Tenho plena convicção de que domino perfeitamente a coisa – disse eu.

Ele levantou os olhos e me fixou com aquele seu olharzinho triste de criança. Pena que já fosse tão velho, e ainda por cima padre. Fiquei me perguntando quantos corações ele não teria partido antes de encontrar sua vocação.

-E como é que você pode dominar perfeitamente uma coisa complicada como um exorcismo católi co romano? – quis saber ele.

Eu me mexi, meio sem jeito.

-Bem, eu não estava pretendendo usar exatamente a versão católica romana.

-Existe alguma outra?

-Mas claro! A maioria das religiões tem sua versão. Pessoalmente, prefiro a umbanda. É bem objetiva. Na da de sortilégios demorados ou coisa do gênero.

Ele parecia estar sofrendo:

-Macumba?

-Isso mesmo. É o vodu brasileiro. Eu descobri na Internet. Só precisamos de um pouco de sangue de galinha e...

-Maria Santíssima, mãe de Deus! – interrompeu padre Dominic , levando algum tempo para se recuperar e prosseguir: - Fora de questão. Heather Chambers era uma católica batizada e, apesar da causa de sua morte, merece um exorcismo católico, se não um enterro católico. No momento ela não tem grandes chances de ir para o Céu, devo reconhecer, mas posso garantir que pretendo fazer tudo para que tenha a oportunidade de cumprimentar São Pedro no portão.

-Padre Dom – eu disse. – Realmente não acho que faça a menor diferença se ela

tiver um exorcismo católico, brasileiro, pi gmeu ou o que seja. A dura realidade é que se houver um Céu, não exista a menor possibilidade de que Heather Chambers vá para lá.

Padre Dominic fez um muxoxo de desaprovação.

-Suzannah, como pode dizer uma coisa dessas? Todo mundo tem alguma coisa de bom. Acho que até você é capaz de ver isso.

-Até eu? Como assim, até eu?

-Estou querendo dizer que até Suzannah Simon, que pode ser muito dura com os outros, deve ser capaz de entender que até no ser humano mais cruel existe a flor do bem. Talvez um brotinho mu ito pequeno mesmo, carente de água e luz do sol, mas ainda assim uma flor.

Fiquei me perguntando que analgésicos estariam dando ao padre Dom. E

disse:

-Tudo bem então, padre. Só sei que, aonde quer que a Heather vá, não será para o Céu. Se é que existe um Céu...

Ele sorriu para mim com tristeza.

-Eu gostaria apenas, Suzannah, que você tivesse em matéria de fé no Senhor metade do que tem de coragem – disse. – Ouça-me um instante.

Você não pode, simplesmente não pode tentar deter a Heather sozinha.

Ficou perfeitamente claro que ela quase a matou na noite passada; Eu não conseguia acreditar quando cheguei e vi os estragos que ela tinha provocado. Você teve muita sorte de sair com vida. E pelo que aconteceu esta manhã também está claro, como você mesmo diz, que ela está apenas acumulando forças. Seria uma burrice, uma burrice criminosa, se você tentasse de novo fazer alguma coisa sozinha.

Eu sabia que ele tinha razão. Pior ainda, se eu levasse adiante aquela história de exorcismo, não poderia contar com a ajuda d o Jesse, pois o exorcismo poderia muito bem mandá -lo de volta para o criador, juntinho com a Heather.

-Além disso – prosseguiu padre Dominic -, não há qualquer motivo para se apressar, não é mesmo? Agora que ela já conseguiu mandar o Bryce para o hospital, não fará nenhuma outra tolice, pelo menos até ele voltar para o colégio. Parece que ele é a única pessoa contra a qual ela alimenta instintos assassinos...

Eu não disse nada. E como poderia? O pobre infeliz parecia tão patético, deitado naquela cama... Eu não queria dar-lhe mais motivos de preocupação. Mas a verdade é que eu não poderia esperar que o padre Dom saísse do hospital. A Heather não estava brincando. A cada dia que passava, ela só ia ficando mais forte e mais perversa e mais cheia de ódio.

Eu tinha de me livrar dela, e precisava ser logo.

De modo que cometi algo que deve ser um pecado mortal. Menti para um padre.

Ainda bem que eu não sou católica.

-Não se preocupe, padre Dom – disse. – Vou esperar que o senhor se sinta melhor.

Mas o padre Dominic não era nenhum bobo.

-Prometa-me Suzannah – insistiu.

-Prometo.

Claro que eu tinha cruzado os dedos. Eu esperava que, se existisse um deus, isto servisse para neutralizar o pecado de mentir para um dos seus mais devotados servidores.

-Deixe-me ver – murmurava padre Dominic. – Vamos precisar de água benta, naturalmente. Mas isto não é problema. E naturalmente, de um crucifixo.

Enquanto ele matutava sobre os itens necessários, Adam e Cee Cee entraram no quarto.

-E aí, padre Dom? – foi dizendo o Adam. – O senhor está péssimo!

Cee Cee cutucou-o com o cotovelo

-Adam – sussurrou ela, voltando-se com vivacidade para o padre. Não dê bola para ele, padre Dom. Eu acho que o senhor parece ótimo. Parece mesmo, para que, quebrou um bocado de ossos...

-Crianças! – fez padre Dominic, realmente contente por vê -los. – Mas que bom! Mas por que estão desperdiçando uma tarde bonita como esta para visitar um velho num hospital? Vocês devia, estar na praia curtindo o sol.

-Na verdade estamos trazendo uma matéria sobre o acidente para as Notícias da Missão – informou Cee Cee. – Acabamos de entrevistar monsenhor. É realmente uma pena essa história da visita do arcebispo e tudo mais, e a estátua do padre Serra sem cabeça...

-Isso aí – fez o Adam. – Um horror mesmo.

-Não faz mal – disse padre Dominic. – É o empenho e a preocupação de vocês que vão realmente impressionar o arcebispo.

-Amém – disse Adam, solene.

Antes que uma de nós duas tivesse tempo de ralhar com o Adam por causa do sarcasmo, uma enfermeira entrou e comunicou a Cee Cee e a mim que tínhamos que sair porque ela ia dar banho de esponja no padre Dom.

-Banho de esponja! – espantou-se o Adam enquanto caminhávamos para o carro. – No padre Dom dão banho de esponja, mas e eu, que realmente saberia apreciar uma coisa dessas, que é que me dão?...

-Uma oportunidade de servir de motorista para as duas garotas mais bonitas de Carmel – adiantou-se Cee Cee.

-Tá bom – concordou Adam, voltando -se para mim: - Não que você não seja a garota mais bonita de Carmel, Suze... Eu só estava queren do dizer...

Bem, você sabe...

-Sei – disse eu, sorrindo.

-Puxa vida, banho de esponja! E você viu só aquela enfermeira? –

continuou Adam, empurrando o encosto do banco do carona para a Cee Cee se esgueirar para o assento de trás. – Alguma coisa deve ter nessa história de ser padre. Talvez eu devesse me candidatar.

Lá de trás, a Cee Cee respondeu:

-Ninguém se candidata. É uma vocação. E você não ia gostar nada, Adam, pode crer. Padres podem jogar Nintendo.

Adam engoliu esta.

-Talvez eu pudesse fundar uma nov a ordem – disse ele concentrado. –

Como os franciscanos, só que seríamos a Ordem dos Felizardos. Nosso lema seria “Nota dez para todos, pizza para todo mundo”.

Cee Cee interrompeu:

-Cuidado com a gaivota!

Nós estávamos na Rodovia Litorânea de Carmel. Pouco depois da mureta de pedra a nossa direita estava o oceano Pacífico, brilhando como uma jóia à luz da gigantesca bola de fogo amarela do sol. Provavelmente eu o devia estar contemplando muito demoradamente (eu ainda não tinha me acostumado com sua presença constante), pois o Adam foi tratando de se enfiar com o carro numa vaga que acabava tratando de ser deixada livre por um BMW. Eu fiquei olhando para ele interrogativamente, enquanto ele perguntava:

-Você ainda não conseguiu parar para ficar olhando o pôr -do-sol?

Saí do carro numa fração de segundos.

Pouco depois, estava me perguntando como é que nunca tinha pensado antes em me mudar para a Califórnia. Sentada numa manta que o Adam tirou da mala do carro, observando os atletas correndo e os surfistas de fim de tarde, os cães correndo atrás de frisbees e os turistas com suas câmeras, estava me sentindo tão bem como não me sentia há muito tempo... Talvez fosse porque eu ainda estava num regime de dormir apenas quatro horas por noite. Talvez simplesmente o chei ro da água do mar me estivesse deixando meio embriagada. Mas o fato é que estava me sentindo realmente em paz, como se fosse pela primeira vez na

vida.

O que não deixava de ser estranho, levantando -se em conta que dentro de poucas horas eu estaria em luta contra as forças do Mal.

Até que essa hora chegasse, no entanto, decidi que ia curtir a vida. Voltei o rosto para o sol que se punha, sentindo os seus raios quentes na bochecha, e fiquei ouvindo o barulho das ondas, os gritos das gaivotas e a conversa de Cee Cee com o Adam.

-Aí eu disse para ela, Claire, você já tem quase 40 anos. Se você e o Paul querem ter outro filho, é melhor andarem depressa. Vocês estão correndo contra o tempo – disse o Adam, bebendo um refrigerante que havia comprado numa lanchonete perto do lugar onde estacionamos. – Ela ficou dizendo que meu pai e ela não queriam que eu me sentisse ameaçado por um outro filho e eu respondi que não me sentia ameaçado por bebês. Sabe o que realmente me faz sentir ameaçado? Esses orangotangos que ficam atormentando esteróides, do tipo Brad Ackerman, isto sim.

Cee Cee lançou um olhar de advertência para Adam e depois olhou para mim:

-E como você está se dando com seus meios -irmãos, Suze?

Eu desviei meu olhar do Sol.

-Acho que bem – respondi – Mas é verdade que o Dun... quer dizer, o Brad, toma esteróides?

O Adam respondeu:

-Eu não devia ter dito isto. Sinto muito. Tenho certeza de que ele não toma.

Mas aqueles caras todos da equipe de luta -livre, eles realmente são de dar medo. E têm tanta raiva de gays.. . que dá para desconfiar de duas preferências sexuais. Eles todos pensam que eu sou gay, mas não sou exatamente eu que fico metido num colante agarrado nas coxas de outros caras.

Eu senti vontade de pedir desculpas em nome do meu meio -irmão e foi o que fiz, acrescentando:

-Não estou certa assim de que ele seja gay. Outro dia ele ficou todo feliz quando a Kelly Prescott ligou para nos convidar para a festa em sua piscina no sábado.

Adam assobiou e de repente Cee Cee perguntou:

-Você não prefere algo melhor q ue esta manta? Quem sabe uma toalha de praia de caxemira?... É o tipo de toalha que a Kelly e o pessoal dela usam na praia.

Eu fiquei piscando, percebendo que acabava de cometer uma gafe.

-Ué, eu não sabia... Pensei que a Kelly também tinha convidado vocês .

Achei que ela ia convidar todos os segundanistas.

-Com certeza que não – disse Cee Cee, fungando. – Só os segundistas com status, o que não é o caso do Adam nem o meu.

-Mas você é a diretora do jornal do colégio – ponderei.

-Certo – respondeu Adam. – Traduza isto como a mesma coisa que bosta, e vai entender por que nunca fomos convidados para uma festa na piscina da princesa Kelly.

Fiquei calada por um minuto, ouvindo as ondas. Mas acabei dizendo:

-Não que eu estivesse pensando em ir...

-Não mesmo? – e os olhos de Cee Cee se esbugalharam por trás dos óculos.

-Não. No início, porque eu tinha um encontro com o Bryce, que acabou sendo cancelado. Mas agora porque... bom, se vocês não forem, com quem eu vou conversar?

Cee Cee deitou-se na manta.

-Suze – disse ela. – Você alguma vez pensou em ser vice -presidenta da turma?

Eu achei graça.

-Espera aí, eu sou a mais nova da turma, lembra?

-Isso aí – fez Adam. – Mas você leva jeito. Vi que você tem alguma coisa de líder na maneira como acabou com a raça da Debbie Man cuso ontem.

Os homens sempre admiram as garotas que parecem capazes de dar um murro na cara de outra garota a qualquer momento. É mais forte que nós.

Talvez seja genético – concluiu ele, dando de ombros.

-Certamente vou levar isto em consideração – disse eu, rindo. – Cheguei a ouvir um boato de que a Kelly pretendia gastar todo o orçamento da turma numa festa...

-Exatamente – confirmou Cee Cee. – Ela faz isto todo ano. É aquela baboseira da dança da primavera. Um saco. Pelo menos para quem não está de namorado, não serve para nada. Não dá para fazer mais nada, só dançar.

-Espera aí – atalhou Adam. – Lembra aquela vez em que a gente levou balões de água?

-Bom, naquele ano foi divertido – reconheceu Cee Cee.

-Eu estava pensando – interferi – que talvez fosse melhor uma coisa assim.

Sabe como é. Um piquenique na praia. Talvez até dois...

-Isso mesmo! – exclamou o Adam. – Com fogueira! O meu lado piromaníaco sempre quis fazer uma fogueira na praia.

Cee Cee concordou:

-Exatamente! É exatamente o que a gente devia fazer, Suze, você tem de concorrer a vice-presidenta!

Santa virgem, mas o que foi que eu fiz? Eu não queria ser vice -presidenta da turma de segundo ano! Não queria me envolver com essas coisas! Eu não tinha o menor espírito de comunidade, não tinha opinião sobre nada!

Que diabos estava eu fazendo? Será que tinha perdido a cabeça?

-Olha lá! – disse Adam de repente, apontando para o Sol. – Lá vai ele.

Enquanto ia desaparecendo no horizonte, a enorme bola alaranjada parecia estar mergulhando no mar. Não tinha nada respingando nem nenhuma fumaça, mas eu seria capaz de jurar que tinha ouvido o sol atingindo a surperfície da água.

-Lá vai o sol – cantou Cee Cee suavemente.

-Lá lá lá lá lá – continuou o Adam.

-Lá vai o sol – prossegui.

Tudo bem, tenho de reconhecer que era meio infantil, ficar ali sentado cantando, enquanto o sol se punha. Mas também era divertido. Lá em Nova York, a gente costumava ficar sentado no parque vendo os policiais à paisana prenderem traficantes por drogas. Mas não dava para comparar com o prazer de cantar despreocupado na praia enquanto o sol se põe.

Alguma coisa estranha estava acontecendo. E eu não sabia direito o que era.

-Eu já sei. Ta legal – cantamos os três em uníssono.

Estranhamente, naquele exato momento, eu realmente acreditei q ue seria assim. Que estaria tudo bem.

E foi aí que me dei conta do que estava acontecendo.

Eu estava me integrando. Eu, Suzannah Simon, a mediadora. Pela primeira vez na vida eu estava me integrando com alguma coisa.

E fiquei feliz. Realmente feliz. Naquel e momento, eu realmente acreditava que tudo estaria bem.

Mal sabia eu!...

Capítulo 17

Meu despertador tocou à meia -noite. Eu o desliguei, bati palmas para acender a luz, rolei na cama e fiquei olhando para o dossel lá em cima. Isso mesmo. Tinha chegado o dia D. Ou o dia E, no caso.

Eu estava tão cansada depois do jantar que sabia que nunca conseguiria se não

tirasse uma soneca. Disse à minha mãe que ia lá para cima fazer o dever de casa, e que depois ia me deitar para tirar uma soneca. Quando a gente morava no Brooklyn, não teria o menor problema. Minha mãe me teria deixado sossegada, exatamente como eu pedia. Mas na casa dos Ackerman a expressão “quero ficar sozinha” aparentemente não significava absolutamente nada. E não porque a casa estivesse cheia de fantasmas por todo lado. Não, para variar, eram vivos que ficavam me perturbando.

Primeiro foi o Dunga. Quando me sentei para desfrutar de mais um jantar gastronômico imaculadamente preparado por meu padrasto, pairava uma certa dúvida, pois no fim das con tas eu só havia chegado em casa depois das seis. Como sempre, chegou na hora do “onde você estava?” da minha mãe (muito embora eu me tivesse dado ao trabalho de deixar aquele bilhete para ela). Depois o Andy veio com o seu “foi divertido?”. E logo em seguida tive de ouvir um “com quem você estava?” logo de quem? Do Mestre. E quando eu informei que estivera com Adam McTavish e Cee Cee Web, Dunga fez uma careta de nojo e lançou, sem parar de mastigar sua almôndega:

-Caramba! Os esquisitos da turma.

Andy interveio:

-Ei, veja como fala.

-Puxa pai – insistiu Dunga. – Uma é uma albina superesquisita e o outro é boiola.

Isso lhe valeu um espetacular cascudo do pai, que também o deixou de castigo por uma semana. Com isto, não pude deixar de lembrar ao Dunga mais tarde, quando estávamos tirando a mesa, que ele não poderia ir à festa na piscina da Kelly Prescott, para a qual, por sinal, tinha sido convidado graças a mim, a rainha dos esquisitos.

-Pena mesmo, meu chapa – disse eu, dando uma tapinha de solidariedade na bochecha do Dunga.

Ele empurrou a minha mão.

-Ah é? – foi dizendo. – Bom, pelo menos ninguém vai me chamar de bicha amanhã.

-Ora, ora, meu benzinho – continuei, beliscando a mesma bochecha. –

Você nunca vai precisar se preocupar de ser chamado disso. Só te xingam de coisas muito piores.

Ele voltou a agarrar a minha mão, aparentemente tão furioso que ficou sem fala por algum tempo.

-Prometa que nunca vai mudar – pedi. – Você é mesmo um barato exatamente do seu jeito...

Dunga me chamou de um nome muito feio, n o exato momento em que seu pai entrava na cozinha com o resto da salada.

Andy deu-lhe mais uma semana de castigo e depois mandou -o para o quarto. Para mostrar como tinha ficado aborrecido, Dunga botou para tocar os Beastie Boys tão alto que eu não consegui a dormir, pelo menos até que o Andy voltou a interferir, tomando as caixas de som. De repente tudo ficou um enorme sossego e eu já estava pegando no sono quando alguém bateu na minha porta. Era o Mestre.

-Hmm – começou ele, olhando nervosamente para a escu ridão do meu quarto, o quarto “mal-assombrado” da casa. – Será que a hora é apropriada para... falar das coisas que eu andei descobrindo? Quer dizer, sobre a casa... E as pessoas que morreram aqui...

-Pessoas? No plural?

-Com certeza – prosseguiu Mestre. – Conseguiu encontrar uma quantidade incrível de documentos sobre crimes que foram cometidos nesta casa, em muitos casos crimes de homicídio em todos os graus. Como era uma estalagem, havia sempre muitos moradores temporários, boa parte dos quais estava voltando para casa depois de fazer fortuna na corrida do ouro no norte do estado. Muitos foram assassinados enquanto dormiam e tiveram seu ouro roubado, possivelmente pelos próprios donos do estabelecimento, segundo certas versões, porém mais provavelmente po r outros moradores...

Temendo que estivesse para ouvir que o Jesse tinha morrido exatamente dessa maneira e nada interessada em ficar sabendo mais sobre as causas de sua morte, especialmente se ele estivesse ali por perto para ouvir também, eu o interrompi:

-Escuta só, Mestre.. quer dizer, Dave. Acho que até hoje ainda não consegui me recuperar da viagem, de modo que vou tentar tirar uma soneca das boas. Será que não podemos falar disso amanhã no colégio? Quem sabe almoçamos juntos...

Mestre arregalou os olhos.

-Está falando sério? Vai querer almoçar comigo?

Fiquei olhando para ele.

-Mas é claro! Por quê? Existe alguma regra proibindo que o pessoal do segundo grau almoce com o pessoal do primeiro?

-Não – respondeu ele. – É só que... nunca acontece.

-Bom, pois eu vou – insisti. – Tudo certo? Você compra as bebidas e eu pago a sobremesa.

-Beleza! – exclamou Mestre, que voltou para seu quarto como se eu tivesse prometido que amanhã lhe daria de presente o trono da Inglaterra.

Eu já estava quase começando a dormi r de novo, quando ouvi baterem na porta novamente. Dessa vez, quando abri, lá estava o Soneca, parecendo mais desperto que eu, para variar.

-Olha só – começou ele. – Não quero saber se você vai usar o carro de noite, mas vai botando as chaves no gancho, OK ?

Eu fiquei olhando para ele.

-Eu não tenho saído com o seu carro à noite, So... quer dizer, Jake.

-Seja lá o que for – insistiu ele. – Apenas trate de deixar as chaves onde as encontrou. E não seria nada mau se você contribuísse de vez em quando com a gasolina...

Eu respondi bem devagar, para ele entender:

-Eu não tenho saído com o seu carro à noite, Jake.

-Ninguém tem nada a ver com o uso que você faz do seu tempo – insistiu Soneca. – Não acho um barato viver em gangues, mas cada um sabe da sua vida. Apenas trate de botar minhas chaves no lugar, onde eu possa encontrá-las.

Entendi que não tinha sentido ficar discutindo, concordei e fechei a porta.

Depois do quê, finalmente consegui umas boas horas de sono. Não cheguei propriamente a acordar me sentindo no va (talvez eu pudesse dormir por mais um ano), mas de qualquer maneira estava me sentindo um pouco melhor.

Pelo menos, melhor o suficiente para ir acertar os fundilhos de algum fantasma.

Algumas horas antes eu havia juntado tudo de que ia precisar. Minha mochila estava cheia de velas, pincéis, um recipiente para sangue de galinha, que eu devia ter comprado no açougue aonde fizera o Adam me levar antes de me deixar em casa, e vários outros apetrechos indispensáveis para a realização de um bom exorcismo à bra sileira. Estava completamente preparada para ir em frente. Só faltava calçar meu tênis, e lá ia eu.

Só que, naturalmente, o Jesse tinha que aparecer exatamente no momento em que eu estava pulando do telhado da varanda.

-Tudo bem – fui dizendo, enquanto me endireitava, com os pés doendo um pouco, apesar de ter aterrissado em terra fofa. – Vamos deixar uma coisa bem clara logo de saída. Você não vai dar as caras lá na Missão esta noite.

Entendido? Se aparecer por lá, vai se arrepender, e não será pouco.

Jesse estava recostado num dos pinheiros gigantes do nosso jardim.

Simplesmente recostado, os braços cruzados, me olhando como se eu fosse alguma atração especial ou coisa parecida.

-Estou falando sério – continuei. – Não vai ser uma noite nada boa para fantasmas. Nada boa mesmo. De modo que se eu fosse você não dava as caras por lá.

Deu para perceber que o Jesse estava sorrindo. A lua não era tão forte como na noite anterior, mas ainda assim havia luar e dava para eu ver que as curvas na ponta de seus lábios vo ltavam-se para cima, e não para baixo.

-Suzannah – disse ele. – O que você está querendo?

-Nada – respondi, caminhando em direção à garagem e apanhando a bicicleta de dez marchas. – Preciso apenas acertar umas coisas.

Jesse aproximou-se de mim enquanto eu botava o capacete.

-Com a Heather? – perguntou, polidamente.

-Isso aí. Com a Heather. Sei que as coisas saíram do controle da última vez, mas dessa vez vai ser diferente...

-Como, exatamente?

Eu passei a perna por cima daquela barra cretina que eles põem n as bicicletas para garotos e me posicionei bem no alto da rua, com os dedos firmes no guidão.

-Tudo bem – disse então. – Vou te dar uma colher. Vou fazer um exorcismo.

Sua mão direita voou e agarrou firme a barra entre minhas mãos.

-Um o quê?! – fez ele, com uma voz completamente destruída do bom humor que a caracterizava até então.

Eu engoli em seco. Tudo bem, eu não estava assim tão confiante quanto queria parecer. Na realidade, estava praticamente tremendo em cima de meus All-Star. Mas que mais podia faz er? Eu tinha de deter a Heather antes que ela fizesse mal a alguém mais. E seria mesmo sensacional se todo mundo simplesmente me ajudasse nisso.

-Você não pode me ajudar – fui dizendo, completamente fria. – Vê se fica afastado de lá esta noite, Jesse, caso contrário poderá ser exorcizado também.

-Você perdeu o juízo – disse ele, com o mesmo tom indiferente que eu tinha passado a usar.

-Provavelmente – reconheci, desanimada.

-Ela vai matá-la – insistiu Jesse. – Não está entendendo? É isso que ela quer.

-Não – respondi, sacudindo a cabeça. – Ela não quer me matar. Primeiro ela quer

matar todo mundo que é importante para mim. Só depois é que quer me matar.

Eu funguei. Não sei porquê, mas meu nariz estava escorrendo.

Provavelmente porque estava muito frio. Eu nã o entendia como aquela palmeiras conseguiam ficar vivas. Estava fazendo uns cinco graus lá fora.

-Mas ela não vai conseguir, entendeu? – continuei. – Eu vou impedi-la.

Agora solte a minha bicicleta.

Jesse sacudiu a cabeça.

-Não, não. Nem mesmo você seria c apaz de fazer uma coisa tão idiota.

-Nem mesmo eu? – retruquei, meio chateada, mesmo sem querer. – Muito obrigada.

Ele me ignorou.

-O padre está sabendo disso, Suzannah? Você contou ao padre?

-Hmm, claro. Ele está sabendo. Ele, hmm... vai se encontrar comi go lá.

-O padre vai se encontrar com você?

-Sim, claro, claro – disse eu, rindo meio nervosa. – Você não está pensando que eu ia tentar uma coisa dessas sozinha, não é mesmo? Puxa, eu não sou tão burra assim, por mais que você pense.

Ele já estava segurando a bicicleta com menos firmeza.

-Bem, se o padre vai estar lá...

-Claro, claro. Com toda certeza.

Ele voltou a segurar firme. A outra mão do Jesse veio vindo na minha direção, e um longo dedo ficou sacudindo bem no meu nariz enquanto ele dizia:

-Você está mentindo, não está? O padre não vai estar lá coisa nenhuma. Ela o machucou, não é mesmo, hoje de manhã? Foi o que eu pensei. Ela o matou?

Eu balancei a cabeça. De repente fiquei sem vontade de falar. Era como se tivesse alguma coisa na minha garganta, uma coisa me machucando.

-Por isso é que você está com tanta raiva – disse Jesse, pensativo. – Eu devia ter imaginado. Você está indo lá para acertar contas com ela pelo que ela fez com o padre.

-E se for isso? – explodi. - Ela bem que merece!

Ele abaixou o dedo, agarrando o guidão da minha bicicleta com as duas mãos. E posso dizer que ele era bem fortão para um cara que está morto.

Eu não conseguia me mexer com ele agarrado daquele jeito.

-Suzannah – disse ele. – Não é assim que se fazem as coisas. Não foi pa ra isto que você recebeu este extraordinário dom, não para fazer coisas assim...

-Dom?! – exclamei eu, apertando os dentes para não cair na gargalhada. –

É isso aí, Jesse. Eu recebi mesmo um dom dos mais preciosos. E sabe o que mais? Estou de saco cheio. M as estou mesmo. Eu achei que vindo para cá poderia começar tudo de novo. Achei que as coisas poderiam ser diferentes. E sabe o que mais? São diferentes mesmo. São muito piores!

-Suzannah...

-O que você acha que eu devo fazer, Jesse? Amar a Heather pelo que ela fez? Abraçar seu espírito ferido? Sinto muito, mas é impossível. Talvez o padre Dom fosse capaz, mas eu não e ele está fora da jogada, de modo que vamos fazer as coisas do meu jeito. Vou me livrar dela, e se você quer o seu próprio bem, Jesse, fica fo ra dessa.

Dei um tranco bem forte no pedal e ao mesmo tempo agarrei o guidão com toda força. Foi tão inesperado para o Jesse, que ele largou a bicicleta involuntariamente. Um segundo depois eu estava a caminho, projetando cascalho para trás com a roda tras eira e cobrindo Jesse de poeira. Enquanto ia descendo a rua, ainda pude ouvi -lo dizer um monte de coisas em espanhol. Provavelmente estava xingando. E com toda certeza a palavra hermosa não foi pronunciada.

Grande parte da paisagem que ia percorrendo ao de scer eu não conseguia ver. O vento estava tão frio que ficavam saltando lágrimas pelas minhas bochechas e até o meu cabelo. Felizmente não havia muito trânsito, de modo que quando eu atravessei o cruzamento, não tinha importância que não estivesse vendo muita coisa. De qualquer maneira, os carros iam parando para eu passar.

Eu sabia que dessa vez seria mais difícil entrar no colégio. Eles deviam ter aumentado a segurança por causa do que acontecera na noite anterior. Mas segurança? A verdade é que bastava t erem providenciado alguma segurança.

E foi o que fizeram. Havia um carro da polícia no estacionamento, com as luzes apagadas. Simplesmente lá, parado, com o luar refletido nos vidros das janelas fechadas. O motorista – com certeza um novato, para ser encarregado de uma missão tão chata – provavelmente estava ouvindo música, embora de onde eu estava, junto ao portão do estacionamento, não desse para ouvir nada.

De modo que eu ia precisar encontrar uma maneira de entrar. Sem problema. Escondi a bicicleta num arbusto e calmamente fui dar uma volta ao redor do colégio.

Não é muito fácil impedir que uma garota de 16 anos razoavelmente esbelta entre num prédio. Eu sou um bocado flexível. E também tenho juntas bem elásticas. Não vou contar aqui como é que acabei co nseguindo entrar, pois não quero que as autoridades escolares descubram (nunca se sabe, pode ser que eu precise fazer tudo de novo alguma dia), mas digamos que se alguém é encarregado de fazer um portão é melhor ter certeza de que ele chegou mesmo até o ch ão.

Aquele vão entre o cimento e o ponto onde começa a base do portão é exatamente o espaço de que uma garota como eu precisa para se insinuar.

Lá dentro do estacionamento, as coisas pareciam bem diferentes da noite anterior – e muito mais aterrorizantes. Todos os holofotes estavam apagados (o que não me parecia exatamente uma boa medida de segurança, mas é claro que a Heather podia perfeitamente ter arrebentado todas as lâmpadas), de modo que toda a área estava escura e cheia de sobras assustadoras. A fonte também estava desligada. Dessa vez, só dava para ouvir os grilos. Só grilos cantando nos hibiscos. Nada de errado com os grilos. Os grilos são amigos.

Não havia o menor sinal da Heather. Não havia qualquer sinal de ninguém.

O que era bom.

Fui caminhando com o máximo de cuidado (o que não era tão difícil com os meus tênis) até o armário que eu estava... compartilhando com a Heather. Aí me ajoelhei e abri a mochila.

Primeiro, acendi as velas. Precisava delas para enxergar ao redor.

Segurando um acendedor de grelha de churrasco que havia trazido contra a base de uma das velas, derreti e pinguei um pouco de cera no piso e firmei a vela naquela goma. Repeti a operação com todas as outras velas até formar um círculo luminoso à minha frente. Abri então a tampa do recipiente com o sangue de galinha.

Não vou descrever aqui a forma que eu tinha de desenhar no centro do círculo de velas para que o exorcismo desse certo. Exorcismo é o tipo da coisa que a gente não deve tentar fazer em casa, por pior que seja a assombração. E só deve ser confiado a um profissional como eu. Afinal, ninguém ia querer machucar algum fantasma inocente que estivesse só passando por ali. Tipo exorcizar a vovó ou coisa do gênero...

E também não é recomendável que as pessoas comecem a mexer com macumba, e por isto não vou repetir aqui a invocação que tive de fazer em português mesmo. Digamos apenas que mergulhei meu pincel no sangue de galinha e fiz o desenho adequado, emitindo as palavras exigidas.

Foi só quando retirei a fotografia da Heather d a mochila que notei que os grilos haviam parado de cantar.

-Que diabos você acha que está fazendo? – disse ela, bem atrás do meu ombro.

Eu não respondi. Botei a foto no centro da forma que havia pintado. Ela ficou bem iluminada pelas velas.

Heather aproximou-se mais.

-Onde foi que arranjou esta foto minha?

Eu me limitei a pronunciar as palavras que tinha de dizer em português. O

que pareceu irritar ainda mais a Heather.

Bom, parece mesmo que temos de reconhecer que tudo irritava a Heather.

-O que você está fazendo? – perguntou ela de novo. – Que língua é essa que está falando? E para que esta pintura vermelha?

Como eu não respondesse, a Heather começou a ficar ainda mais abusada –

o que parecia ser a sua especialidade.

-Olha aqui, sua vaca – foi dizendo, botando a mão no meu ombro e me puxando nada delicadamente. – Está me ouvindo?

Eu interrompi o ritual.

-Pode me fazer um favor, Heather? – perguntei. – Quer ficar bem ali perto do seu retrato?

Heather sacudiu a cabeça e seus longos cabelos loiros reluziram à luz das velas.

-O que está acontecendo com você? – perguntou ela com grosseria. – Está bêbada por acaso? Não vou ficar em lugar nenhum. Isso aí.. isso é sangue?

Eu dei de ombros. Ela continuava com a mão no meu ombro.

-Sim – respondi. – Mas não se preocupe. É só sangue de galinha.

-Sangue de galinha? – repetiu Heather com uma careta. – Chocante. Está brincando comigo? Para que isto?

-Para te ajudar – respondi. – Para te ajudar a ir embora.

Heather apertou os dentes. As portas dos armários começaram a sacudi r.

Mas não muito. Só o suficiente para que eu ficasse sabendo que a Heather não estava nada satisfeita.

-Pensei que tinha deixado bem claro ontem à noite que eu não vou a lugar nenhum – disse ela.

-Você disse que queria ir embora.

-Exatamente – respondeu ela, enquanto os segredos das trancas dos armários começavam a girar ruidosamente. – Para minha antiga vida.

-Pois eu descobri uma maneira...

As portas começaram a parecer tambores, de tanto que sacudiam.

-Esquece – respondeu ela.

-Esquece, não: lembra. Você só precisa ficar de pé aqui, no meio dessas velas, perto do seu retrato.

Nem precisei insistir. Num segundo, ela estava exatamente onde eu queria que estivesse.

-Tem certeza de que isto vai funcionar? – quis saber, toda excitada.

-É melhor que funcione, caso contrário terei desperdiçado minha cota de velas e sangue de galinha – respondi.

-E as coisas vão voltar a ser exatamente como eram? Quer dizer, como eram antes de eu morrer?

-Claro – respondi. Fiquei me perguntando se era o caso de me sentir culpada por estar mentindo. Eu não me sentia nem um pouco culpada. Só sentia um grande alívio. Tinha sido tudo tão fácil. – Agora fique calada um pouco para eu dizer as palavras.

Ela estava louca para colaborar. Então eu disse as palavras.

E disse as palavras.

E disse as palavras de novo.

Eu já estava começando a me preocupar, achando que nada ia acontecer, quando a luz das velas começou a tremer. E não estava passando nenhum vento.

-Não está acontecendo nada – queixou-se a Heather, mais eu mandei que ela se calasse.

As chamas voltaram a tremer. De repente, acima da cabeça da Heather, onde devia estar o telhado da galeria, apareceu um buraco cheio de gases vermelhos dando voltas. Eu fiquei olhando para aquele buraco.

-Heather, é melhor você fechar os olhos – disse então.

Ela prontamente obedeceu.

-Por quê? Está funcionando?

-É – disse eu. – Está funcionando sim.

Heather disse alguma coisa do tipo “legal”, mas não pude ouvir bem.

Não dava para ouvir direito porque o gás vermelho que ficava girando no ar, e que parecia mesmo uma fumaça, estava começando a sair do buraco e fazia uma espécie de ronco. Logo depois, longos anéis daquela coisa começaram a envolver a Heather, diáfanos como uma bruma. Só que ela não sabia, pois estava de olhos fechados.

-Estou ouvindo alguma coisa – disse ela. – Está acontecendo?

Acima de sua cabeça, o buraco havia aumentado muito. Dava para ver uns relâmpagos lá dentro. Não parecia o lugar mais atraente do mundo. Não estou dizendo que eu tinha aberto uma porta para o inferno ou coisa parecida (pelo menos era o que esperava), mas certamente se tratava de uma dimensão que não era a nossa, e com toda franqueza não parecia um lugar muito agradável para visitar, muito menos para viver por toda a eternidade.

-Só um minutinho e você chega lá – disse eu, enquanto aumentava o número de anéis vermelhos de fumaça ao redor daquele corpinho de animadora de torcida.

Heather ajeitou os cabelos longos.

-Oh meu Deus! – fez ela. – Mal posso esperar. A primeira coisa que vou fazer é ir ao hospital pedir desculpas ao Bryce. Você não acha uma boa idéia, Suzinha?

Eu respondi, enquanto o trovão aumentava e os relâmpagos ficavam mais freqüentes:

-Claro, é uma grande idéia.

-Tomara que a minha mãe não tenha jogado minhas roupas fora –

prosseguiu a Heather. – Só porque eu estava morta. Você acha que a minha mãe pode ter jogado fora as minhas roupas, Suzinha? Acha mesmo? –

insistiu ela, abrindo os olhos.

Eu gritei:

-Fique de olhos fechados!

Mas já era tarde. Ela já tinha visto. Puxa vida, ela tinha visto. Ficou meio segundo olhando para aqueles anéis ao seu redor e começou a berrar.

E não estava berrando de medo, não senhor. A Heather não estava com medo. Estava furiosa. Para valer.

-Sua vaca! – gritou. – Você não está me mandando de volta! Não mesmo! Está me mandando embora !

E de repente, no momento em que o trovão começava a ficar ainda mais forte, a Heather saiu do círculo.

Assim mesmo. Ela simplesmente deu um passo para fora. Como se não tivesse a menor importância. Como no jogo de amarelinha. Aqueles anéis de fumaça que estavam ao redor dela simplesmente desapareceram.

Sumiram como fumaça. E o buraco acima da cabeça da Heather se fechou.

Bom, vou te confessar que fiquei muito danada. Eu tinha tido um trabalho enorme para conseguir aquilo.

-Ah, não – resmunguei, aproximando-se da Heather e agarrando-a, pelo pescoço mesmo. – Volte já para lá. Volte para lá imediatamente – disse, com os dentes trincados.

Heather limitou-se a rir. Estava presa numa gravata, e ainda ria.

Por trás dela, no entanto, as portas dos armários começar am a se sacudir de

novo. Mais alto que nunca,

-Você é uma mulher morta – disse ela. – Você já está morta, Simon. E sabe o que mais? Vou dar um jeito para que os outros também se juntem a você.

Todos aqueles seus amigos esquisitos. E aquele seu meio -irmão também.

Eu apertei ainda mais o seu pescoço.

-Não creio. Acho mesmo é que você vai voltar para onde estava e desaparecer como um fantasma bem bonzinho.

Ela riu de novo.

-Vamos ver isto, então – desafiou, com os olhinhos azuis brilhando enlouquecidamente.

Bem, se era assim que ela queria...

Dei-lhe um murro daqueles com o punho direito. E antes que ela conseguisse recuperar, acertei -lhe uns outros com a esquerda. Se ela sentiu os golpes, não deixou transparecer. Não, não é verdade. Eu sei que ela sentiu os golpes porque as portas dos armários de repente começaram a abrir e a fechar. Fechar não é bem a palavra. Começaram a abrir e a bater, mas a bater com muita força mesmo, sacudindo toda a galeria.

Não estou brincando. A galeria toda estava indo e vindo, como se o piso fosse de ondas do mar. As grossas pilastras de madeira que sustentavam o telhado arqueado se sacudiam naquele chão que as mantivera firmes e fortes por quase trezentos anos. Trezentos anos de terremotos, incêndios e inundações, e bastava o fantas ma de uma animadora de torcida para que elas tremessem nas bases.

Como vocês podem ver, essa história de mediação não tem nada de divertido.

E de repente eram os dedos dela que estavam ao redor da minha garganta.

Não sei como foi possível. Acho que eu devo ter ficado perturbada com aquele tremor todo. A coisa estava muito esquisita. Eu a agarrei e comecei a tentar empurrá-la de volta para o círculo de velas. Ao mesmo tempo, murmurava a invocação em português, sem tirar os olhos dos caibros que ondulavam lá em

cima, na esperança de que o buraco voltasse a se abrir para a terra das sombras.

-Cala a boca! – gritou a Heather quando ouviu o que eu estava dizendo. –

Cala essa boca! Você não vai me mandar embora! Meu lugar é aqui! É

muito mais o meu lugar do que o seu!

Eu ficava repetindo as palavras. E continuava a empurrá -la.

-Quem você pensa que é? – gritava Heather com o rosto vermelho de raiva.

Com o canto dos olhos, eu vi um vaso de gerânios levitar alguns centímetros acima da balaustrada de pedra em que se en contrava. – Você não é nin-guém! Você só está no colégio há dois dias. Dois dias! Está pensando que pode ir chegando e mudar tudo? Acha que pode simplesmente ir tomando o meu lugar? Quem você pensa que é?

Eu chutei uma perna e, agarrando bem os braços dela , dei-lhe uma rasteira e ambas caímos no chão. O vaso de flores foi atrás, não porque tivéssemos esbarrado nele, mas porque a Heather o atirou contra mim. Eu me abaixei no último instante, e o pesado vaso de argila se espatifou contra os armários, numa explosão de terra, gerânios e cacos de barro. Agarrei a Heather pelos longos e lindos cabelos louros. Não era um gesto dos mais elegantes, mas também não tinha sido muito elegante da parte dela atirar gerânios em mim.

Ela começou a berrar de novo, chutando e se retorcendo como uma enguia, enquanto eu a arrastava e ao mesmo tempo a empurrava em direção ao círculo de velas. Ela havia começado a fazer outros objetos levitarem. As trancas saltaram das portas dos armários e voaram em minha direção como pequenos discos voadores. Depois surgiu um tornado, sugando tudo que estava dentro dos armários para a alameda, de modo que apostilas e fichários voavam para cima de mim de todas as direções. Eu fiquei com a cabeça abaixada, mas não perdi o controle dela quando o livr o de trigonometria de alguém me atingiu em cheio no ombro. E ficava repetindo as palavras que certamente haveriam de abrir de novo aquele buraco.

-Por que você está fazendo isso? – berrou Heather. – Por que simplesmente não me deixa em paz?

-Porque não.

Eu estava lanhada, sem fôlego, pingando de suor, só pensando em largar ela ali mesmo, dar meia-volta e ir para casa, jogar-me na cama e dormi por um milhão de anos.

Mas não podia.

Então o que fiz foi dar-lhe um murro no peito, mandando -a de volta para o meio do círculo de velas. E no exato momento em que ela tropeçou na foto que havia dado ao Bryce, o buraco que aparecera acima de sua cabeça voltou a se abrir. Desta vez a fumaça vermelha fechou -se em torno dela como um sufocante e espesso cobertor de lã. Ela não ia se soltar de novo. Não com aquela facilidade.

A fumaça vermelha a seu redor era tão espessa que eu já não podia vê -la, mas certamente a ouvia. Seus gritos deram para despertar os mortos – só que ela era a única morta ali, naturalmente. Trovões ribom bavam acima de sua cabeça. Lá dentro do buraco que voltara a se abrir, eu julgava estar vendo estrelas brilharem.

-Por quê? – berrava Heather. – Por que está fazendo isto comigo?

-Porque eu sou a mediadora – respondi.

E de repente duas coisas aconteceram q uase simultaneamente A fumaça vermelha que envolvia a Heather começou a ser sugada para o buraco que girava em espiral, levando -a consigo.

E os poderosos pilares que sustentavam a galeria partiram -se em dois como se fosse de gesso.

E foi aí que a galerias desmoronou em cima de mim.

Capítulo 18

Não tenho a mínima idéia de quanto tempo eu fiquei lá deitada debaixo das pranchas de madeira e das telhas quebradas do desmoronamento. Pensando bem, devo ter perdido a consciência, ainda que por alguns minutos ape nas.

Só lembro de uma coisa dura batendo na minha cabeça, e quando vi estava tudo completamente escuro ao meu redor e parecia que eu ia sufocar.

Um dos truques favoritos de certos fantasmas é sentar -se no peito da vítima quando ela está despertando, para q ue a pobre coitada pense que está sendo sufocada sem saber por quê. Eu não estava entendendo direito o que estava acontecendo, e por alguns instantes cheguei a pensar que tinha fracassado e que a Heather ainda estava neste mundo, sentada no meu peito, tort urando-me e se vingando do que eu tentara fazer.

Mas aí eu pensei que talvez estivesse morta.

Não sei por quê. Talvez fosse daquele jeito, estar morto. Pelo menos inicialmente. Era assim que a Heather devia ter -se sentido quando acordou no seu caixão.

Devia ter-se sentido do mesmo jeito que eu naquela hora: presa, sufocada, paralisada pelo medo. Minha nossa, não é de se estranhar que ela estivesse sempre tão mal-humorada. Ela só podia mesmo estar querendo voltar desesperadamente para o mundo que conhecera a ntes de morrer. Aquilo era horrível. Era pior do que horrível. Era o inferno.

Mas aí eu mexi uma das mãos, a única parte do corpo que ainda conseguia mexer, e senti uma coisa áspera e fria sobre mim. Foi então que entendi o que havia acontecido. A galeria tinha desmoronado. A Heather tinha usado seu último restinho de poder de movimentar as coisas para me atingir. E

tinha feito um belo trabalho, pois eu não conseguia mexer, presa debaixo de sabe-se lá quantos quilos de madeira e telhas espanholas.

Legal, Heather. Obrigada mesmo.

Eu devia estar com medo, pois estava completamente paralisada, incapaz de me mexer, na mais total escuridão. Mas antes mesmo que pudesse entrar em pânico, ouvi alguém me chamando pelo nome. No início achei que podia estar ficando lou ca. Afinal, ninguém sabia que eu tinha ido ao colégio, exceto Jesse, claro, e eu deixara bem claro para ele o que lhe aconteceria se aparecesse por lá. Ele não era burro. Sabia perfeitamente que eu ia fazer um exorcismo. Será que tinha decidido aparecer as sim mesmo? Será que tudo já tinha se acalmado? Eu não sabia. E se ele entrasse no círculo de velas e sangue de galinha, será que seria sugado para o mesmo mundo de sombras que havia levado a Heather?

Agora eu estava começando a entrar em pânico.

-Jesse! – berrei, esmurrando um pedaço de madeira que estava bem em cima de mim e recebendo no rosto uma pequena chuva de lascas de madeira e poeira. – Sai daí! – gritei. Aquela poeira toda estava me asfixiando, mas eu não me importava. – Vai embora! É perigoso!

De repente, um enorme peso foi retirado do meu peito e eu voltei a ver.

Acima de mim estava o céu de um azul de veludo, salpicado de uma poeira de estrelas. E naquela moldura de estrelas um rosto se debruçava sobre mim com expressão preocupada.

-Ela está aqui! – gritou o Mestre, com a voz quase irreconhecível. – Jake, eu a encontrei!

Um outro rosto veio juntar-se ao primeiro, envolto numa moldura de longos cabelos loiros.

-Jesus Cristo – disse Soneca ao me ver, com a voz arrastada. – Você está bem, Suze?

Eu fiz que sim com a cabeça, atordoada.

-Me ajudem a sair daqui! – disse então.

Os dois conseguiram tirar de cima de mim os pedaços maiores de madeira.

Depois o Soneca mandou que eu passasse meus braços ao redor do seu pescoço, o que eu fiz, enquanto o David me segurava pela cintura. Com os dois me puxando e eu empurrando com os pés, finalmente consegui me livrar dos escombros.

Ficamos um minuto sentados na escuridão do pátio, recostados no pedestal da estátua decapitada de Junipero Serra. Simplesmente ficamos ali, ofegando e olhando as ruínas do colégio. Bom, acho que estou exagerando um pouco. A maior parte do colégio ainda estava de pé. E por sinal o mesmo também acontecia com a maior parte da galeria. Só havia desabado a parte que ficava em frente ao armário da Heather e à sala de aula do professor Walden. Aquele monte de madeira retorcida convenientemente ocultava qualquer resquício de minhas atividades noturnas, inclusive as velas, que naturalmente haviam desaparecido. Não havia qualquer sinal da Heather. A noite parecia perfeitamente tranqüila, só

ouvimos nossa própria respiração. E os grilos.

Foi assim que eu fiquei sabendo que a Heather realmente tinha ido embora.

Os grilos haviam voltado a cantar.

-Minha nossa! – voltou a dizer o Soneca, ainda ofegante. – Tem certeza de que está bem, Suze?

Voltei-me para ele. Ele estava usando apenas um par de jeans e uma jaqueta do exército, que tinha enfiado sem nem ter tempo para vestir antes uma camisa. Pude ver então que o Soneca tinha a mesma barriga de tanque que o Jesse.

Como é que eu podia quase ter morrido sufocada e ainda estar ali minutos depois observando coisas como os músculos abdominais do meu meio -

irmão?

-Claro – respondi, afastando uma mecha de cabelo dos olhos, - Eu estou bem. Talvez um pouco zonza, mas nada quebrado.

-Talvez seja melhor levá-la para o hospital para um check -up – disse David com a voz ainda bem alterada. – Você não acha que é melhor levá -la para o hospital para um check-up, Jake?

-Não – disse eu. – Nada de hospital.

-Você pode ter tido uma concussão – insistiu David. – Ou uma fratura no crânio. Você pode até entrar em coma durante o sono e nunca mais voltar.

Precisa pelo menos tirar uma radiografia. Talvez até seja bom uma tomografia...

-Não – cortei, sacudindo a poeira do meu colante com as mãos e levantando-me. Meu corpo estava bem maltratado, mas inteiro. – Vamos.

Vamos embora daqui antes que chegue alguém. Eles não podem deixar de ter ouvido tudo isto – prossegui, apontando com o queixo para a parte do complexo onde viviam os padres e a s freiras. Em algumas janelas já se viam as luzes acesas. – Não quero que vocês tenham problemas.

-Isso aí – concordou Soneca, levantando -se. – Mas você bem que podia ter pensado nisso antes...

Saímos do mesmo jeito que havíamos entrado. Como eu, David tam bém passara por baixo do portão principal, destrancando -o por dentro para deixar o Soneca entrar. Saímos o mais discretamente possível e corremos para o Rambler, que o Soneca havia estacionado num lugar mais escuro, fora do raio de visão do carro da políci a. Este ainda estava no mesmo lugar e seu ocupante não tinha sequer tomado conhecimento do que havia acontecido a algumas dezenas de metros de distância. Ainda assim, eu não queria correr nenhum risco, tentando passar despercebida por ele para pegar a bicicleta. Deixamos que ela ficasse lá, na esperança de que ninguém a encontraria.

No caminho para casa, meu novo irmãozão Jake ficou o tempo todo me passando sermão. Provavelmente ele estava pensando que eu estava no colégio no meio da noite participando de a lguma cerimônia de gangue.

Não estou brincando. Ele estava realmente furioso com a coisa. Queria saber se eu estava consciente do tipo de amigos que vinha freqüentando, gente disposta a me deixar morrer debaixo de um monte de telhas. Disse que se eu estivesse entediada ou em busca de emoções fortes o melhor que tinha a fazer era pegar uma prancha de surf e ir para a praia:

-Se é para rachar a cabeça no meio, pelo menos que seja pegando uma onda, garota.

Agüentei aquele sermão com a maior elegância possível. Afinal, eu não podia exatamente dizer a ele o real motivo para estar no colégio àquela hora. Só interrompi o Jake uma vez durante seu discurso contra as gangues, para perguntar como ele e David tinham tido a idéia de ir me buscar.

-Não sei – respondeu Jake enquanto subíamos a rua. – Só sei que eu estava pegando pesado no sono quando de repente o Dave estava me sacudindo, dizendo que tínhamos de ir ao colégio para te encontrar. E como é que você sabia que ela estava lá, Dave?

O rosto do David estava excepci onalmente branco, mesmo levando -se em conta a luz do luar.

-Não sei – respondeu ele tranqüilamente. – Acho que foi só uma intuição.

Voltei-me para ele, mas ele desviou o olhar.

E eu fiquei pensando: esse garoto está sabendo.

Mas eu estava cansada demais pa ra falar a respeito naquela hora. Entramos em casa, aliviados porque o único morador acordou com a nossa chegada foi o Max, que ficou sacudindo o rabo e tentando nos lamber enquanto nos encaminhávamos para nossos quartos. Antes de entrar no meu quarto, olh ei para o David só uma vez, pra ver se queria ou precisava dizer -me alguma coisa. Mas não. Ele simplesmente foi entrando no seu quarto e fechando a porta, como um menininho assustado. Meu coração se encheu de orgulho por ele.

Mas só durou um segundo. Eu es tava cansada demais para pensar em alguma coisa que não fosse a cama – nem mesmo no Jesse. Amanhã de manhã, pensei, enquanto tirava minhas roupas cheias de poeira. Amanhã de manhã eu falo com ele.

Mas não falei. Quando acordei, q luz do lado de fora da min ha janela estava estranha. Quando levantei a cabeça e vi o relógio, entendi por quê.

Eram duas horas da tarde. Toda aquela bruma da manhã já se tinha dissipado e o sol castigava como se estivéssemos em pleno verão e não no mês de janeiro.

-Muito bem, hein, dorminhoca.

Olhei na direção da porta do quarto e lá estava o Andy, recostado na porta com os braços cruzados. Ele estava sorrindo, o que provavelmente queria dizer que estava tudo bem. Mas então o que eu estava fazendo na cama às duas horas da tarde de u m dia de aula?

-Está se sentindo melhor? – quis saber o Andy.

Eu empurrei um pouco as cobertas. E se eu estivesse doente? Não seria nada difícil fingir. Eu estava mesmo me sentindo como se tivessem jogado uma tonelada de tijolos na minha cabeça.

O que, de certa forma, não estava muito longe da verdade.

-Hmm – fiz eu. – Não muito.

-Vou lhe trazer uma aspirina. Parece que o cansaço da viagem te pegou de jeito, hein! Como não conseguimos te acordar hoje cedo, decidimos deixá -

la dormir. Sua mãe me pediu que a d esculpasse, mas teve de ir para o trabalho. Deixou-me cuidando das coisas. Espero que você não se importe.

Eu tentei sentar-me, mas estava difícil. Parece que eu tinha sido espancada em cada músculo do corpo. Afastei o cabelo dos olhos e olhei para ele:

-Não precisava – disse. – Não precisava ter ficado em casa por minha causa.

Andy deu de ombros.

-Não faz mal. Praticamente não tenho conseguido falar com você desde que você chegou, e achei então que a gente podia botar a conversa em dia.

Quer alguma coisa para almoçar?

No exato momento em que ele fez a pergunta, meu estômago deu um ronco. Eu estava morta de fome.

Ele ouviu e abriu um sorriso:

-Sem problema. Vista-se e desça. Vamos almoçar ao ar livre. O dia está lindo.

Precisei me forçar para sair da cama. E u estava de pijama e sem muita vontade de me vestir. De modo que apenas vesti um par de meias e um roupão, escovei os dentes e fiquei uns momentos olhando para a janela enquanto tentava desembaraçar o cabelo. Por trás dela, dava para ver o mar reluzindo. À distancia, ninguém diria que tanta destruição havia acontecido ali na noite anterior.

Não demorou e um delicioso cheiro de comida chegou lá da cozinha, e decidi descer a escada. Andy estava fazendo sanduíches Reuben. Mas ele foi logo me expulsando da cozi nha em direção ao enorme deque que tinha construído atrás da casa. A área estava inundada de sol e eu me estirei numa das chaises longues, me sentindo por alguns momentos como uma estrela de cinema. Pouco depois o Andy chegou com os sanduíches e uma jarra de limonada, e eu fui para a mesa com o pára -sol verde e mandei ver.

Para um não nova-iorquino, até que o Andy fazia um Reuben razoável.

Ele passou bem uma meia hora me fazendo um verdadeiro interrogatório...

mas não sobre o que havia acontecido na noite d a véspera. Para minha surpresa, Soneca e Mestre tinham ficado de boca fechada. Andy estava completamente por fora do que tinha acontecido. Só queria saber se eu estava gostando do colégio, se estava feliz, bláblábláblá...

Só tinha um detalhe. Enquanto me perg untava se eu estava gostando da Califórnia, e se era realmente tão diferente assim de Nova York, ele acabou dizendo:

-Quer dizer então que você dormiu tranqüilamente durante o seu primeiro terremoto...

Eu quase engasguei.

-O quê?

-O seu primeiro terremoto. Houve um terremoto esta noite, por volta das duas horas. Não foi dos mais fortes, apenas uns quatro graus, mas o suficiente para me acordar. Nada foi destruído, exceto lá na Missão. A galeria desmoronou. O que aliás não deve ter surpreendido. Há anos eu venho avisando os padres sobre o perigo daquela madeira. É quase tão antiga quanto a própria Missão. Não se podia esperar mesmo que durasse para sempre.

Eu estava mastigando mais devagar. Minha nossa. A despedida da Heather devia mesmo ter dado umas boas sa cudidelas, para se fazer sentir daquele jeito por todo o vale até nas colinas.

Mas isto ainda não explicava por que o David decidira ir me procurar no colégio.

Eu tinha voltado para o quarto e estava no assento da janela folheando uma revista de moda bem b obinha, tentando imaginar onde o Jesse tinha ido parar, quanto tempo ainda teria de esperar até que ele voltasse a aparecer para me fazer mais um dos seus sermões e se ele ainda seria capaz de me chamar novamente de hermosa, quando os garotos chegaram do colégio. Dunga passou direto pelo meu quarto (ele ainda não tinha me perdoado por ter ficado de castigo) mas o Soneca mostrou a cabeça, viu que eu estava bem e foi embora, balançando a cabeça. O único a bater na porta foi o David. Eu o convidei a entrar, e ele entrou, timidamente.

-Trouxe o seu dever de casa. O professor Walden me deu para entregar a você. Mandou fizer que espera que você esteja melhor.

-Puxa – disse eu. – Obrigada, David. Pode deixar aí na cama.

Foi o que ele fez. Mas em vez de se retirar, ele ficou ali, olhando para a guarda da cama. Percebi que estava querendo dizer alguma coisa e fiquei calada, esperando que ele resolvesse se abrir.

-Cee Cee mandou um beijo – disse ele. – E aquele outro cara também, o Adam McTvish.

-Legal – respondi.

Fiquei esperando. David não me desapontou.

-Está todo mundo comentando – foi dizendo.

-Comentando o quê?

-Você sabe. O terremoto. Que a Missão deve estar em cima de alguma falha geológica que ainda era conhecida, pois o epicentro parece ter sido...

bem do outro lado da sala de aula do professor Walden.

Eu fiz apenas “hmm” e virei a página da revista.

-Quer dizer então que você nunca vai me contar?... – fez o David.

Eu nem olhei para ele.

-Contar o quê?

-O que está acontecendo. Por que você estava no colégio no meio da noite.

Como a galeria desmoronou. Tudo isso.

-É melhor você não ficar sabendo – respondi, virando a página. – Confie em mim.

-Mas não tem nada a ver com... com o que o Jake disse, certo? Essa história de

gangue.

-Não – respondi.

Olhei então para ele. O sol, entrando pela janela, ressaltava o rosado de sua pele. Aquele garoto, com seus cabelo ruivos e as orelhas pontudas, tinha salvo a minha vida. Eu lhe devia uma explicação, era o mínimo que poda fazer.

-Eu vi, sabe? – disse David.

-Viu o quê?

-O fantasma.

Ele estava olhando para mim, pálido e intenso. Parecia sério demais para um guri de doze anos.

-Que fantasma? – perguntei.

-O que vive aqui. Neste quarto. – Ele olhou ao redor, como se esperasse encontrar o Jesse em algum cantinho do meu ensolarad o quarto. – Ele me procurou esta noite. Juro. Me acordou. Ficou me falando de você. Foi assim que fiquei sabendo. Foi assim que eu soube que você estava enrascada.

Fiquei olhando para ele de queixo caído. O Jesse? O Jesse tinha contado para ele? O Jesse o tinha acordado?

-Ele não me deixava em paz – prosseguiu David, com a voz trêmula. Ele ficava... me tocando. No ombro. Era frio e reluzia. Era apenas uma coisa fria e reluzente e dentro da minha cabeça uma voz ficava me dizendo que eu tinha de ir ao colégio te ajudar. Não estou mentindo, Suze. Juro que aconteceu realmente.

-Eu sei, David – disse eu, fechando a revista. – Acredito em você.

Ele já estava de novo com a boca aberta para jurar outra vez que era tudo verdade, mas ao me ouvir dizer que acreditava n ele voltou a fechá-la. Só voltou a abri-la para perguntar, meio desconfiado:

-Acredita mesmo?

-Acredito – respondi. – Não pude dizer ontem à noite mas estou dizendo agora. Obrigada, David. Você e o Jake salvaram a minha vida.

Ele estava tremendo. Precisou sentar na minha cama, caso contrário poderia até cair.

-Então... – disse ele. – Então é verdade? Quer dizer que foi mesmo o... o fantasma?

-Foi.

Ele ficou um tempo digerindo a resposta.

-E por que você estava no colégio?

-É uma longa história – respondi. – Mas juro que não tinha nada a ver com gangues.

Ele ficou piscando para mim.

-Então tem a ver com... o fantasma?

-Não o que te visitou. Mas tinha mesmo a ver com um fantasma.

Os lábios do David se mexeram, mas acho que ele não estava muito consciente de estar falando. Da sua boca saiu aquela pergunta espantada:

-Existe mais de um?

-Ah, muito mais de um – respondi.

Ele continuou olhando fixo para mim.

-E você... você é capaz de vê-los?

-David – disse eu então -, não é uma coisa que eu me sinta à vontade para comentar...

-Você viu o da noite passada? O que foi me acordar?

-Sim, David. Eu o vi.

-E sabe quem é? Sabe como ele morreu?

Eu balancei a cabeça.

-Não. Não se lembra? Você ia investigar para mim.

Ele pareceu despertar.

-Ah, claro! Esqueci. Estive consulta ndo uns livros ontem. Espere um minutinho só. Não saia daí.

Ele saiu correndo do quarto, já completamente esquecido do choque que acabara de sofrer. Eu fiquei exatamente onde estava, como ele havia pedido. Fiquei me perguntando se o Jesse estava por ali ou vindo. E achei que seria muito bom para se estivesse.

Segundos depois o David estava de volta, trazendo uma pilha de enormes livros empoeirados. Pareciam muito velhos, e quando ele sentou ao meu lado e começou a folheá-los sofregamente, eu vi que eram mesm o muito antigos. Nenhum deles tinha sido publicado depois de 1910. O mais antigo tinha sido publicado em 1849.

-Veja – disse David, folheando um grande volume encadernado em couro intitulado. A minha Monterey, de um certo coronel Harold Clemmings. O

estilo narrativo do coronel era dos mais maçantes, mas o livro tinha ilustrações, o que não deixava de ajudar, embora fossem em preto -e-branco.

-Veja – voltou a dizer o David, mostrando a reprodução de uma fotografia da casa em que estávamos. Só que ela estava m uito diferente, sem a varanda nem a garagem. As árvores ao redor também eram bem menores. – Olha só, é a casa quando ainda era um hotel. Ou uma estalagem, como diziam na época. Está dizendo aqui que a casa tinha péssima fama. Muitas pessoas foram assassina das aqui. Esse coronel Clemmings conta uma porção de detalhes. Você acha que o fantasma que veio falar comigo ontem à noite é uma delas? Uma das pessoas que morreram aqui?

-Bem – disse eu -, muito provavelmente.

David começou a ler em voz alta – depressa e de uma maneira inteligente, sem

tropeçar nas palavras antigas mais difíceis – as diversas histórias das pessoas que tinham morrido na Casa da Colina, como a chamava o coronel Clemmings.

Mas nenhuma daquelas pessoas chamava -se Jesse. Nenhuma delas nem de longe se parecia com ele. Ao terminar, David olhou para mim cheio de expectativa:

-Talvez seja o fantasma daquele dono de lavanderia chinês – disse. – O tal que levou um tiro porque aquele janota não achava que ele estava lavando direito as suas camisas.

Eu sacudi a cabeça.

-Não. O nosso fantasma não é chinês.

-Ah... – e David voltou a consultar o livro. – E este aqui? O tal que foi morto pelos escravos...

-Acho que não – disse eu. – Ele tinha apenas um metro e sessenta de altura.

-E este outro aqui? O dinam arquês que foi apanhado trapaceando nas cartas e levou um tiro...

-Ele não é dinamarquês – respondi, dando um suspiro.

David franziu a boca.

-Então o que ele era?

Eu balancei a cabeça.

-Não sei. Tem alguma coisa de espanhol. E também... – mas eu não queria ficar falando disso bem ali no meu quarto, onde o Jesse podia estar ouvindo, aqueles detalhes sobre os olhos úmidos e os longos dedos morenos...

Quer dizer, eu não queria que ele ficasse achando que eu gostava dele ou coisa assim.

Foi aí que eu lembrei do lenço. Quando acordei na manhã seguinte, depois de lavar o sangue, ele tinha desaparecido, mas eu ainda lembrava as iniciais. MDS

-Essas letras te dizem alguma coisa?

Ele ficou pensando por uns momentos. Depois fechou o livro do coronel Clemmings e abriu um outro, ainda mais velho e empoeirado. Era tão antigo que o título havia desaparecido na lombada. Mas quando David o abriu, pude ver o título na folha de rosto: A Vida no norte da Califórnia de 1800 a 1850.

David percorreu o índice no fim do volume e fal ou:

-A-ráá!

-A-rá o quê? – perguntei.

-Exatamente o que eu havia pensado – respondeu ele, buscando uma das últimas páginas do livro. – Aqui – prosseguiu. – Eu sabia. Tem uma fotografia dela.

Ele me entregou o livro, mostrando uma página recoberta por um te cido.

-O que é isto? – perguntei. – Para que este lenço de papel?

-Não é lenço de papel. É papel de seda. Eles usavam para proteger as fotos nos livros. Pode levantar.

Eu levantei o tecido. Por baixo dele havia a reprodução em preto -e-branco de uma pintura, em papel brilhante. Era um retrato de uma mulher.

Embaixo, a inscrição: Maria de Silva Diego, 1830 -1916.

Meu queixo caiu. MDS! Maria de Silva!

Ela parecia mesmo do tipo que levava um lenço como aquele na manga do vestido. Estava usando um vestido branco cheio de babados – ou pelo menos parecia branco na foto – com seus lustrosos cabelos negros colhidos em bandós dos dois lados da cabeça e uma enorme jóia antiga daquelas bem caras presa a uma corrente de ouro em seu longo pescoço. Era uma bela mulher de ar altivo, olhando para um dos lados com uma expressão que se poderia dizer de... de desprezo.

Olhei para o David.

-Quem é ela? – perguntei.

-Simplesmente a garota mais famosa da Califórnia na época em que esta casa foi construída – disse ele, tirando o livro da minha mão e voltando a folheá-lo. – Na época, o seu pai, Ricardo de Silva, era praticamente o dono de toda a região de Salinas. Ela era sua única filha e tinha um dote e tanto. Mas não era por isto que os caras queriam casar com ela. Ou pelo menos não era o único motivo. Naquela época, uma garota como ela era realmente considerada bonita.

Eu disse:

-Mas ela é mesmo muito bonita.

-David olhou para mim com um risinho:

-É, isso mesmo.

-Sim, muito bonita mesmo.

David viu que eu estava falando sério e deu d e ombros.

-Não importa. O pai queria que ela casasse com um fazendeiro rico, um primo que estava perdidamente apaixonado por ela, mas ela só pensava nesse outro cara chamado Diego. – Ele consultou o livro. – Felix Diego. O

sujeito era a maior roubada, traf icante de escravos. Pelo menos era o que fazia antes de vir para a Califórnia para ficar rico na corrida do ouro. E o pai da Maria era contra a escravidão, aliás, também contra a corrida de ouro. De modo que Maria e o pai entraram em conflito para saber co m quem ela ia se casar, o primo ou o traficante de escravos, até que o pai avisou que ia deserdá-la se ela não casasse com o primo. Foi o bastante para Maria tomar uma decisão rapidinho, pois ela gostava muito de dinheiro. Tinha aproximadamente uns sessent a vestidos, numa época em que a maioria das mulheres tinha apenas dois, um para o trabalho e outro para a igreja.

-E o que aconteceu? – interrompi. Não estava dando a mínima para quantos vestidos aquela mulher tinha. Só queria saber onde estava o Jesse.

David voltou a consultar o livro.

-O mais incrível é que no fim das contas a Maria conseguiu o que queria.

-Como assim?

-O primo não apareceu no casamento.

Eu fiquei olhando:

-Não apareceu? Como assim, não apareceu?

-Exatamente isto. Ele nunca mais apareceu. Ninguém sabe o que aconteceu com ele. Ele deixou seu rancho alguns dias antes do casamento, para chegar a tempo ou qualquer coisa assim, e ninguém mais teve notícias dele.

Nunca mais. Ponto final. Neca de pitibiriba.

-E... – eu sabia a resposta, mas mesmo assim tinha de perguntar. – E o que aconteceu com a Maria?

-Ah, ela casou com o traficante de escravos caçador de ouro. Claro que depois de deixar passar um certo tempo. Naquela época essas coisas tinham mil regras. O pai dela ficou tão decepcionado com o primo que acabou dizendo à Maria que podia fazer o que quisesse, e que se danasse.

Foi o que ela fez. Mas não se danou nem um pouquinho. Ela e o traficante de escravos tiveram 11 filhos, herdaram as propriedades quando o pai dela morreu e souberam adminis trá-las muitíssimo bem...

Eu levantei a mão.

-Espera aí. Como se chamava o primo?

David consultou o livro.

-Hector.

-Hector?

-Sim – respondeu David, olhando de novo no livro. – Hector de Silva. Mas a mãe chamava-o de Jesse.

Quando voltou a levantar os olho s, ele deve ter visto algo estranho na minha expressão, pois perguntou, com uma vozinha miúda:

-É o nosso fantasma?

-É o nosso fantasma – respondi, calmamente.

Capítulo 19

Pouco depois o telefone tocou. Dunga gritou lá de cima que era para mim.

Ao atender, ouvi a Cee Cee berrando do outro lado da linha:

-Sra. Vice-presidenta – dizia ela -, sra. Vice-presidenta, alguma coisa a declarar?

-Não – respondi -, e que história é essa de vice -presidenta?

-Você ganhou a eleição.

Por trás dela eu ouvi o Adam dizendo “Parabéns!”.

-Que eleição? – perguntei, desconcertada.

-Para vice-presidente! – Cee Cee parecia chateada. – Eeeeeba...

-E como é que eu posso ter ganhado se nem estava lá?

-Não tem importância. Você recebeu dois terços dos votos dos segundistas.

-Dois terços? – Tenho de reconhecer que fiquei chocada. – Mas Cee Cee, por que é que essa gente toda votou em mim? Eles nem me reconhecem.

Eu sou a novata do colégio.

-Que que eu posso fazer? – perguntou Cee Cee. – Você parece uma líder nata.

-Mas...

-E provavelmente o fato de ser de Nova York não atrapalhou nem um pouquinho, pois aqui todo mundo é fascinado com qualquer coisa que seja de Nova York.

-Mas...

-E além do mais você fala tão depressa...

-Falo?

-Claro que fala, o que faz você ficar parecendo tão inteligen te... Quer dizer, eu realmente acho que você é inteligente, mas você também fica parecendo por falar tão rápido. E você usa tanta roupa preta... E como sabe, preto é superchique.

-Mas...

-E ainda por cima o fato de você ter salvado o Bryce daquela tora de madeira... As pessoas acham o máximo esse tipo de coisa.

Eu fiquei pensando que provavelmente dois terços dos segundistas do Colégio da Missão votariam no coelhinho da páscoa se alguém tivesse tido a idéias de inscrevê-lo como candidato. Mas não cheguei a dizer. Em vez disso, disse:

-Bem. Legal, acho eu.

-Legal? – fez a Cee Cee, parecendo surpresa. – Legal? É só o que você tem a dizer? Você já parou para pensar como vamos nos divertir com todo esse dinheiro? As coisas legais que vamos poder fazer?

-Acho mesmo... genial – respondi.

-Genial? Suze, é simplesmente sensacional! Vamos ter um semestre simplesmente sen-sa-cio-nal! Estou tão orgulhosa de você!

Desliguei o telefone me sentindo meio zonza. Não é todo dia que alguém é eleito vice-presidente de uma turma que está freqüentando há menos de uma semana.

Mal tinha acabado de pôr o telefone no gancho quando ele voltou a tocar.

Dessa vez era uma voz de garota que eu não reconheci, pedindo para falar com a Suze Simon.

-Falando – respondi, e a Kelly berrou no meu ouvido.

-Minha nossa! – gritou ela. – Você ficou sabendo? Não está elétrica?

Vamos ter um ano do barulho!

Do barulho. Certo. Calmamente, eu respondi:

-Estou louca para trabalhar com você.

-Olha só – disse a Kelly, de repente falando sério. – Temos de nos encontrar logo para escolher a música.

-Que música?

-Para a festa, ué. – Dava para ouvir que ela estava folheando um fichário. –

Eu até já sei de um DJ. Ele me enviou uma lista de músicas, e nós só precisamos escolher. Que tal amanhã à noite? Que está acon tecendo com você? Você nem foi à aula hoje. Está pensando que tem alguma doença contagiosa?

Eu respondi:

-Hmm, não... Olha, Kelly, sobre essa festa, não sei não... Estava pensando que talvez fosse melhor gastar o dinheiro... bem, quem sabe um piquenique na praia...

Ela repetiu, num tom de voz completamente morno:

-Um piquenique na praia.

-Claro. Com vôlei, fogueira para churrasco e tudo mais. – Eu comecei a enrolar o fio do telefone no dedo. – Depois que conseguirmos a cerimônia de homenagem à Heather, natu ralmente.

-Cerimônia?

-A cerimônia fúnebre. Veja bem: aposto que você já reservou o salão do Carmel Inn para a festa, confere? Só que em vez de dar uma festa, eu acho que devíamos organizar uma cerimônia de homenagem à Heather. Eu realmente acho que ela gostaria que fosse assim.

Kelly continuava com aquela voz de pasmaceira:

-Mas você nem chegou a conhecer a Heather.

-Bem, tem razão – respondi. – Mas tenho a sensação de que sei muito bem que tipo de garota ela era. E tenho certeza de que uma cerimônia fúneb re no Carmel Inn é exatamente o que ela gostaria.

Kelly ficou um minuto sem dizer nada. Já tinha me ocorrido que ela podia não gostar das minhas sugestões, mas ela não ia poder mesmo fazer nada. Afinal, a vice-presidenta era eu. E ninguém tinha o direito d e pedir o meu impeachment, a não ser que eu fosse expulsa do colégio.

Como ela não respondia, eu disse:

-Bom, por enquanto você não precisa de preocupar, Kelly. Ah, sim, sobre a sua festa no sábado, eu também convidei a Cee Cee e o Adam, espero que você não se importe. É estranho, mas eles disseram que não foram convidados. Só que uma turma pequena como a nossa, não pega bem não convidar todo mundo, entende? Caso contrário, as pessoas que não foram convidadas vão pensar que você não gosta delas. Mas é claro que no caso da Cee Cee e do Adam você apenas esqueceu, confere?

-Você ficou maluca? – Fez a Kelly.

-Preferi ignorar:

-Até amanhã, então – limitei-me a dizer.

Minutos depois, o telefone voltou a tocar. Eu mesma atendi, pois parecia que tudo estava dando ce rto para mim. E estava mesmo. Era o padre Dominic.

-Suzannah – foi ele dizendo, naquela voz grave tão agradável. – Espero que não se importe por eu estar ligando para sua casa. Mas liguei só para cumprimentá-la por ter vencido a eleição na turma dos segund istas...

-Não precisa se preocupar, padre Dom. – disse eu. – Não tem ninguém na extensão. Só eu.

-Mas o que é que você tinha na cabeça? – perguntou ele, num tom de voz completamente diferente. – Você me prometeu! Você me prometeu que não ia voltar ao colégio!

-Sinto muito – respondi. – Mas ela estava ameaçando machucar o David, e eu...

-Não quero saber nem se ela estava ameaçando a sua mãe, mocinha. Da próxima vez terá de esperar por mim. Está entendendo? Nunca mais vai tentar fazer uma coisa tão impudente e arriscada como um exorcismo sem uma alma que possa ajudá-la!

Eu respondi:

-Está bem. Mas eu estava esperando mais ou menos que não fosse haver uma próxima vez.

-Não fosse haver uma próxima vez? Você perdeu o juízo? Esqueceu que somos mediadores? Enquanto houver espíritos, continuará havendo sempre próxima vez para nós, mocinha, e não se esqueça disso.

Como se eu pudesse. Bastava olhar ao redor da minha cama a qualquer hora do dia ou da noite para dar de cara com o lembrete, na forma de um caubói assassinado.

Mas achei que não fazia sentido contar isto ao padre Dominic. Disse então:

-Lamento pela galeria, padre Dominic. Seus pobres passarinhos...

-Não se preocupe com os meus passarinhos. O que interessa é que você está bem. Quando eu sair desse hospital, va mos ter uma longa conversa, Suzannah, sobre técnicas adequadas de mediação. Nunca ouvi falar desse seu hábito de sair por aí esmurrando a cara dessas pobres almas penadas.

Eu achei graça:

-Tudo bem. Suas costelas devem estar doendo, não?

-Estão mesmo, algumas. Mas como você sabe? – perguntou ele, com voz macia.

-Porque o senhor está sendo tão amável...

-Oh, desculpe... – fez ele, realmente parecendo sentido. – É que... minhas costas realmente estão doendo. Mas você soube da notícia?

-Qual delas? Que eu fui eleita vice-presidenta dos segundistas ou que quase derrubei o colégio ontem à noite?

-Nenhuma das duas. Encontraram uma vaga para o Bryce no colégio Robert Louis Stevenson. Ele será transferido assim que voltar a andar.

-Mas.... – Podia parecer ridículo, mas fiquei triste com aquela notícia. –

Mas agora a Heather se foi. Ele não precisa ser transferido.

-A Heather pode ter ido embora – respondeu padre Dominic educadamente

-, mas sua lembrança ainda está muito vívida para os que foram... digamos, afetados por sua morte. Você não vai querer criticar o rapaz por querer uma oportunidade de começar de novo num colégio onde as pessoas não estejam cochichando sobre ele.

-Está certo – disse eu, meio de má vontade, pensando na cabeleira loura do Bryce.

-Os médicos estão dizendo que eu vou poder voltar a trabalhar na segunda -

feira. Gostaria que você viesse ao meu gabinete.

-Está certo – repeti, com o mesmo entusiasmo de antes. Padre Dominic nem pareceu ter percebido.

-Então nos vemos lá – disse ele, e acrescentou, pou co antes de eu desligar:

- Enquanto isto, Suzannah, tente não destruir o que restou do colégio, está bem?

-Ha, há – fiz eu, e desliguei.

Sentada no assento da janela, encostei o queixo nos joelhos e fiquei olhando para o vale lá embaixo e a curva da baía. O sol começava a se pôr a oeste. Ainda não tinha encostado na água, mas não demoraria a fazê -lo.

Meu quarto estava todo vermelho e dourado e, ao redor do sol, o céu parecia todo listrado. As nuvens tinham tantas cores – azul, roxo, vermelho, laranja – quanto as fitas que certa vez eu vira flutuando ao vento no alto de um poste

numa quermesse. Como a janela estava aberta, eu também sentia o cheiro salgado, mesmo no alto da colina onde eu me encontrava.

Fiquei me perguntando se o Jesse também costumava senta r-se naquela janela para sentir o cheiro do mar antes de morrer. Antes que o amante de Maria de Silva, Felix Diego, entrasse no quarto e o matasse, como eu estava certa de que havia acontecido.

Como se estivesse ouvindo meus pensamentos, Jesse de repente materializou-se a alguns passos de mim.

-Caramba! – exclamei, apertando uma mão contra o coração, que começou a bater tão rápido que eu achei que podia explodir. – Você precisa mesmo ficar fazendo isto?

Ele estava recostado, como quem não quer nada, numa da s vigas da minha cama, com os braços cruzados.

-Sinto muito – disse então, sem parecer que estava sentindo coisa nenhuma.

-Olhe aqui – fui dizendo. – Se nós dois vamos continuar convivendo, por assim dizer, precisamos estabelecer certas regras. E a regra n úmero um é que você precisa parar de ficar me assombrando desse jeito.

-E como você sugere que eu torne minha presença conhecida? – perguntou Jesse, com os olhos brilhando um bocado para um fantasma.

-Não sei – respondi. – Você não pode sacudir umas corren tes ou algo assim?

Ele balançou a cabeça.

-Acho que não. E qual seria a regra número dois?

-Regra número dois... – e a minha voz parecia não estar saindo direito enquanto eu ficava olhando para ele. Não era justo. Não era mesmo.

Os mortos não deviam ter aq uela pinta toda do Jesse, recostado ali na minha cama com o sol entrando de lado e ressaltando suas feições perfeitas...

Ele levantou a sobrancelha, aquela que tinha a ferida.

-Algo errado, mi hermosa? – perguntou.

Fiquei olhando para ele. Era evidente que ele não sabia que eu sabia. Sobre as iniciais MDS. Eu queria perguntar -lhe a respeito, mas ao mesmo tempo parecia que não queria. Alguma coisa estava prendendo o Jesse neste mundo, alguma coisa o impedia de ir para o mundo que o esperava e eu tinha a sensação de que tinha a ver com a maneira como ele perdeu a vida.

Mas como ele não parecia fazer tanta questão de falar a respeito, fiquei achando que não tinha nada a ver com isso.

Isto era completamente inédito. Quase sempre, os fantasmas estavam o tempo todo em cima de mim implorando que eu os ajudasse. Mas não Jesse.

Pelo menos até agora.

-Quero te perguntar uma coisa – disse ele, tão de repente que eu cheguei a pensar que ele podia ter lido os meus pensamentos.

-O quê? – perguntei, deixando de lado a revis ta e levantando.

-Ontem à noite, quando você me disse para não me aproximar do colégio porque ia fazer um exorcismo...

Eu olhei para ele:

-Sim?...

-Por que me deu este aviso?

Eu ri aliviada. Era só aquilo?

-Eu avisei porque se você fosse até lá teria sido sugado como a Heather.

-Mas não seria a melhor maneira de se livrar de mim? Você ficaria com este quarto só para você. Exatamente como quer.

Fiquei olhando para ele horrorizada.

-Mas isto.. isto seria totalmente errado.

Agora ele estava sorrindo.

-Entendo. Contrário às regras?

-Isso mesmo – respondi.

-Quer dizer então que você não me convocou – e ele deu um passo em minha direção – porque está começando a gostar de mim ou algo assim?

Para cúmulo do desânimo, senti que meu rosto começava a se esbrasear.

-Não – respondi, teimosa. – Nada disso. Só estou tentando respeitar as regras. Que, por sinal, você violou ao acordar o David.

Jesse deu mais um passo na minha direção.

-Eu não podia deixar de acordá -lo. Você tinha dito para eu não ir até o colégio. Eu não tinha outra escolha. Se não tivesse mandado o seu irmão para ajudá-la, você agora estaria mortinha.

Infelizmente sabia que ele estava certo. Mas é claro que eu não ia reconhecer.

-Absolutamente – fui dizendo. – Eu estava com tudo perfeitamente sob controle. Eu...

-Você não estava controlando nada – riu-se o Jesse. – Você foi até lá empurrando com a barriga, sem ter planejado nada, sem...

-Eu tinha um plano – respondi, furiosa, dando um passo em direção a ele, o que nos deixou de repente quase encostando no nar iz um do outro. – Quem você pensa que é, para estar aí dizendo que eu não tinha nenhum plano?

Estou acostumada a fazer isto há anos, sabia? Anos! E nunca precisei da ajuda de ninguém. E muito menos de alguém como você.

De repente ele parou de rir. Agora pa recia zangado.

-Alguém como eu? Como assim? Do que foi mesmo que você me chamou?

De Caubói?

-Não – disse eu. – Estou querendo dizer de alguém morto.

Jesse vacilou, como se eu lhe tivesse dado um murro.

-A partir de agora vamos combinar assim – fui dizendo. – A regra número dois fica sendo que você não se mete no que é meu e eu não me meto no que é seu.

-Boa – respondeu ele, curto e grosso.

-Boa – fiz eu. – E muito obrigada.

Ele ainda estava zangado. E perguntou, de má vontade:

-Por quê?

-Por ter salvado a minha vida.

De repente, ele já não parecia zangado. Suas sobrancelhas, que estavam completamente franzidas, relaxaram.

Quando eu vi, ele tinha esticado os braços e pôs as mãos nos meus ombros.

Aposto que eu não teria sido apanhada de surpresa daquele jeito se ele tivesse enfiado um garfo em mim. O fato é que estou acostumada a esmurrar fantasmas, mas não estou acostumada a vê -los olharem para mim como se... como se...

Bem, como se fosse me beijar.

Mas antes que eu tivesse tempo de pensar no que ia fazer – fechar os olhos e deixar que ele fosse em frente ou aplicar a regra número três: proibido qualquer contato físico – a voz da minha mãe veio lá de baixo.

-Suzannah! – chamou ela. – Suzinha, sou eu, estou em casa!

Eu olhei para o Jesse. Ele imediatamente tiro u as mãos de mim. Um segundo depois, minha mãe abriu a porta do quarto e o Jesse desapareceu.

-Suzinha – foi dizendo ela, aproximando -se e me abraçando. – Como estão as coisas? Espero que não tenha ficado aborrecida porque deixamos você dormir. Você parecia tão cansada...

-Não – respondi, ainda meio tonta pelo que tinha acontecido com o Jesse. –

Não faz mal.

-Parece que você acabou não agüentando. Era mesmo de se esperar. Correu tudo bem aqui com o Andy? Ele disse que preparou almoço para você.

-Ele preparou um excelente almoço – respondi feito um robô.

-E o David trouxe o seu dever de casa, pelo que fiquei sabendo –

prosseguiu ela, afastando -se de mim e caminhando em direção ao assento da janela. – Estávamos pensando em preparar um espaguete para o jantar.

Que acha?

-Parece ótimo – disse eu, voltando a mim e vendo que ela estava olhando para fora da janela. Logo em seguida dei -me conta de que não lembrava jamais tê-la visto tão... tão serena.

Talvez fosse porque ela tinha parado de tomar café quando nos muda mos para a Califórnia.

Mas era mais provável mesmo que fosse amor.

-O que está olhando, mãe? – perguntei.

-Nada, meu amor – respondeu ela com um sorrisinho. – É só o pôr-do-sol.

É tão lindo! – Ela virou-se para passar o braço em volta do meu ombro, e lá ficamos as duas observando enquanto o sol mergulhava no Pacífico em meio àquele violento festival de vermelhos, roxos e dourados. – Quem disse que a gente poderia ver um pôr -do-sol assim lá em Nova York? Não é mesmo?

-Tem razão – respondi.

-Então – disse ela, dando-me um apertão. – O que acha? Acha então que podemos ficar por aqui um tempo?

Claro que ela estava brincando. Mas de certa maneira não estava.

-Claro – respondi. – Vamos ficar aqui.

Ela sorriu para mim e voltou a olhar para o pôr -do-sol. O último pedacinho da enorme rodela de fogo estava desaparecendo no horizonte.

-Lá vai o sol – disse ela.

-Eu já sei, ta legal – completei.

FIM!

Créditos:

Digitalização: n Juh n

(http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=11084731009047139409) Revisão: /roseee x3

(http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=3319045909342017970) Criação de PDF: / Roberta Mix

Dowloads Mix